

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“COTIDIANO E MEMÓRIA NA CIDADE
HISTÓRICA DE PIRATINI-RS”**

Miguel Arturo Chamorro Vergara

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientação: Professora Dra. Cornelia Eckert

Porto Alegre, Dezembro de 1997.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às instituições, entidades e pessoas que fizeram possível meu acesso a esta cidade e, sobretudo, à realização desta pesquisa, cujo resultado está nesta dissertação de Mestrado:

. à CAPES, por seu auxílio econômico, que foi imprescindível no resultado do trabalho, bem como na sua tradução para o português;

. ao IPAHE (Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico do Estado), de uma forma especial, pois, além de me proporcionar um “estágio”, estimulou-me, com seu trabalho preservacionista, a realizar esta pesquisa, informando-me dos conflitos que provocam as práticas de tombamentos de prédios históricos aos interesses sociopolíticos e ideológicos das entidades partidárias nos diversos municípios deste Estado do Rio Grande do Sul;

. à Prefeitura Municipal de Piratini, preferencialmente a suas Secretarias e funcionários e, de uma forma peculiar, à de Educação, Cultura, Esportes e Turismo, nas pessoas da Sra. Lizete Brisso, do Sr Paulo Gomes e da Sra. Zaira, que fez o melhor para permitir o meu acesso à cidade e às diversas informações fornecidas;

. a uma pessoa muito paciente, orientadora e confidente de muitas preocupações e inquietações, Sr. David de Almeida. Tanto suas reflexões como os seus escritos acerca da história de Piratini tiveram em todo momento uma força inspiradora em meu próprio trabalho de campo;

. à Igreja da Matriz, ao Padre Hilário, à Irmã. Martiza e à Magdalena, que atenderam a todas as minhas solicitações;

. ao maravilhoso povo de Piratini, por sua paciência, curiosidade e cordialidade com que tratou este estrangeiro do Chile. Obrigado pela oportunidade de conhecê-los e de estabelecer muitas amizades que jamais esquecerei;

. à família Barroso Panatieri, na qual fui adotado como um membro a mais, uma dedicação especial desta pesquisa. Ofereceram-me uma admirável entrega de carinho. Devo reconhecer com sincera humildade que esse lar converteu-se, em meus 3 anos e meio de estudo da cidade histórica de Piratini, em algo mais que um refúgio apreciado ao desespero, à dúvida. É uma família de força espiritual invejável e não sei como dizer obrigado. Devo-lhes muito para sempre;

. a duas antropólogas cujos ensinamentos repercutiram em meu fazer antropológico; uma delas, na fase inicial, mulher cujas idéias, de difícil esquecimento, fizeram com que eu viesse a ser um antropólogo. Obrigado, Professora Noemi Brito; a outra é a orientadora desta dissertação de Mestrado, que me dedicou compreensão e paciência. A sua expressiva dedicação por uma antropologia contagia. Obrigado, Professora Cornelia Eckert. Ambas são mulheres a quem devo minha demonstração de carinho para sempre;

. à minha terra do Chile, aos familiares e amigos, que ficariam tão contentes como eu de estar aqui no sul do Brasil para dar-se a oportunidade de compartilhar com os habitantes desta região;

. ao Brasil, graças, infinitamente.

ÁREA DE CONHECIMENTO: **Antropologia Social**

PALAVRAS CHAVES:

- 1) **Antropologia do cotidiano**
- 2) **Patrimônio cultural**
- 3) **Memória social**
- 4) **Memória coletiva**
- 5) **Identidade social**
- 6) **Cidade Histórica**

RESUMO

Esta dissertação de mestrado trata da memória e do cotidiano dos habitantes da cidade de Piratini (RS). Inicialmente busca-se tratar de sua história oficial, baseada no episódio da Revolução Farroupilha, evento transcorrido nos anos de 1835 a 1845. Parte-se do pressuposto que este acontecimento condiz a uma ordem de memória social e identidade cidadina.

Em seguida, a pesquisa tenta problematizar e reinterpretar a história oficial por meio de três notícias etnográficas descritivas que sugere-se como práticas vividas que nos desvendam memórias coletivas de tempos diversos, histórias descontínuas que nos remetem à tempos anteriores ao episódio Farroupilha, tempos caracterizados por uma colonização açoriana, cultura nativa indígena, origens rurais estruturadoras de formas diversas de viver o tempo e o espaço local.

Teoricamente problematiza-se o tema a partir das noções de patrimônio, identidade e memória. Conceitos que elucidam sobre as relações entre continuidades e descontinuidades culturais, memória oficial e memórias coletivas. Para tanto, o conceito de memória coletiva torna-se eixo central para investigar estas correlações, apoiadas nas lembranças e nas tramas do dia-a-dia como instrumentos de análise das transformações e persistências do fazer cultural de um grupo social.

Através dos resultados da pesquisa conclui-se que outras sobreposições temporais, outras ordens de tempo e espaço desta cidade histórica de Piratini existem na memória coletiva dos piratinenses.

ABSTRACT

This thesis, submitted for the Masters degree, is about the memory and the everyday life of the city of Piratini (RS). In this research I try to understand the city's official history, based upon the Farroupilha Revolution, an event that took place between the years of 1835 and 1845 in this state. The assumption is that this event is related to an arrangement of both the social memory and of the city's identity.

The research attempts to analyze and reinterpret this arrangement by use of three ethnographical descriptive notes, which I suggest to be lived-out customs. These customs reveal the collective memories of different times, the discontinuous stories that take us back to an era before the Farroupilha event, an era best described if we bear in mind the Portuguese — and specifically from Açores — colonization, the native indigenous culture, the structuring rural origin of different forms of living, the time, and the local space.

The notions of Legacy, Identity and Memory are analyzed theoretically, observing the continuity and discontinuity relationships, and the differences between the official and the collective memories. The notion of collective memory is

therefore used as a guideline for those correlations, some based on the memories and the everyday events, as tools for the study of the transformation and perseverance of the cultural making of a social group.

The conclusion, the results of this research is that in this historical city, Piratini, the collective memory of the city's residents has other temporal overlays and other temporal and spatial arrangements.

RESUMMÉ

Cette monographie pour le cours de Mestrado dans le Programme de Pos-Graduation en Anthropologie Sociale (IFCH-UFRGS) étudie la mémoire et le quotidien des habitants dans la ville de Piratini (RS). D'abord nous avons traité de l'histoire officielle, en ayant pour thème la Revolution Farroupilha, un événement qui a eu lieu dans les années 1835 et 1845. Dans ce cas, nous avons pour hypothèse que celui-ci tient un rapport avec l'ordre de la mémoire sociale et l'identité des citoyens.

En suite, notre recherche essaye à problématiser et réinterpréter l'histoire officielle par le moyen de trois nouvelles ethnographiques descriptives qui nous permettent de comprendre les pratiques vécues qui peuvent nous faire connaître les mémoires collectives des temps divers, histoires discontinues que nous ramènent à d'autres temps antérieurs à cette événement de la Guerre Farroupilha, temps caractérisés par la colonisation "açorienne", par la culture native autochtone, par des peuples d'origine rurale qui ont vécus de formes diverses les structures du temps et de l'espace locale.

En ayant pour but l'analyse théorique nous avons problématisé les concepts de patrimoine, identité et mémoire. Ces concepts nous permettent de reconnaître les continuités et discontinuités culturelles, mémoire officielle et mémoires collectives. Mais c'est le concept de mémoire collective qui est notre axe pour la investigation des relations, basé dans les souvenirs et les trames du jour-a-jour comme des instruments d'analyse des transformations et permanences des actes du faire culturel d'un groupe social.

Parmi des résultats de la recherche nous suggérons par conclusion que d'autres superpositions temporelles et d'autres ordonnations du temps et de l'espace existent dans la mémoire collective des habitants dans cette ville historique de Piratini.

ÍNDICE:

INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1. TRADIÇÃO E MEMÓRIA.....	23
1.1 <i>A Memória Coletiva e Coesão Social.....</i>	<i>25</i>
1.2 <i>Desfiguração do Homem e Cotidiano.....</i>	<i>34</i>
1.3 <i>Tradição Brasileira.....</i>	<i>40</i>
1.4 <i>Identidade</i>	<i>47</i>
Capítulo 2. AÇORIANOS NA PRIMEIRA CAPITAL FARROUPILHA	
2.1 <i>Influências Açorianas na Colonização do Sul Brasileiro.....</i>	<i>50</i>
2.2 <i>A Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Piratiny.....</i>	<i>67</i>
2.3 <i>O Destino dos Açorianos.....</i>	<i>72</i>
Capítulo 3. O CENTRO URBANO E AS FESTIVIDADES DA MEMÓRIA OFICIAL.	
3.1 <i>Centro Urbano e seu Patrimônio Histórico.....</i>	<i>75</i>
3.2 <i>Festividades.....</i>	<i>81</i>
Capítulo 4. A ZONA DO CEMITÉRIO.....	88
4.1 <i>O Bairro da Zona.....</i>	<i>91</i>
4.2 <i>Os moradores do cemitério.....</i>	<i>99</i>
4.3 <i>As Casas da Centro x Casas da Zona : diferenças espaciais e estilo de vida.....</i>	<i>105</i>

Capítulo 5. PAREDÃO	117
5.1 <i>Paredão</i>	
5.2 <i>Os Moradores de Paredão e suas Estratégias de Sobrevivências</i>	127
5.3 <i>A Casa em Barro e Teto de Palha</i>	136
Capítulo 6. A BICHARADA	153
6.1 <i>Aspectos do Teatro Popular Açoriano e a Dança do Entrudo segundo Oliveira Martins (1985)</i>	155
6.2 <i>Ari Valente e o Passado da Bicharada</i>	159
6.3 <i>A continuidade da Bicharada</i>	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado trata da memória e do cotidiano da cidade de Piratini (RS), que, baseada sua história oficial no episódio da Revolução Farroupilha dos anos de 1835 a 1845, condiz a uma memória social e identidade cidadina.

Essa história da Revolução Farroupilha é socialmente construída nos termos de Hobsbawn, isto é, numa tradição inventada que visa a inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica uma continuidade do passado, fazendo da cidade de Piratini uma localidade heróica, guerreira nas disputas por fronteiras na invasão castelhana e ante a dominação da administração Portuguesa. Essa herança é, hoje em dia, representada pelos fazendeiros, minifundiários ou criadores de animais e moradores do centro urbano, o qual resguarda a arquitetura através da preservação de seu mais belo patrimônio histórico.

A região do Rio Grande do Sul tem-se valido do acontecimento histórico da Revolução Farroupilha para ressaltar suas singularidades históricas e diferenças com relação ao Estado -Nação Brasileiro. Piratini é, sem dúvida, uma das cidades mais importantes para compreender algumas dimensões da invenção da memória regional, na medida em que foi congratulada como gloriosa, heróica e histórica, por seus serviços prestados às operações dos farrapos no ano de 1835.

Sugere-se que Piratini talvez seja uma das cidades deste Estado que mais importância tem dado à conservação de seu patrimônio histórico-cultural, preservando um conjunto de prédios antigos tombados que materializam uma memória regional, cimentando, como queria Durkheim, as referências emblemáticas que informam a identidade do gaúcho.

Porém, os piratinenses, acreditam nessa ordem legítima como a trajetória histórico-cultural de seu povo, história incorporada, como nos ensina Bourdieu, na teoria do Habitus, na temática da reprodução cultural e das determinações de classe ou grupo social. *

A motivação é tentar questionar essa ordem e reconstruí-la, pela memória coletiva, pelo cotidiano das histórias vividas, nos termos de Halbwachs, para recompor aspectos lacunares e descontínuos, que concebem outras ordens temporais da fundação e constituição do grupo como da tradição cultural, igualmente significativos nas construções de disposições situacionais dos valores dos piratinenses nas suas práticas cotidianas.

Por isso, a pretensão com esta dissertação será trazer à discussão três "notícias" etnográficas descritivas das formas cotidianas e experiências de vida dos habitantes na sua maneira singular de reordenar as memórias coletivas de tempos diversos, histórias descontínuas às que remetem à colonização açoriana, cultura nativa indígena, origem rural, formas de viver, etc.

A primeira "notícia" etnográfica tratará da zona do cemitério, um bairro de aproximadamente 110 a 120 famílias que migraram dos diversos sub-distritos rurais para o centro urbano, fabricando suas moradias ao redor de uns dos cemitérios mais antigos dessa cidade; a segunda apresentará a localidade de Paredão, lugar do meio rural, que fica no 3º subdistrito, a 92 km da cidade, no qual moram ao redor de 110 famílias; e a terceira será a mais diversificada de todas porque descreve uma festividade popular noturna chamada de "A Bicharada", a qual reúne diversas famílias do centro urbano.

Por meio destas "notícias" etnográficas objetiva-se, em uma perspectiva teórica, problematizar as noções de Patrimônio, Identidade e Memória, tendo por intenção relacionar as noções de continuidade e descontinuidade, memória oficial e memórias coletivas. A memória coletiva, não nega necessariamente a memória oficial,

mas dela se diferencia na forma como é construída pelos sujeitos e/ou atores sociais . ao contrario da noção linear de uma memória oficial , a memória coletiva é de fato uma sobreposição temporal.

Neste íterim ,tratar da memória coletiva de habitantes desta localidade pressupõe uma outra ordem de tempo e espaço para interpretar a historia de Piratini. Para tanto , o conceito de memória coletiva torna-se eixo central para pensar essas correlações, apoiadas nas lembranças e nas tramas do dia-a-dia como instrumentos de análise das transformações e persistências do fazer cultural de um grupo social.

Para tentar dar conta dessas preocupações de pesquisa, propõem-se os seguintes objetivos:

A) problematizar nos diversos saberes históricos locais e regionais, o aporte das tradições culturais fundadoras que foram pedra angular na construção de uma memória Gaúcha e Piratinense;

B) buscar na memória coletiva as formas de viver cotidianas dos piratinenses, aquelas práticas e representações que significativamente incorporem aspectos dessas tradições;

C) mostrar como uma festividade local carregada de traços açorianos se impõe ao ato de sua preservação por meio da memória coletiva .

Piratini localiza-se a 350 km de Porto Alegre, capital desta região do Brasil, e divide-se em 5 subdistritos, sendo o primeiro deles o centro urbano, que abriga uma população de 7009 pessoas, e os outros 4 da área rural, com 10.602 pessoas, somando um total de 17.611 habitantes.

Foi fundada no ano 1789 por casais açorianos portugueses. Sua economia e população cresceu sob a administração imperial, chegando a destacar-se como uma freguesia importante na prosperidade regional. Em 1830, foi emancipada para a condição de Vila, e, posteriormente, em 1837, foi elevada à categoria de Cidade.

Em 1835, foi escolhida pelos ideais republicanos como sede da Revolução Farroupilha, tendo estes encontrado nessa cidade uma estratégia geográfica para levar em frente a luta contra a administração portuguesa, episódio histórico que tem sua marca emblemática na identidade regional. Após a guerra, no ano 1845, Piratini retornou a sua antiga condição de vila, para voltar a ser elevada à cidade novamente no ano de 1938.

Piratini encontra-se na serra do Sudeste; limita-se ao Norte com os municípios Santana de Boa Vista e Encruzilhada do Sul; ao Sul, com os municípios de Herval e Pedro Osório; a Oeste, com Pinheiro Machado. A área desse município é de 3.459 km e seu ponto mais elevado é o Cerro Sandi, com 519 m de altitude, porém tem um relevo bastante irregular, com inúmeras elevações, como o Cerro Ubaldo, Cerro Galdino, e algumas serras, como a das Asperezas (a maior), Serra dos Garcias e Serra das Mercedes.

Esse município é banhado por dois rios: o Camaquã e o Piratini, e por um grande número de arroios. A vegetação é rica e variada, destacando-se árvores próprias para madeira, como angico, pinho, acácias, cedro, açoita-cavalo e outras, assim como o solo, que é rico em minerais como cassiterita, ferro, manganês, turmalina negra, mica e caulim cassiterita.

Esta pesquisa antropológica da cidade histórica de Piratini (RS) está marcada por uma trajetória de investigação, percorrida durante 3 anos e meio de estudos, a qual inclui as opções metodológicas e analíticas que se foram adotando, o número de inserções diretas que se efetuou com os moradores que foram pesquisados e alguns amadurecimentos da própria pesquisa, que favorecem a análise tanto no interesse de tratar o cotidiano desse grupo social quanto no da memória da sua cidade.

É uma pesquisa que reflete igualmente uma caminhada etnográfica prolongada de estadas de trabalho de campo, algumas curtas, outras longas e intensas, que permitiram significativamente, nesse contexto social, desenvolver a experiência do antropólogo.

O IPHAE

O desafio de investigação começou no mês de março do ano 1993, quando se iniciou um estágio no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, mais conhecido como o IPHAE. Esse órgão Estadual de preservação contemplava, dentro de seus projetos da região, a cidade de Piratini, com a finalidade de dar continuidade ao tombamento efetivo de seus prédios históricos, ações que ajudavam o resguardo da história memorial do centro urbano.

O projeto consistia em reconstituir o valor histórico do passado desses imóveis tombados e, sobre eles, implementar um programa educativo de conscientização da sua população, isto é, de divulgação da importância de a cidade de Piratini, ser vista e valorizada como a Primeira Capital Farroupilha. Na ocasião, a missão era contribuir com a captura de maiores conhecimentos da história do município e desses prédios históricos.

Iniciaram-se os trabalhos tendo por base estas preocupações; entretanto, delas resultaram as primeiras indagações sobre a tradição açoriana, um dos grupos colonizadores dessa cidade, o qual, no decorrer do tempo, conduz a outras indagações socioculturais acerca dos negros e indígenas que também formam parte da história de Piratini.

De fato, o IPHAE possibilitou uma série de atividades de pesquisa exploratória, algumas realizadas internamente, isto é, dentro do órgão, outras externamente. Ambas as experiências facilitaram, de um lado, tomar conhecimento das práticas preservacionistas que se efetuam nesse estado regional, e, de outro, levaram à inserção do estagiário no meio piratinense.

Obteve-se um material informativo preliminar importante graças à documentação existente no IPHAE, às visitas feitas ao arquivo histórico do Rio Grande do Sul, aos intercâmbios com técnicos do patrimônio, historiadores, folcloristas e algumas autoridades de Piratini.

Esse mesmo período exploratório, financiado pelo estágio, serviu para viajar a outro Estado com o desejo de visitar alguns bairros ditos açorianos que se situam em Florianópolis - Santa Catarina, tais como Ribeirão da Ilha, Lagoa da Conceição, Biguassú e São Miguel, buscando maiores informações e compreensão dos costumes açorianos.

CHEGADA A PIRATINI

A entrada na cidade de Piratini aconteceu representando o projeto do IPHAE, que levou a fazer várias visitas a essa localidade, tomando contato inicialmente com suas instituições e autoridades administrativas. Naquele momento, a primeira Capital Farroupilha era o centro da atenção e não tinha como ser visto de outra maneira. Aproveitou-se, então, esse período para visitar sua Prefeitura, Museu Farroupilha, Rotary clube, Amigos de Piratini, CTGs, Hospital, Igreja Luterana e Católica, Centro Espírita, Biblioteca Municipal e algumas escolas, locais nos quais foram coletadas diversas informações, como mapas do Município, Fotografias, História escrita de Piratini, cartões postais, vídeos e alguns dados estatísticos.

Essas primeiras viagens duraram em média de 3 a 5 dias, sendo a mais extensa de 8 dias, a qual pode-se denominar fase exploratória dos primeiros contatos efetuados durante todo o ano de 1993, chegando a um total de 7 visitas. Inclusive fô possível aplicar algumas entrevistas aos habitantes, relacionadas com os prédios históricos tombados, e elaborar um relatório de toda essa experiência.

Reconhece-se que esse processo de visitas tornou-se um tempo muito importante e decisivo para familiarização com a história e atualidade de Piratini, convivência com diversas personalidades e escolha de algumas amizades que facilitaram o futuro trabalho da pesquisa.

De modo geral, toda essa experiência no IPHAE estimulou a uma busca mais aprofundada dos aspectos das tradições de fundação dessa cidade histórica, isto é, da presença dos açorianos, negros e indígenas naqueles conjuntos de prédios preservados, o

que, para alguns historiadores, folcloristas e técnicos que trabalhavam nesse órgão era irrelevante.

SAÍDA DO IPHAE

No mês do novembro de 1993, saiu-se do *IPHAE*. Essa “*saida*” deveu-se à insistência em abordar questões açorianas relacionadas às moradias que se construíram no município. Estas indagações não ajudavam na preservação histórica dos imóveis e muito menos na sua associação à Guerra Farroupilha. Na verdade, o IPHAE não concordava com considerações apresentadas e julgou o relatório insignificante. Nele se denunciava que não havia um questionamento de por que Piratini não incluía na sua preservação a importância histórica da freguesia Nossa Senhora da Conceição de Piratiny, seu valoroso crescimento populacional e econômico, que outorgava um estatuto de destaque aos prédios do centro urbano.

Mesmo assim, recebeu-se apoio dos piratinenses para continuar com as investigações de pesquisa. Graças ao Padre Hilário, Irmã Mariza e, sobretudo, à família Panatieri Barroso, recebi estímulo para voltar a Piratini. Retornei no ano de 1994, para um contato mais intenso, que esclareceu algumas relações de poder que essa memória histórica oficial farroupilha exercia sobre os seus habitantes.

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Todas essas experiências que até ali se vivenciaram não só reforçaram os aprofundamentos da pesquisa como provocaram a entrada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, quando, em 1995, amadureceu-se tudo o que se tinha feito.

Todo esse período de formação antropológica forneceu subsídios metodológicos e analíticos propícios para retomar o estudo da tradição cultural de Piratini e escolher a memória coletiva como uma ferramenta analítica aos interesses de realizar a etnografia de alguns aspectos do cotidiano e da memória desses habitantes para responder a algumas hipóteses traçadas.

UNIVERSO

De outra parte, desde o início percebeu-se que os piratinenses considerados moradores do centro urbano diferenciavam-se dos moradores da zona do cemitério e da localidade de Paredão, os quais (estes últimos) sofrem uma série de estigmas a partir de suas condições e estilo de vida. As discriminações às características da forma de viver desses piratinenses levaram a escolher esses dois contextos sociais diferentes (urbano - rural) como o universo da pesquisa que nesta dissertação tentará se definir.

Tais locais foram escolhidos porque também servem tanto para ser comparados com o próprio centro urbano, quanto relacionar a identidade local com a memória oficial, na medida em que a partir da memória coletiva dos moradores em ambas localidades apresentam uma relação contrastante.

O primeiro grupo de piratinenses localiza-se no mesmo perímetro urbano, mais especificamente na zona do cemitério, onde mora um número aproximado de 120 famílias, cada uma composta em média de 5 a 7 componentes.

Os piratinenses, moradores da zona, são pessoas que à simples vista têm em comum seu tipo de moradia, que é pequena, e suas constantes mudanças pelo centro urbano e os subdistritos no interior do município.

A localidade conhecida "Paredão" por sua vez está localizado a uns 92 km da zona do Cemitério, no denominado terceiro subdistrito, mais conhecido como Paredão. Seu número de famílias é de aproximadamente 100 a 110, as quais têm em média de 6 a 9 componentes. Os moradores de Paredão têm uma série de características peculiares. Entre estas encontramos o tipo de casa que fabricam assim como a dinâmica do abandono e do retorno a essa localidade.

Optou-se por um convívio sistemático com estes dois grupos de famílias de piratinenses porque considera-se que ambas as realidades sociais permitem mostrar essa tradição cultural desde a lógica das suas vivências cotidianas e, sobretudo, porque a

sua investigação torna tais sujeitos estratégicos para problematizar a identidade local e a sua memória.

PERMANÊNCIA NO TRABALHO CAMPO

A permanência foi em torno de uns 72 dias numa localidade e de uns 63 dias na outra. O primeiro período de tempo foi realizado na zona do Cemitério e o segundo, no interior do município, na localidade de Paredão.

No ano 1995, começou-se a organizar os dados coletados para sua análise, assim como foram incorporadas novas informações, amadurecendo as hipóteses que se desejavam testar. Efetuou-se outras visitas de 3, 5 e 9 dias, durante todo o ano de 1995 até fevereiro 1997. Nesse mês de fevereiro, foram os últimos 40 dias, divididos em ambos locais. No mês de julho 1997, fez-se a última visita, na zona do cemitério, de 5 dias de duração.

Desde o início do ano de 1996, começou-se a escrever sobre Piratini, alternando com novas reflexões no ano de 1997, das quais resulta esta monografia de dissertação.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Entre as opções metodológicas, está o esforço em realizar uma etnografia da cidade histórica de Piratini, que requer trabalho de campo, observação participante e uma série de técnicas para reforçar a coleta de dados. Em ambos os locais, efetuaram-se diversas atividades de trabalho de campo, como observação participante, entrevistas, fotografias, histórias de vidas e algumas filmagens em vídeo. Pode-se acompanhar alguns aspectos da vida cotidiana que têm relação com as rotinas desses dois grupos de famílias, durante o decorrer dos dias da semanas.

Incluiu-se o uso da fotografia nesta dissertação junto ao texto escrito, mas tomada como dado importante do objeto de estudo, posto que as imagens fotográficas produzidas e recolhidas tanto da cidade histórica, como dos grupos de piratinenses pesquisados não só ilustram aspectos tratados pela narrativa escrita, como também elas

produzem uma narrativa imagética que oferece aspectos de que não trata esta mesma, pois as imagens podem apresentar vivências passadas e presentes da vida social desses sujeitos.

É como nos diz Guran (1978), que o uso da fotografia na pesquisa antropológica pode assumir um papel enriquecedor na medida em que a foto avance da condição de material ilustrativo para dado etnográfico; portanto, empregam-se fotografias em preto e branco e coloridas com três narrativas imagéticas que falam das formas de viver, da arquitetura das casas de barro e palha e da festividade da bicharada.

Na abordagem histórica utiliza-se aspectos da metodologia da arqueologia do saber de Michael Foucault, mas com uma visão diagnóstica de Antônio Cândido para pensar a tradição brasileira e a história local de Piratini.

APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta dissertação organiza-se em 6 Capítulos, e algumas considerações finais.

No *capítulo 1*, denominado **TRADIÇÃO E MEMÓRIA**, pretende-se construir um suporte teórico para dialogar com os temas centrais da pesquisa. Assim, também as ditas idéias analíticas serão fundamentos tanto para as abordagens realizadas no decorrer do trabalho de campo, como para o estudo da memória coletiva.

Essa articulação de alternativas teóricas conceituais é interesse primordial para privilegiar as práticas cotidianas desse universo de piratinenses a partir da memória coletiva que pode estar impregnada na tradição de uma determinada ordem cultural, o que permite descrever alguns dos aspectos que os indivíduos realizam nessa trama da vida, do dia-a-dia, e que são significativos para a caracterização do grupo social de que fazem parte.

De outra forma, a partir desse plano de conhecimentos que se recuperou de tais autores e da experiência etnográfica de campo realizada com o grupo, o estudo se

faz prático também tanto para uma reflexão sobre o regionalismo gaúcho como sobre a tradição brasileira.

A seguir, no *Capítulo 2*, denominado **AÇORIANOS NA PRIMEIRA CAPITAL FARROUPILHA**, adota-se uma reflexão crítica, mas necessária, do percurso da formação social histórica de Piratini, baseada numa série de saberes encontrados em arquivos escritos, como em discursos passados, com a finalidade, como diz Foucault (1986), de ir em busca para evocar rastros caídos fora do tempo e petrificados em seu mutismo, que foram e seguem sendo efetuados pelos livros, documentos, autoridades, habitantes, pessoas de dentro e de fora dessa localidade em relação à Primeira Capital Farroupilha. Isso implica um jogo de retomadas, rupturas, descontinuidades, esquecimentos e repetições, que desenham em parte o passado vivido e, sobretudo, uma maneira de ser dos piratinenses.

No entanto, estas páginas que se apresentam querem, antes de tudo, incentivar resgates de composições morfológicas sociais de populações existentes no sul do Brasil, sobretudo porque diversas revisões em torno das características do povoamento de uma localidade e seu crescimento socioeconômico parecem ser enriquecedoras para a retomada de aspectos significativos do período colonizador, local, regional e nacional.

Para esse fim, tentou-se recuperar informações que se concentram nas influências açorianas, mas com o desejo de tratar a problemática do período colonizador da região sul.

Apoiando-se também em uma perspectiva local, ou seja, fazendo uma reflexão da cidade de Piratini, recolheu-se um conjunto de comportamentos das tradições culturais “colonizadores e colonizados” vinculadas à vida cotidiana da freguesia e ao fato marcante da guerra Farroupilha. Tais registros históricos, de modo geral, servem como meio para problematizar sua própria história.

Sabe-se que essa maneira de integrar a parte da história do Rio Grande do Sul e a cidade de Piratini pode resultar complexa, arriscada e conflitante posto que se procura questionar o começo do processo da colonização até o episódio da guerra dos Farrapos, para descobrir o que teria acontecido aos açorianos que deram início a esse município.

Por outro lado, deseja-se mencionar a pobreza de alguns registros históricos que simplificam os acontecimentos vividos no passado regional da colonização. Tais práticas de uma herança guerreira e gaúcha parecem se reforçar nos discursos dos moradores que a reproduzem; entretanto, essas elaborações histórico-discursivas são utilizadas para indagar, conhecer, imaginar razões, motivos e preocupações indígenas, açorianas e negras que teriam existido no passado.

Por último, essa reflexão histórica inspira-se nas explicações realizadas por David de Almeida em seu livro chamado "Roteiro sentimental do passado de Piratini", cujas informações falam do passado vivido desse povo.

Logo, no **Capítulo 3**, chamado **O CENTRO URBANO E AS FESTIVIDADES DA MEMÓRIA OFICIAL**, considera-se importante mostrar como os piratinenses, especialmente os do centro urbano, estão sujeitos a uma memória histórica do passado da Revolução Farroupilha, com a qual esses habitantes convivem intensamente de múltiplas maneiras em seus cotidianos.

Nessas idéias apresentam-se algumas características do centro urbano e seu patrimônio na sua dinâmica de preservação histórica desse episódio, assim como a descrição de algumas festividades que reforçam essa memória social, cuja apreciação é importante no processo da identidade cidadina.

De outra parte, no **Capítulo 4**, denominado **A ZONA DO CEMITÉRIO - UM LUGAR PARA TRADIÇÃO PIRATINENSE**, e, no **Capítulo 5**, chamado **PAREDÃO - UMA TRADIÇÃO PIRATINENSE**, passam a ser as duas primeiras "notícias" etnográficas, toma-se o tipo de casa de ambos os lugares como dado

etnográfico para efetuar uma descrição antropológica de dois contextos sociais diferentes, mas que fazem contraste às formas de viver dos moradores do centro urbano, as quais foram sendo observadas tendo em consideração alguns estigmas que esses sujeitos recebem por causa dos lugares onde moram.

Tais espaços sociais, por sua vez, apresentam um conjunto de estratégias de seu modo de vida, que incluem as formas de trabalho e os tipos e usos das moradias que fabricam, dimensões cotidianas que dinamizam as lógicas rurais - urbanas que lhes impõe o seu dia - a - dia.

Quanto às estratégias das formas de trabalho desses piratinenses, tentamos mostrar aspectos de sua sobrevivência cujas fontes de ingressos se baseiam nas dinâmicas de seus empregos obtidos tanto do meio rural quanto do urbano, gerando uma mobilidade social que lhes permite garantir uma permanência no local onde moram, preservando seus valores tradicionais da vida campesina.

Já, nos tipos de moradias e os usos que esses sujeitos realizam, tenciona-se o espaço habitado com o desejo de revelar uma série de significados simbólicos das formas de morar que essas famílias de piratinenses escolhem. Tais moradias falam dos processos de sua fabricação, dos usos dos espaços habitados, que, mesmo tendo algumas semelhanças, trazem aspectos contínuos e descontínuos das casas antigas que existiram no passado do município, assim como busca-se destacar aspectos da distribuição espacial da casa açoriana urbana, que teria sido empregada nos tempo da colonização.

Na verdade, esses dois contextos etnográficos, tanto o do bairro da zona do cemitério, quanto o da localidade de Paredão, apresentam memórias coletivas diferenciadas que exprimem as formas de viver destas famílias .

Realizo nesta pesquisa, um estudo mais aprofundado das características interna das casas tratando de investigar sobre o uso dos espaços internos e externos e do valor e função dos objetos domésticos que revelam sobre uma estética do morar como

referenciais identitários de formas de viver em outros tempos históricos que englobam outras trajetórias, etnias e visões de mundo. Com isto, buscamos contrastar estas formas diversas e heterogêneas do habitar na região de Piratini, com a denominada "habitação oficial" que caracteriza o centro histórico de Piratini..

Na continuação, temos o **Capítulo 6**, intitulado **A BICHARADA**, que trata de uma festividade que é realizada no centro urbano, próxima aos tempos do carnaval nacional, a qual nos oferece alguns aspectos do teatro popular açoriano e da dança do entrudo, que ajudam a entender essa manifestação popular como uma vivência coletiva local antiga que acontece desde os tempos do mestre dom Ari Valente, porém hoje é rememorada a cada ano na prática do presente cotidiano pelas crianças e adultos do centro urbano. Buscamos dar a conhecer a Bicharada, porque ela se presta para pensar como o fazer cultural de uma manifestação festiva pode se preservar no tempo e espaço pela memória coletiva.

Da festividade recolhemos aspectos das vivências passadas, de seu início, tomados de relatos contados por piratinenses que participaram; com isso, tentamos recuperar os procedimentos dos preparativos, sua organização e as características da sua existência. De outra parte, essas lembranças nos servem como referencial vivido para compará-las com a Bicharada dos dias de hoje e tomá-las como uma apresentação estética das imagens da memória coletiva dos piratinenses.

Por último, concluímos com algumas **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, as quais procuram dar um resumo mais acabado do trajeto desta dissertação de Mestrado, dando uma espécie de amarração dos diversos aspectos tratados, reservando algumas idéias reflexivas acerca dos interesses da mesma pesquisa.

Se anexam após cada capítulos etnográficos uma narrativa de imagem com o propósito de fornecer maiores dados coletivos dos grupos e as experiências etnográficas vivida nesta pesquisa da cidade de Piratini.

CAPÍTULO 1

TRADIÇÃO E MEMÓRIA

A " Tradição" como tema de estudo parece caracterizar-se pela tentativa constante de explicar ou entender em que consistem os atos de transmissão de idéias e costumes, isto é, a herança cultural que passa de indivíduo para indivíduo, e principalmente de geração para geração. Mas o fato de que seu emprego ocorra de muitas formas, demonstra o quanto são diversificadas as apreensões de tais processos de transmissão. Talvez seja essa uma boa razão para que as ciências humanas a tomem como um conceito dinâmico e relevante, capaz de tratar de questões importantes como a modernidade, o regionalismo, a cultura etc.

Em quanto à tematica da "memória", os interesses filosóficos de Aristóteles e os Escolásticos como o sentido interno de reconhecer o passado como passado, isto é, uma coisa como já percebida . A partir disso, demandou os interesses de outras perspectivas de conhecimentos as quais se esforçaram por querer saber em que ela consiste.

Podemos dizer que tanto a "Tradição" como a " Memória" produzidas pelo estudos das ciências humanas com um interesse mais científico, tornaram-se úteis e operativas à própria demanda investigativa que ambas suscitam, ou seja, consagradas como dois grandes campos de descobertas para a produção de conhecimentos.

De certa forma é o que a Antropologia fez ao não abrir mão da potencialidade que ambas professam, no entanto, talvez as formas que buscamos para usá-las de maneira separada ou conjunta, isto é, estreitamente interrelacionadas aos fenômenos

sócio-culturais foi o que permitiu que as duas chegassem a nossa contemporaneidade antropológica como ferramentas relevantes ao exame das práticas cotidianas de uma cultura e importantes na compreensão de aspectos que dizem respeito ao indivíduo e à sociedade.

Ao que se refere à problemática dos Patrimônios Histórico - Culturais de preservação nos mais diversos contextos sociais, a " Tradição e Memória" tem ocupado seu lugar privilegiado dentro das ordens culturais envolvidas nesses processos; porém tão polêmicos e problemáticos no próprio meio de domínio das práticas institucionalizadas. Entretanto , quando a cultura é definida ou pensada por essas noções, concebe um papel à Antropologia no estudo do cotidiano de um saber cultural, que continua sendo uns dos aspectos de destaque na produção de interpretações específicas de um contexto social, sobretudo agora que o cotidiano vem assumindo novos desafios no âmbito das sociedades complexas.

Por isso, neste capítulo que denominamos " Tradição e Memória", tentamos nos apoiar num conjunto de idéias teórico - conceituais vindas de diversas orientações. Há vários pontos de vistas que pretendem auxiliar nosso interesse primordial de estudar no cotidiano a memória e a tradição de uma ordem cultural, isto é, onde aparecem algumas formas de viver dos sujeitos na trama da vida, desse dia a dia que convertem-se significativas para os laços de pertencimentos a um grupo social ao qual fazem parte.

No entanto, a partir de tais idéias reflexivas que recuperamos dos autores e da experiência etnográfica de campo realizada com o grupo estudado, torna-se relevante também tentar associá-las à problemática da identidade regional e da cultura brasileira.

1.1. A Memória Coletiva e Coesão Social

Entre os estudos sobre a problemática conceitual da "Tradição e Memória", a Memória Coletiva e a Coesão Social podem ser consideradas dois fenômenos sócio-culturais estreitamente interligados a essas temáticas, pois são expressões humanas que tratam de uma série de aspectos dos indivíduos e das tramas das relações sociais que se constituem nos processos cotidianos.

No campo das idéias antropológicas a chamada Escola Francesa apresenta uma teorização ou sistematização proveitosa sobre os fenômenos da Memória Coletiva e Coesão Social. Contudo, deve-se admitir que essa não é a única forma de abordá-las nem a mais completa para entendê-las.

Entre as produções reflexivas clássicas encontramos um conjunto de idéias teóricas expostas por Marcel Mauss e Maurice Halbwachs, as quais nos demarcam caminhos para os problemas da pesquisa sobre essas duas temáticas dentro de interesses antropológicos que desejam vê-las na análise do "fazer da cultura", onde as vivências humanas são as determinantes.

Por outro lado, a Antropologia desde sua origem tem feito da tradição parte constitutiva de seus próprios objetos de estudo, tanto que, as práticas de traduzir e descrever os diversos aspectos da cultura permitiram uma permanente e inesgotável busca de tradições humanas, as quais caracterizam de um modo geral as diferentes formas de viver e de pensar dos povos.

As diversas abordagens antropológicas reconhecem em si as tradições culturais como parte integral de uma humanidade plural, tradições que concederam à Antropologia o uso dos exames objetivos e particularizantes, os quais tratam das diversas dimensões dos indivíduos e das sociedades.

Entre as tentativas antropológicas está a proposta por Boas, antropólogo difusionista, que foi talvez um dos pioneiros a dedicar-se sem reservas ao empenho de interpretar uma cultura, tomando a tradição como processo marcante dela mesma.

Frantz Boas(1964) apoiou-se em suas próprias reflexões sobre o relativismo cultural e o reconstrucionismo histórico, onde desenvolveu práticas metodológicas da descrição meticulosa ou detalhista usadas como guia para seus interesses de pesquisa em seu trabalho de campo.

De fato, as descobertas desse autor, deram contribuições instrumentais e critérios operativos aos interesses do estudo da culturas e caminhos para análises profundas, pois Boas "(...) considerava possível a reconstituição mais fiel do contexto particular que é pesquisado." (Boas,1964: p.8).

Boas, entendia a cultura como o poder estruturante da tradição, questionando as teses evolucionistas de Morgan, podendo compreender a partir de tal processo reflexivo que "(...) a cultura em efeito é criação orgânica e viva, e não uma adaptação mecânica."(Boas, 1964: p.9)

Sahlins (1979) pensa que desde uma visão materialista - monista, Boas teria encontrado a cultura como o órgão da tradição. Segue este autor, "(...) vista no sujeito humano cuja percepção e o reconhecimento dependem de uma tradição mental, a qual por sua vez não é em si mesma decisiva, nem a única para o homem, mas de fato, para qualquer grupo humano a tradição em questão é um conjunto de significados acumulados, teoria coletiva e história que faz de sua percepção uma concessão."(Sahlins,1979: p.79)

Portanto, Boas, acredita que a " Tradição" está modelada pelas crenças transmitidas à maioria dos indivíduos como uma substância tradicional que resulta da cuidadosa observação e especulação da nossa geração atual e das anteriores. Isto é, além da característica da transmissão, baseia-se nas imperfeitas experiências de gerações e essas experiências caracterizam-se segundo Boas " (...) por não levar até o fim as explicações causais dos fenômenos, mas sim os amalgamas com outros conhecimentos

prévios, dependendo totalmente do caráter material tradicional que a geração possuía."

(Boas, 1964: p.224)

O caráter material e substancial da tradição visualizado por esse autor serve para demonstrar como ela está composta na cultura, e a forma como se manifesta quando associamos a um fenômeno um número de fatos conhecidos, cujas interpretações dão-se por conhecidas e nos satisfazemos com a redução de um fato novo aos previamente conhecidos.

Por tanto, a "Tradição" permanece na cultura depositada no conjunto de idéias dominantes que modelam nosso modo de pensar e determina o caráter dos esforços que os homens têm por explicar os fenômenos da natureza. Isto é, como nos diz o próprio autor :

"Creo que es posible demostrar que la razón de este hecho no debe buscarse en ninguna peculiaridad fundamental de la mente del hombre primitivo, sino mas bien en el carácter de las ideas tradicionales por medio de las cuales se interpreta cada nueva percepción determinando las conclusiones alcanzadas". (Boas, 1964: p 222)

Po outro lado , para Marcel Mauss (1974) , a "Tradição" é colocada como um dos fenômenos gerais da vida intra-social, isto é, ela se estabelece, cria e transmite de forma conjunta ou separadamente nas sociedades, grupos e subgrupos por meio das idéias e costumes dos homens. A " Tradição" pode aparecer segundo o autor " (...) expressa no fenômeno da coesão e da autoridade, os quais surgem de uma moral pública impregnada de religião, que reina em toda espécie de fatos totais porque consegue reunir todos os indivíduos e inclusive as coisas de uma sociedade sob todo os pontos de vistas e para sempre." (Mauss, 1974: p.196)

O fenômeno da "Coesão Social " não só passa a ocupar um lugar de destaque nessa moral elevada que os homens produzem através da força espiritual, emotiva e física de sua necessidade social, mas também constitui uma via relevante para a

compreensão da arte da vida em comum e as diversas manifestações tradicionais; sobretudo quando a coesão social passa a ser o processo pelo qual as pessoas fazem sua aderência ou apegam-se a uma ou mais tradições. Sendo cada tradição para o autor:

"A maneira como os mais velhos transmitem aos mais novos, um a um, todos os grandes grupos de fenômenos sociais." (Mauss, 1974: p. 115).

A coesão social consegue tanto traduzir como exemplificar tradições diferentes, às quais apresentam-se de diversas maneiras nas práticas e representações coletivas dos indivíduos, assim como pode se manifestar o fenômeno da autoridade que não só é feita *a priori*, como também *a posteriori*, isto é, como diz o autor "(...) não somente da obscuridade de pensamentos, mas também da antiguidade e da veracidade dos acordos humanos." (Mauss, 1974: p. 198)

O autor ao destacar esses dois tipos de tradição que podemos distinguir e diferenciar interpretando os diversos fenômenos que nela intervêm, não só nos amplia o entendimento da coesão social como também caracteriza suas interações. Por outro lado, nas práticas da coesão social podemos encontrar a "Tradição Oral" e a "Tradição dos Símbolos", que faz com que toda tradição seja em algum grau simbólica, como diz Mauss:

"Quando uma geração passa à outra a ciência de seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social como quando esta transmissão se faz pela linguagem." (Mauss, 1974: p. 115)

A coesão social realiza-se dessas duas maneiras tradicionais, as quais acham-se entrelaçadas e cuja eficácia transmite-se nas mais variadas ações dos indivíduos. Podemos presenciar rupturas morais, alterações de comportamentos que consistem freqüentemente em tomadas da consciência dos indivíduos e seus grupos, capazes de

realizá-las quando compreendem suas causas aprofundadas. Inclusive Mauss nos alerta ao dizer que:

“Não se deve confundir estas causas coletivas, orgânicas, com a ação dos indivíduos que são seus intérpretes, mais que seus senhores. Não há por que opor a invenção individual ao hábito coletivo. A cada golpe deve-se medir a potência e a impotência de cada tradição.”(Mauss,1974:p.117)

Estas tradições verdadeiramente conscientes são criadas de maneira pensada, transmitidas pela força, pois resultam das necessidades da vida comum, ou seja, de ações coletivas que buscam perpetuar seus costumes e idéias. Elas devem ser separadas do conformismo com o qual sempre são confundidas, pois são tradições que consistem no saber de uma sociedade que tem de si própria e de seu passado.

Mas é com Maurice Halbwachs que a forma de transmissão da tradição pelas experiências vividas desenvolve uma enriquecedora reflexão analítica sobre o cotidiano e as práticas coletivas. Para este autor o estudo da memória coletiva permite investigar sobre a consciência coletiva que inter-atua com uma série de fatos contínuos e descontínuos do passado. Para Halbwachs deve-se procurar e descobrir esta memória coletiva consciente entre as pessoas que têm seus segredos e seus depósitos.

Maurice Halbwachs (1990) trata por tanto da variedade de experiências humanas vividas, as maneiras e formas pelas quais uma memória coletiva atua e reconstitui-se nas significações dos indivíduos e grupos, no tempo e espaço através do depoimento das lembranças que, por sua vez, reforçam o desejo de interpretar os processos pelos quais transmite-se a tradição de uma ordem cultural.

Halbwachs apresenta a "Memória Coletiva" como as vivências humanas que recompõem o passado através de uma consciência coletiva e individual capaz de defini-la nas múltiplas experiências do tempo. Ou seja, como diz o autor “ (...) distinguindo vários tipos de tempo e nas diversas formas de memórias”. (Halbwachs,1990: p.15)

O autor decifra as diversas formas que podem reconstituir uma memória coletiva. Aponta um especial interesse pelas práticas do dia a dia dos homens, isto é, onde passa-se a trama da vida coletiva e se manifesta a individualidade dos sujeitos. Em tais circunstâncias os indivíduos evocam e depõem um variado conjunto de experiências compartilhadas, inclusive, aquelas que são do domínio e exclusividade da própria individualidade, pois a memória coletiva de fato não se vale só da individualidade dos homens, mas também intervém nela para se fazer existir por meio das lembranças.

As lembranças nos indivíduos, diz Halbwachs " (...)organizam-se e se interrelacionam de duas maneiras; aquelas que são consideradas mais da vida pessoal, que tem o caráter de distinguir aspectos singulares dos sujeitos e demarca as heterogeneidades, e aquelas lembranças de caráter impessoal na medida que são as que interessam ao grupo, ou seja, são o que dá referência a uma vida em conjunto." (Halbwachs, 1990: p.53) Ambas as maneiras de recordar contribuem para manter essas duas ordens sociais; individual e coletiva, assim como penetram freqüentemente nos indivíduos, como diz o autor :

" O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos, num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e tempo." (Halbwachs, 1990: p.54)

A Memória Coletiva ao ressaltar a individualidade dos sujeitos o faz por uma necessidade substancial, ou seja, ela apoia-se nos instrumentos que são as palavras, idéias, sentimentos e as imagens que os homens são capazes de elaborar conjuntamente na trama de suas vidas coletivas e que são evocados nas lembranças e acontecimentos, porque a individualidade ocupa uma participação reconhecida na recomposição contínua e descontínua do passado.

Sobretudo, a memória coletiva é responsável por recompor o passado por meio dos indivíduos e grupos nas múltiplas vivências em que a vida social se realiza. Na preocupação pela recomposição, o passado dá também uma detalhada demonstração de como apresenta-se a dinâmica da transmissão; são desafios que estão presentes a todo momento na obra do autor, dos quais derivam-se as diversas maneiras de examinar as lembranças e os acontecimentos que nos esconde o dilema do passado, a duração.

Nesse sentido Halbwachs recorre às categorias do tempo e espaço, para nelas oferecer de um modo concreto o complemento necessário para rever os dilemas da continuidade e descontinuidade da vida, assim como ver os componentes expressos nas práticas cotidianas que incorporam-se como formas ou aspectos, pelas quais a "Memória Coletiva" consagra-se.

Na problematização do tempo e espaço vividos aparece essa relação dupla, que impõe a memória coletiva composta pela individualidade e a vida coletiva. Nelas exercem-se as diferenças e reciprocidades e ao mesmo tempo num variado conjunto de vivências que terminam recompondo o passado vivido.

Entretanto, o autor distingue a "Memória Coletiva" da história justamente por que esta tem a característica de ser uma corrente de pensamento contínuo, ou seja, nas palavras de Halbwachs, "(...) de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo, que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém." (Halbwachs, 1990: p.81)

Para Halbwachs, na "Memória Coletiva" não existem linhas de separação nitidamente traçadas como na história, mas sim, limites irregulares e incertos, onde o presente é entendido como extensão por uma certa duração, aquela que interessa à sociedade de hoje. (A duração da vida humana coloca-se como a grande demarcadora do tempo, ou seja, para o autor "(...) ela pode se duplicar ou triplicar, mas no campo da memória coletiva a unidade de tempo é bem mais extensa. " (Halbwachs, 1990: p.84)

O tempo não é outra coisa se não uma sucessão de fatos, e a memória coletiva deve distingui-los nas divisões com que podem apresentar-se. A sociedade encarregou-se de organizar o tempo, nos obrigando a medir a vida sem parar, à sua maneira, e cada vez mais nos torna inaptos para pensar o tempo fora desta dimensão abstrata e externa, porém, o autor diz “ (...) que existe um tempo onde é necessário incluir os diversos tempos, em que se enquadram as lembranças e as próprias vivências para fazer-se possível interpretar.” (Halbwachs, 1990: p.101).

Finalmente, o que podemos encontrar na memória coletiva é uma multiplicidade e heterogeneidade de durações coletivas que permitem que ela avance para o passado até certo limite, mais ou menos distante, conforme este ou aquele grupo, a partir das consciências coletivas pelas quais se manifesta a "Memória Coletiva" onde a diferenciação dos tempos coletivos ajuda a entender melhor o conjunto da vida social dos grupos em todas suas partes. Se colocamos nossos interesses nos grupos sociais em primeiro plano e nas suas representações, teremos que conceber que o pensamento individual é composto por uma série de pontos de vista sucessivos sobre os pensamentos desses grupos. Sendo representado pelas consciências coletivas das quais participa, é necessário que o tempo passado possua uma certa imagem do tempo que subsista e se movimente, mas que dure pelo menos dentro de certos limites variáveis sempre de acordo com os grupos; até os limites que são variáveis quando recuamos ao passado. Como refere-se o autor :

"Os pensamentos individuais estão de acordo com os momentos; segundo o grau de sua participação neste ou naquele pensamento coletivo, alcançam lembranças mais ou menos distantes." (Halbwachs, 1990: p.130).

Já o espaço é um outro elemento que intervém conjuntamente nos tempos coletivos diversos que executam os grupos e indivíduos, bem como em suas práticas vivenciadas. Para Halbwachs o autor, o espaço é aquele ambiente que possui uma materialidade, que leva ao mesmo tempo nossa marca e as dos outros. Sendo ele

imaginado, todos esses elementos desempenham um papel importante dentro da memória coletiva.

Está relacionado com as influências que exercem os diversos lugares de uma cidade sobre os grupos que a ela adaptaram-se lentamente. Isto é, " (...) os grupos são ligados a um lugar, porque é o meio de estarem próximos do que foi criado por seus membros e as relações sociais." (Halbwachs,1990: p.135)

Toda " Memória Coletiva", diz o autor, se desenvolve num quadro espacial, é por intermédio do meio material que nos cerca e que se conserva do passado, não existe com efeito grupo, nem gênero de atividade coletiva que não tenha qualquer relação com um lugar; ou seja:

"Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, e essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre imagens espaciais. Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, os homens poderiam destruir suas casas, seu quarteirão, sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo o plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens." (Halbwachs,1990: p.136)

Isto não é totalmente errado, quando um grupo está inserido numa parte do espaço e este o transforma a sua imagem, ao mesmo tempo em que submete-se, este adapta-se as coisas materiais que a ele resistem. Assim, diz Halbwachs "(...) todo lugar recebe a marca de um grupo e vice e versa, então todas as ações do grupo podem traduzir-se em termos espaciais." (Halbwachs,1990: p.133)

Temos a prática de permanecer dentro do espaço, no qual poderíamos nos encontrar num espaço indeterminado, como nos lugares que conhecemos ou aos quais temos certeza de que podemos localizar já que fazem parte do meio material onde estamos hoje, pois será somente por meio da imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente.

1.2 *Desfiguração do Homem Moderno e o Cotidiano.*

Dizem que as idéias tradicionais foram um dia sustentadas por uma visão do homem; o qual não se separava de uma estreita relação com o cosmos. Eram os tempos de um ser tradicional que representou uma concepção unitária de homem. No entanto, uma série de acontecimentos fizeram que se fragmentasse, retornando ao mundo das coisas, limitadas ao universo dos fenômenos.

Durand (1979) efetua uma das reflexões críticas sobre esse processo de desfiguração do homem tradicional a partir da trajetória do pensamento ocidental, das rupturas e decadências que vieram a sustentar as próprias ciências dos homens.

A idéia básica do autor é apresentar como alguns acontecimentos fizeram com que a figura do "Homem Tradicional" resultasse num dos problemas mais críticos e paradigmáticos do saber ocidental. Isto, porque, segundo Durand, "(...) essa figura de homem foi digna de categorias básicas que distinguiam sua forma de pensar, não diferenciava o 'eu' do 'não eu', era um ser cujo mundo interno jamais se separou do universo, isto é, um 'saber único', que podia colocar em ação essa unidade e ordenar o mundo." (Durand,1979: p.31).

Por outro lado, para o 'Homem da Tradição' a concepção de homem é múltipla, da mesma forma que sua aparência pelo universo, fazendo com que a vida seja um êxodo, um retorno, ou seja; a razão de ser homem de seus atos, como de seu pensamento é a recondução para além da separação. Ou seja, é um pensamento tradicional que não estabelece a ruptura entre o múltiplo e o único, é a unidade simbólica localizada no mundo que ressoa no "eu" visto como diverso. Unidade, diz Durand, "(...) não é a redução de outro ao mesmo, ela é o princípio da unidade e ao mesmo tempo unidade do cosmos e pluralidade do 'eu'. (Durand,1979: p.37)

Entretanto, essa figura do homem da tradição começa a desfigurar-se por uma série de acontecimentos pelos quais são conduzidas as ciências do homem e que a

epistême contemporânea, através de seus modelos psicológicos, sociológicos e lingüísticos, acarretam o seu desaparecimento.

Um dos fatores, diz o autor, foi a própria crise filosófica ocidental que emerge com os temas das causas, grandeza e decadências das civilizações, do esfacelamento da consciência e da alienação do homem; isto é, do eterno questionamento: quem é o homem?

Mas a catástrofe metafísica impede o homem tradicional de ser figura sem ser intermediário de Deus, que, por outro lado, contribui para as ambições da Grande Igreja. Ou seja, para o cesarismo papal que estabelece o engrandecimento direto da alma e seu modelo divino, um Deus que passa a ser confundido com os desejos humanos. Mais que isso, que separa cuidadosamente a função humana do conhecimento e revelação, cujo uso e interpretação passa a ser reservada aos cleros.

Segundo Durand,, esta teria sido a desfiguração inicial do homem da tradição no pensamento ocidental que caracterizou-se por essa dupla faculdade. Por um lado, o homem privado dos recursos direitos concedidos ao Espírito Santo, e por outro, uma alma amputada capaz de apenas dirigir para os objetos sua dimensão espiritual, deformando-se uma vez que é distribuída pelos constrangimentos e pela força de uma organização social monopolista.

Uma outra catástrofe tratada pelo autor, é aquela que ocasiona-se contra a ditadura da Grande Igreja, originada pelos movimentos reformadores que oficializou o dualismo do profano separado do mundo sagrado: ou seja, " (...) o corpo separado da alma. Unifica-se acima desse parâmetro a fusão do mundo sobre a base vazia do cogito; isto é, rompe-se com um mundo múltiplo e com o 'eu único' que o 'Homem da Tradição' caracterizou-se." (Durand,1979: p.25)

Então passou para uma ordem do mundo que é dada subjetivamente pelo modelo da razão, sendo aqui o surgimento de um outro homem que passa a ser uma invenção recente, homem totalitário, pleno de ressentimentos, recalques e complexos.

Surge nele o ideal da ciência profana separada, positiva e objetiva, que tem ligação entre o ser aos princípios da história; o ideal recíproco da segregação do sagrado e dos valores culturais numa casta, uma classe ou uma sociedade privilegiada.

A filosofia ocidental, de outro modo, conserva a unidade, mas vazia de toda a vida, obtendo um saber fragmentado, dividido entre múltiplas facetas do pragmatismo dos especialistas técnicos.

Durand afirma " (...) que o que separa o 'Homem da Civilização' do 'Homem da Tradição' é o caráter mítico ou ontológico, onde Deus para o pensamento filosófico é uma ameaça exterior à sabedoria humana que o homem privado constrói para si. Cria-se uma distância entre os atos humanos, seus pensamentos e o princípio absoluto que poderia legitimá-los, a vida é um eterno exílio, separado da transcendência. "(Durand,1979,p.33)

A desfiguração do homem moderno gravita na existência desse homem da tradição e civilização, que nos é apresentado na tradição assim como na racionalidade humana que buscamos interpretar desde as interações e significações subjetivas.

No entanto, na tradição o autor constata que podemos achar o homem desfigurado na sua capacidade de atribuir o papel central a esse 'medium' da alma humana e coração, em relação as outras duas partes, corporal e mental. Na fala de Durand, "a tradição com o " (...) inteligente agente" permite ler o sentido das coisas através de suas imagens, sendo a inteligência um 'agente intermediário', um Espírito Santo, um anjo individualizado em cada alma humana e que algumas ciências humanas buscam nas concepções e práticas dos sujeitos." (Durand,1979: p.39)

Por último, Durand aposta que a Antropologia, de modo geral, em seu objetivo maior, esforça-se por não abrir mão pelo interesse do homem da tradição, da divinização dos sujeitos, desfigurado no homem moderno e para isso o busca na tradição, que por sua vez passa a ser o fundamento de sua validade.

Por outro lado, a tradição na presença desfigurada do homem moderno pode nos ser apresentada de diversas maneiras na sociedade contemporânea. Entretanto, o

cotidiano é uma instância enriquecedora para seu exame, ou seja, o cotidiano é um lugar no qual tanto a ação como o pensamento de uma desfiguração humana podem ser representados nas diversas práticas cotidianas sob vários pontos de vista. Isso porque sob a perspectiva do cotidiano podemos não só tratar das relações sociais fragmentadas da desfiguração humana, mas também de uma série de descobertas singulares que as vivências e a dinâmica do dia a dia produzem; onde as práticas cotidianas são uma forma concreta de oferecer conhecimento sobre a tradição.

De Certau (1994) apresenta por um lado um exame das práticas cotidianas de uma maneira qualitativa, analisando diversos elementos relacionados ao viver dos indivíduos e a seu modo de ser e, por outro lado, o autor mostra como o cotidiano passa também a ser uma invenção, ou seja, as práticas e maneiras de fazer o dia a dia permitem pensar diversos estilos de ação e a própria criatividade humana.

Sua análise aponta para uma relação sempre social que exercem as interações humanas no cotidiano, e sobretudo para uma análise dos esquemas de ação, isto é, dos modos de operação dos mesmos, não estando baseado diretamente nos sujeitos que são seus autores e seu veículo, como o mesmo De Certau diz:

“Cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais.”(De Certau,1994: p.38).

Um privilégio de sua proposta de análises está em fazer do cotidiano o centro da atenção na produção de conhecimento. No entanto, as práticas cotidianas que por outro lado são um conjunto grande e difícil de delimitar, mesmo assim, o autor diz “(...) que podem ser designadas a um nível de procedimentos, esquemas de operações e manipulações técnicas.” (De Certau,1994: p.109)

Tais idéias explicitam as diversas combinações de operações que os indivíduos podem realizar em relação a uma série de aspectos do cotidiano. Para isso, De Certau

propõe aprender a via descritiva, não perdendo seu interesse pela lógica dessas práticas, e algumas 'maneiras de fazer', e neste interim conhecer a dinâmica da criatividade humana.

Nesses interesses o autor apresenta um par de categorias a modo de delimitar um conjunto de práticas sociais possíveis por meio das "estratégias" e "táticas", sendo as estratégias :

“É o cálculo das relações de forças que torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio, e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta.” (De Certau,1994: p.46)

e o que denomina tática, como:

“Um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro”. (De Certau,1994: p.46)

A operacionalidade dessas categorias para a descrição de uma série de práticas cotidianas são relevantes, pois os tipos de táticas podem aparecer no falar, ler, circular, fazer compras ou preparar comidas, bem como, de modo mais geral, uma grande parte das maneiras de fazer serve para visualizar as relações de poder, isto é, "(...) vitórias dos fracos sobre o mais forte." (De Certau,1994: p.47)

Um outro conjunto de táticas pode ser encontrado no que o autor denomina como arte de conversar, isto é, nas retóricas da conversação ordinária que são as práticas transformadoras de situações, de palavras, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutórias instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém, como refere-se De Certau quando diz:

“A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis.” (De Certau,1994: p.50)

“A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis.” (De Certau, 1994: p.50)

Tanto nas idéias de Durand, como nas de De Certau, encontramos algumas considerações para uma reflexão contemporânea de como situar nossos dilemas da tradição. Suas contribuições são tomadas não apenas por sua condição reflexiva, mas também por seu valor estratégico, prático para ser articulado às outras preocupações teóricas que analisam a Memória Coletiva e a Coesão Social. Entretanto, outras duas questões são ainda relevantes para o fortalecimento do corpo teórico de nossa pesquisa, isto é, falar da tradição brasileira e da identidade; pois ambas estão presentes no decorrer de nossas preocupações.

1.3 *Tradição Brasileira*

Nos interesses de alguns intelectuais brasileiros, se encontra a tentativa de estudos exemplares de interpretação da "Tradição Brasileira", sobre a qual, o pensamento das ciências humanas exerceu modelos teóricos para compreensão desta sociedade. Entre as figuras nacionais destacam-se as obras de Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido entre outros; obras que foram produzidas a partir de uma visão diagnosticadora de aspectos do passado e presente do povo brasileiro, dando lugar a um corpo de conceitos e categorias que possibilitaram instrumentalizar a análise da mesma.

Trata-se de análises que exprimem um apego singular aos valores diversificados e heterogêneos do espírito humano do brasileiro, a fim de renunciar os preconceitos de seu povo e privilegiar as diversas características da formação e estrutura social. A maioria dessas abordagens tomam os tempos da colonização portuguesa para criticar os fundamentos 'Patriarcais' e 'Agrários' em que repercutem os antagonismos e as contradições sociais deste país

Freire, empenhou-se em evocar o passado do povo 'Brasileiro', através de seus estilos de residências e formas de existência que ainda hoje parecem agir sobre a vida e o caráter do mesmo povo. A obra "Casa Grande e Senzala" (1958) representa para o autor o começo do tratamento de uma série de aspectos da formação social com o intuito de efetuar uma história social da tradição brasileira.

Também o autor, se preocupa com detalhes mínimos da formação socio-histórico cultural da sociedade brasileira, os quais são apresentados na sua tese sobre a decadência do patriarcalismo rural e o desenvolvimento do urbano, que foram abordados com maior aprofundamento em sua obra "Sobrados e Mucambos" (1961). Entre a tese do autor está o caráter quase sempre "familiar", ou patriarcal, que o "brasileiro" adquiriu da civilização e que também se repete nos aspectos regionais diversos. Isto é, a

preocupação pela constante , quase sempre dentro de um afã de estabilidade familiar que afirmando-se em casas grandes rurais culminou em sobrados entre rurais para urbanos, mas sempre patriarcais. Como diz o próprio Freire :

"Brasileiro animado, predisposto à 'rurbanidade' . Isto é, um misto de urbano e de rural, de desenvolvimento e de estabilização, de ordem e progresso, em sua existência real. Uma forma de existência nem sempre atingida mas quase sempre procurada ou desejada por todo brasileiro."(Freire: 1961; XIII e XIV, prefácio)

Um dos valores das obras de Freire a ressaltar está no material descritivo que elas apresentam , sobretudo das interações das condições sociais vividas pelo povo , isto é , "(...) dos aspectos da vida material e dos preconceitos raciais da população negra e indígena na estrutura social dos tempos coloniais." (Freire ,1961: p.408)

Mesmo que o autor não tenha trabalhado todos os tipos de habitações brasileiras, simplificando para binômios comparativos, "Casas Grande e Senzala", "Sobrados e Mucambos", pode-se situar um cenário cotidiano do passado brasileiro a ser interpretado. Este nos fala da arquitetura doméstica ou civil no Brasil no seus contrastes, tipos, estilos onde se exprimem as diferenças e convivências sociais. Daí a relevância do interesse pelas cidades brasileiras, ou seja, como um conjunto complexo que permite ver a tradição brasileira expressada no seu meio físico e social , pois , como diria o autor, " (...) o brasileiro é um ser constituído de várias origens manifestadas não só de cultura mas também das manifestações híbridas do tipo físico."(Freire 1961: XLIX, prefacio)

Portanto, todas as significações históricas dos estilos sociais da habitação podem servir para pensar a singularidade dos tipos de casas como expressão cotidiana das cidades no sul do Brasil , assim como a sua situação social étnica e geo-econômica herdada de uma hierarquia social efetivada desde os tempos da colonização que ainda pode manter-se expressada nos tipos de casas hoje .

Porém, a visão de tempo usada pelo autor , segundo Villas (1988), opõe-se a uma dimensão universal para remontar as origens da sociedade eleita para estudo , ou seja,

" (...)afastando-se do caráter objetivo e universal para usar nas atividades de pesquisa recursos tais como a introspecção, a memória individual e a intuição , que incluem no processo de conhecimento o sentimento e a emoção." (Villas,1988: p.351) . Freire por essa razão diz que este autor é acusado de saudosista , e se vê na obrigação de esclarecer que, na realidade, se utiliza da saudade como se fosse um método empático de fazer reviver um tempo morto, pois torna possível a tentativa de interpretar uma sociedade cujo conjunto de relações se caracteriza como patriarcal.

Por outro lado a obra de Holanda (1969) critica uma visão hierárquica e autoritária da sociedade brasileira com o desejo de abordar as condições antagônicas por meio de conceitos que oferecem um jogo dialético dos fundamentos do destino histórico a qual chama de 'as raízes', mostrando suas manifestações nos aspectos mais diversos. O autor se vale do critério tipológico de Max Weber para formar pares que permitiram uma visão compreensiva do modo de ser , da estrutura social e política do 'Brasil' e dos 'Brasileiros'.

Na reflexão do autor , está o interesse, mais especificamente, de se estudar o meio rural (com seu clima e condições físicas) no qual teriam se desenvolvidos as relações sociais próprias da herança portuguesa. Nesse sentido, Holanda encontra toda a estrutura de nossa sociedade colonial baseada fora dos meios urbanos, ou seja , não foi a rigor uma civilização agrícola o que os portugueses instauraram no Brasil; foi, sem dúvida, uma civilização de raízes rurais. Como diria o autor :

"É efetivamente nas propriedades rústicas que toda a vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação européia: as cidades são virtualmente, se não disto, simples dependências delas." (Holanda, 1969: p.41).

Por outro lado, as cidades do Brasil, para o autor, diferenciam-se das colonizadas pelos espanhóis, na medida que as feitas pelos portugueses tiveram um caráter mais acentuado de feitorização do que de colonização; ou seja, " (...) não convinha que

em Brasil se fizessem grandes obras, ao menos quando produzissem benefícios imediatos.” (Holanda, 1969: p.74). Porém, na esfera da vida doméstica foi onde o princípio de autoridade menos acessível se mostrou a forças corrosivas que de todos os lados atacavam. Isto é, segundo o autor, " (...) o grupo familiar manteve-se imune de qualquer restrição ou avalo, sempre imerso em si mesmo e não tolerando nenhuma pressão de fora." (Holanda, 1969: p.49) .

Entretanto, os centros urbanos que apareceram no meio rural fizeram perder muito a posição privilegiada e singular dos senhores rurais, causadas pelas ocupações propriamente citadinas como: a atividade política, a burocracia, as profissões liberais "(...) o trabalho mental que não suja as mãos e não fatiga o corpo pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos, digna de antigos senhores , de escravos e dos seus herdeiros." (Holanda,1969: p .50).

Castro (1990) observa que as reflexões de Holanda sobre o passado como tradição brasileira parece ser um dos dilemas que ainda não acabou, devido a que não se chegou a uma solução sobre ele. O autor examina a categoria de "cordialidade" da análise de Holanda vista como relevante, "pois" como diz Castro, "(...) essa elaboração permite um conjunto de elementos básicos que servem para uma apreciação sobre o 'homem Brasileiro.'" (Castro,1990: p.16).

Castro, segundo Holanda, não concebe a 'cordialidade' do homem brasileiro como algo metafísico inerente ao ser. Pelo contrário, é uma mentalidade, um produto cultural da colonização portuguesa, e este dilema presente no homem cordial consiste em que essa qualidade se converte ao mesmo tempo em um obstáculo e uma proteção para o avanço da sociedade

Por outro lado, o fato que no Brasil tenha imperado desde os tempos remotos o tipo primitivo da família patriarcal , o desenvolvimento da urbanização não resulta unicamente do crescimento da cidade, mas também, do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influências da cidade. Isso,

segundo Holanda, " (...) teria acarretado em um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos até hoje." (Holanda, 1969: p.105).

Por isso Castro enfatiza esse aspecto da cordialidade de Holanda, permitindo entender porque o homem brasileiro não tem certas formas de associativismo, e porque, apesar disso, tem atividades coletivas; isto é, um outro tipo de solidariedade cujo dilema está situado através de dois grupos de categorias divergentes segundo Holanda: " (...) a de cooperação e prestação, por um lado; e competição e rivalidade, pelo outro." (Castro,1990: p. 18)

Com tudo isso, uma das grandes razões de ter acontecido todo esse processo de construção social era justamente o que Holanda, segundo Castro, teria encontrado na capacidade que os portugueses revelavam para "amoldar-se a todos os meios, em prejuízo, muitas vezes de suas próprias características raciais e culturais", que fazia deles um gigante na obra colonizadora, muito mais presentes de que todos os que, com sua inflexibilidade, permaneceram atrelados aos modelos do velho mundo.

Por último, a obra " Os Parceiros do Rio Bonito " de Cândido (1964), visa em linhas gerais conhecer os meios de vida da cultura caipira de Bofete - São Paulo anos 1948 e 1954 : quais são, como se obtêm , de que maneira se ligam à vida social, como refletem as formas de organização e as de ajuste ao meio. Ao analisar uma população rural no meio urbano destaca duas expressões ; 'rústica' e 'caipira', termos que são usados para pensar os valores da vida campesina e seus próprios aspectos culturais. Seria então, como diz o autor :

"O termo rústico é empregado aqui não como equivalente de rural, ou de rude, tosco, embora os englobe. Rural exprime sobretudo localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine. Para designar os aspectos culturais , usa-se aqui, caipira, que tem a vantagem de não ser ambíguo(exprimindo desde sempre um modo de ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial) e a desvantagem de

restringir-se quase apenas ,pelo uso inveterado, à área de influência histórica paulista. Como neste estudo não saímos dela, o inconveniente se atenua ." (Cândido,1964: p.7-8)

Nesse sentido , Cândido favorece a existência de um determinado grupo social ao fazer notar aspectos da sua cultura , mostra as transformações das condições de vida do homem brasileiro do campo, não só estão baseadas em aspectos ou enunciados políticos e investigação especialmente econômicas e agrônômicas; mas também “ (...)no estado da sua cultura e da sua sociabilidade” (Cândido, 1964: p.4).

O autor usa Holanda para tratar da expansão paulista, ou seja , questões históricas da formação social da sociedade tradicional caipira. Valhe-se também de orientações da antropologia e a sociologia para desenvolver as interpretações das formas de organização da vida social dos agrupamentos de caipiras ; recorrendo aos detalhes descritivos para que possam ser expostos os aspectos da sua cultura.

O estudo de caso de Cândido representa uma maneira objetiva de abordar a "Tradição Brasileira" num contexto social específico a fim dar compreensão as manifestações culturais do homem brasileiro , tanto que Carvalho(1992) toma a esse autor como o inaugurador no Brasil, com bastante precedência, de uma linha de investigação hoje expandida na historiografia, cujo alvo segundo Carvalho “ (...) é unir os registros históricos 'objetivos' à auto-reflexão dos grupos estudados, atribuindo ao mesmo caráter documental e somando-os à mesma crítica indispensável no trato com outros materiais. " (Carvalho,1992: p. 81)

Segundo este autor, Cândido com seu estudo recupera o equilíbrio dos vários setores da cultura, sem jamais supor sua unidade originária, repousando sobre uma base estável, um lugar natural definidor e constitutivo das relações sociais; pelo contrário, o mundo físico do caipira é duplamente móvel, por sua própria ação exploratória, que os obriga a deslocar-se em busca da subsistência; pelos bruscos movimentos que o expulsam das terras precariamente ocupadas, indagando sobre a formação histórica desse cenário.

De outra parte, Hirano (1992), considera que na obra de Cândido existem idéias de que a tradição se forma no processo histórico, pois a análise que faz de uma dança e cantos rústicos de uma cultura caipira leva a ver a tradição como o resultado de um longo processo de formação cultural que ocorre no Brasil pelo contato entre o colonizador e colonizado, configurando o surgimento de uma nova formação cultural singular . Para tanto diz o autor:

"O conceito da tradição seria o resultado de uma nova construção e de um fazer-se que está vinculado à prática histórica tensa e conflitiva, que parece acabar numa cultura-síntesis, isto é , formada pelos traços culturais indígena e portugueses, os quais resultaram na cultura caipira." (Hirano,1992: p. 86)

O conhecimento do passado pela tradição, diz o Hirano, levou Cândido a focalizar com vivo interesse os casos individuais, os detalhes significativos, e a optar pela análise qualitativa no estudo da cultura caipira: denominando-a como uma variedade sub-cultural do tronco português, sendo ambas produtos culturais que se formam em contextos históricos definidos no tempo e espaço. Isto é, " (...) existe uma prática, um fazer e um atuar guiados pelos sentimentos, pensamentos, crenças e aspirações em que os homens interagem numa comunhão de almas e afetos, que resultam na formação de raízes de traços culturais que se acumulam no tempo e no espaço histórico definido." (Hirano,1992: p.90)

Tradição Brasileira, tomada desses aportes qualitativos dos exames de Freire , Holanda e Cândido, e as reflexões tiradas em seus interpretadores Castro, Carvalho e Hirano, apontam para um conjunto de imagens que podemos estabelecer da tradição do homem brasileiro. Todas elas são enriquecedoras para a abordagem antropológica, na visão de diagnóstico de uma realidade local, de aspectos construído no processo da sua formação histórica vivida no tempo, sobre o qual a tradição piratinenses também forma parte.

1.4 *Identidade*

Rubem (1986) diz que a identidade como noção teórica apresenta uma trajetória histórica de formulações que, na versão contemporânea da Antropologia, "(...)deve-se ao fato de possuir uma funcionalidade cuja função é compartilhar determinados bens ou esferas significativas da vida social ." (Rubem,1986: p.79)

Para esse autor a preocupação de falar da identidade está na tentativa de definir os fenômenos que estão presentes na versão dessa noção, que viria a ser a determinação de certa dimensão irreduzível da qual toda sociedade ou grupo humano seria portador .

Rubem acha, de modo singular, que a Antropologia utiliza essa noção para privilegiar a multiplicidade, a diferença, o contraste, isto é, uma formulação que seja útil em seu emprego para tratar o diverso no interior de uma sociedade.

No entanto, para Lévi-Strauss (1977), o problema da identidade é colocado como o desejo de não reduzir as sociedades diferentes a essa noção que é puramente teórica, ou seja, que "(...) a identidade é um tipo de foco virtual ao qual é indispensável que nos refiramos para explicar um certo número de coisas, mas sem que tenha jamais uma existência real." (Levis Strauss, 1977: p.330)

Por outro lado, Bourdieu (1989) aponta para o uso comum das categorias de identidade e representação que encontra sua justificativa no conceito de região. O debate proposto pelo autor aponta direto para sua relação social, isto é, a identidade nas lógicas das práticas sociais, como diz Bourdieu;

“Fazer dessa categoria disposta à percepção e apreciação das representações mentais onde os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos e das representações objetivas, em coisas ou atos, estratégias interessadas a representação mental que outros podem ter destas propriedades e de seus portadores, pois assim poderá se compreender as lutas das classificações.” (Bourdieu,1989: p. 112)

Nesse sentido, o autor rompe com as pré-noções que se elaboram quanto à representação e a realidade com a intenção de se incluir no real, onde a representação do real não é mais que dar a conhecer as divisões do mundo social e a sua visão, podendo se pensar a identidade ligada a estes interesses. Isto é, "(...) um mundo social que é também representação e vontade, pode ser percebido como distinto." (Bourdieu,1989: p. 118).

Cardoso de Oliveira (1971) faz uso do conceito de identidade considerada como um dos fenômenos comuns do contato inter-étnico, que pode ser estendido para retratar as relações de indivíduos e grupos. Nesse sentido, para Cardoso de Oliveira, " (...) a identidade teria duas dimensões; isto é, a pessoal (individual) e a social (coletivo) e esses níveis fazem dessa categoria um fenômeno bi-dimensional." (Cardoso de Oliveira ,1971: p. 926).

Por outro lado, para o autor os mecanismos de identificação são fundamentais para entender as relações contrastivas da identidade, enquanto " (...) é assumida pelos indivíduos e grupos em diferentes situações concretas." (Cardoso de Oliveira ,1971: p.927) Essa identidade contrastante parece, segundo o autor, constituir-se na base em que esta se define como afirmação de nós sobre os outros, como fala Cardoso de Oliveira:

“Cuando una persona o un grupo se afirman como tales lo hacen como medio de diferenciación en relacion a otra persona o grupo con que se afrontan. Es una identidad que surge por oposición , ella no se afirma aisladamente" (Cardoso de Oliveira,1971:928)

Por último, Brandão trata a identidade ressaltando os tipos de pessoas que podem ser encontradas nela, isto " (...) é, uma trama complicada de relações de direitos e deveres socialmente codificados e escritos nas regras de trocas entre os atores sociais de seu mundo." (Brandão,1986: p.36).

Nos tipos sociais de pessoas se encontrariam os grupos dentro de uma sociedade, ou seja, isso aponta, segundo o autor, para compreender os mapas sócio-culturais que traçam para os indivíduos os caminhos da suas trajetórias, como Brandão diz:

"A experiência de vida de cada um de nós confirma uma conclusão a que os estudiosos sobre o assunto acabam quase sempre chegando; não é fácil separar a dimensão da construção e do exercício cotidiano da identidade de sua dimensão social. Na verdade de suas varias dimensões sociais e socialmente simbólicas." (Brandão: 1986: p. 39)

Ao ascender a essa noção da identidade na escolha de tais autores não fazemos mais que argumentar o quanto a identidade está impregnada na tradição de um grupo social. Assim, tratar do cotidiano nos remete a conhecer o processo de construção social da identidade dimensionado nas vivências e experiências dos sujeitos, passadas e presentes.

CAPÍTULO 2

“AÇORIANOS NA PRIMEIRA CAPITAL FARROUPILHA”

2.1-Influências Açorianas na Colonização do Sul Brasileiro

A história do Rio Grande do Sul tem sido tratada e registrada por viajantes, folcloristas, arqueólogos, historiadores e literatos, preocupados de uma forma diferenciada com o passado colonizador regional. Entre as diversas produções escritas encontramos as que se referem aos açorianos¹²; que, mesmo resultando uma informação que parece ser precária, desempenha uma utilidade primordial com idéias sobre os tempos chamados primórdios³ da ocupação territorial da região do sul do Brasil. Isto significa a existência de um conjunto de preocupações específicas por explicações e características básicas do processo colonizador, assim como da herança cultural, desse grupo social português.

Tanto é assim que podemos nos certificar da existência de diversos registros históricos que falam da ocupação açoriana nas terras do sul, das influências nos costumes e tradições da cultura do gaúcho e, sobretudo, do próprio processo de formação social da região, ou seja, do povoamento que deu origem ao Rio Grande do Sul.

No entanto, as indagações a respeito do destino dos açorianos, podem resultar num dos temas polêmicos do período da colonização regional, na medida que

¹ Açorianos, é o grupo colonizador português que foi trazido para ocupar as terras do Rio Grande do Sul, as terras estas que estavam reservadas para o império espanhol.

diversas especulações a respeito dessa povoação guardam desconhecimentos, desinteresses, até negação da descendência desses ilhéus agricultores nas pessoas que vivem na região.

Por outro lado, escritos sobre os açorianos parecem expressam a nosso ver uma espécie de açorianidade regional² vinda do passado que assegura, ou legitima, um espaço visível dessa tradição cultural na identidade regional, quer dizer, voltada à construção social da identidade do gaúcho.

Nesse sentido, reflexões como as de Wiederspahn (1979), podem ser consideradas como exemplos quando o autor aposta no potencial numérico desses colonos vindo das ilhas dos açores para o estado de Santa Catarina, e transferidos para Rio Grande do Sul, destinados a povoarem inicialmente a ocupar as missões orientais, então cedidas por Espanha para Portugal pelo Tratado de Madri em troca da colônia do Sacramento.

Na tese numérica da povoação açoriana na região do sul, o autor destaca seu espaço visível no aporte para a formação social da vida rural gaúcha; amalgamas unificadoras das diversas minorias étnicas existentes, como mesmo Wiederspahn(1979) diz:

“Dado o seu potencial numérico e sua posição inicial mais próxima a das classes menos favorecidas dos agregados e dos soldados sem graduação alguma, mesclar-se-iam preferencialmente com as famílias destes, provocando uma verdadeira assimilação popular em seu favor, de baixo para acima. Com os seus novos parentescos consangüíneos em todas as classes sociais existentes então na capitania sulina, os açorianos e seus primeiros descendentes diretos constituir-se-iam em relação as minorias existentes então: os diversos grupos de clãs de estancieiros em torno dos quais começara a girar todas as atividades sociais e políticas na incipiente vida rural gaúcha. Assim podemos afirmar que existe algo de açoriano em tudo o que se nos apresenta como tipicamente Sul-rio-grandense, não só na ascendência mesclada com velhos troncos paulistas e lagunistas e nos de outros tantos mais recentes, de origem portuguesa ou não, como no linguajar, nos usos e costumes regionais gaúchos.”
(Wiederspahn, 1979: p.133)

2. Açorianidade regional, se trata de uma terminologia para pensar todas as idéias açorianas que se internalizaram na sociedade gaúcha, como a música, dança, dizeres, falas, alimentação, etc

Entretanto, Flores (1991) acha, que essas tentativas, de investir na recuperação dos aspectos de um grupo social totalmente extinguido³, são tardias. Porém, o diagnóstico da colonização regional em base dos açorianos, talvez seja umas das possibilidades para indagar diversos aspectos cotidianos das experiências vividas do período da colonização e sendo assim as reflexões de Flores, exposta em suas notas sobre as influências açorianas⁴ no "Rio Grande do Sul", parecem apresentar caminhos para tais expectativas.

Nas influências açorianas esse autor efetua uma prática de recomposição e avaliação da tradição colonizadora dos açorianos, denunciando que "(...) a essa povoação portuguesa os sinais de suas identidades em relação à arquitetura, as artes, alimentação e folclore, são exagerados e distorcidos." (Flores,1991: p.62)

Flores, questiona-se sobre a existência de um mito açoriano. Quem o teria elaborado e com que propósito? Não só encontra uma resposta para essa questão percorrendo uma análise dos aspectos migratórios, historiográficos sejam de ênfases liberais, positivista ou outros provenientes do âmbito literário⁵, como detalha os vários fatores que contribuem para a existência de poucas marcas de uma identidade açoriana na cultura gaúcha. Entre os fatores, segundo o autor estão :

"A pequena quantidade de ilhéus que aqui se fixaram em curto período de tempo; as similitudes dos traços culturais açorianos com os dos portugueses do continente; a grande corrente de brasileiros de outras províncias que povoaram o Rio Grande do Sul; o mito açoriano criado pelos intelectuais rio-grandenses em fins do século passado e início deste, que ocultou seu o véu diáfano da fantasia a verdadeira contribuição cultural açoriana, que se esvaiu ao longo do tempo antes de ser corretamente registrada em pesquisas. A produção literária de inspiração ou temática açoriana é pequena, o que reforça nossa conclusão."(Flores,1991: p.68-69)

3. Grupo extinguido, está relacionado com o destino da descendência açoriana de não ser admitida.

⁴ Influências açoriana, para pensar esta tradição portuguesa, mas que acaba recebendo um tratamento difusionista ou folclórico dos estudos regionais efetuados.

⁵ Âmbito literário, trata da produção de obras escritas pela literatura regional como as produzidas por Assis Brasil que recuperam elementos do passado vivido por esta cultura açoriana

Tais conclusões do autor contêm aspectos significativos para a revisão da colonização açoriana nas diversas localidades da região; no entanto, esses fatores não escondem um grau de conformidade implícita nessas colocações que têm a tendência de delimitar ou limitar novas ênfases interpretativas da tradição açoriana na cultura Rio-grandense.

Por outro lado, a própria insistência nas chamadas influências açorianas que vão atrás da herança vivida no passado pelos açorianos não se esgotam na perspectiva de análise de Flores, e muito menos, em seu valor estratégico para interpretações das conseqüências de sua precariedade aos interesses regionais.

Mas sim, nos dão alternativas para pensar essa tradição fundadora junto a outras que fizeram parte das características da ocupação territorial regional, a qual faz referência a algumas práticas colonizantes que, vindas pelas ações portuguesas, trazem condições específicas de contatos, interações sociais, depositando uma conjuntura histórica que nos demonstra diversas reações por parte dos indígenas que já moravam antes da presença dos descobridores.

Assim as chamadas " influências açorianas" atraem um interesse sócio-histórico indagador do cotidiano das interações das migrações de povoações. Isto é, a partir de um universo de indivíduos de diversas origens, como caracteriza-se a ocupação física das instalações étnicas e sociais na região sul e como reflete-se o convívio e conflitos de núcleos indígenas⁶, recebendo negros, açorianos, militares, missioneiros, etc.

Na medida em que as influências açorianas⁷ passam a ser revistas como parte constitutiva da colonização sul brasileira, nos envolvemos em exames cruciais das ocupações físicas de povoações heterogêneas entre as quais o componente étnico forma parte integral e decisiva nas fundações dos municípios chamados pioneiros, e no próprio cotidiano social dos tempos da freguesia.

⁶ Núcleos indígenas, populações existentes, algumas migratórias da região do Paraguai das Missões que viviam nestas terras desoladas

⁷ As influências açorianas possuem uma visão folclorista da tradição cultural desses colonizadores portugueses, mesmo assim são uma porta de entrada reflexiva para sua abordagem antropológica.

Além das preocupações pelas experiências cotidianas⁸ do período da colonização nos deparamos com a configuração de uma povoação representativa que teria sido mão de obra expressiva para o tipo de agricultura que desempenhou-se no começo do regionalismo, com a plantação de hortaliças, milho, mandioca, frutas e especialmente favorecendo a área do trigo, talvez umas das fontes econômicas acumulativas importantes do desenvolvimento da administração portuguesa. E, de outra forma, essa mesma mão de obra está comprometida com as construções físicas das chamadas colônias agrícolas ou núcleos urbanos vistos solidamente organizados como freguesias instauradas na maioria dos municípios pioneiros.

Ambas as práticas sociais do período Brasil -colônia, a agrícola e de construção, despertam nosso interesse porque são executadas com base em um conjunto de convivência inter-étnica e social realizada por esse grupo social heterogêneo, que acabaram beneficiando às administrações portuguesas, ao incremento de seu comércio exportador e, sobretudo, à instauração da pecuária consolidada para uma suposta classe 'senhorial'⁹ que se formou no decorrer de todo esse processo regional estruturante.

Quando revemos as influências açorianas marcadas pela estratégia de ocupação territorial que refere-se às características geográficas específicas dos municípios pioneiros da região percebemos que a povoação açoriana está situada na maioria destes municípios. Por outro lado, esses municípios pioneiros se caracterizaram por ser territórios muito extensos, sendo então difícil possuir um controle eficaz da sua própria espacialidade. Isto é, especificamente como estes foram ocupados, distribuídos e como se relacionaram negros, índios, açorianos, militares, religiosos etc.

Não chega a ser essa a única possibilidade para indagar-se por que as Administrações Portuguesas não tiveram o controle de como os moradores dos municípios pioneiros do período colonial moravam, já que nos diversos registros

⁸ Experiências cotidianas históricas, as práticas agrícolas e a fabricação de casas dos núcleos urbanos dos municípios pioneiros.

⁹ Classe senhorial.. trata-se dos grandes proprietários rurais, aos que refere-se Oliven,1992: p..50

históricos regionais consultados nos deixam vagas suposições, cujas informações são poucas e parecem ser informações de pouca relevância significativa.

Há a ausência descritiva das relações inter-étnicas dessa população heterogênea ou da trajetória desse período de formação social. Isto é, desse cotidiano do começo daqueles núcleos sociais das cidades pioneiras podem ser desfavorecidos porque, de modo geral, não chegaram a ter o mesmo ou semelhante estatuto que ressaltasse como os acontecimentos das guerra e conflitos da região que fizeram do Rio Grande do Sul um território conflitivo em disputa constante, intranquilo e de muita instabilidade ante as ameaças da invasão espanhola.

Essa formação social na região no período colonial nos leva a problematizar um conjunto de registros históricos que parecem fazer de alguns acontecimentos vividos uma realidade de momentos pouco duradouros de estabilidade na região; especificamente os fornecidos pelo desenvolvimento surpreendente das freguesias que foram colônias agrícolas e núcleos populacionais bem organizados no domínio Imperial Português, capaz de acumular lucros diante de suas estratégias comerciais e permitir o reforço das relações com os países fronteiriços.

Por outro lado, essas supostas estabilidades comercial, agrícola, e das construções físicas, como um espaço visível para as interações dos grupos sociais que podem ter existido nas freguesias do sistema colonial. Talvez sirva as visões de alguns historiadores para justificar e julgar essas experiências vividas como irrelevantes para a integração nacional, vendo nos destaques dos conflitos, guerras e disputas constantes o verdadeiro espírito regional de luta e patriotismo em defesa do estado Brasileiro ante a ameaça espanhola, e que mais tarde será expresso sobre o próprio domínio português imperial conseguindo autonomia regional na Guerra Farroupilha.

Nossa posição não é de efetuar uma revisão de tais posições históricas, porém desejamos fazer delas uma reflexão crítica a partir de uma releitura das influências açorianas, - com as quais nos deparamos, apontando a aspectos morfológicos sociais

dessa povoação heterogênea que fundou as cidades da região, para ressaltar sua participação na funcionalidade e na formação social, abrindo espaço para uma série de vivências cotidianas do complexo sul colonial Brasileiro.

O Rio Grande do Sul foi colonizado pela necessidade de uma ocupação demográfica provocada pelo avanço territorial dos espanhóis e pelo projeto da Colônia de Sacramento, que eram uma ameaça para a administração portuguesa. Esta conjuntura fronteiriça obrigou o povoamento e o usos das terras do sul Brasileiro através da agricultura e a criação de pólos sociais com base na formação de cidades.

Apesar de parecer que a ocupação territorial da região não foi expressiva em número de famílias ou imigrantes açorianos, a quantidade de apropriação das terras do sul do Brasil chegou a ser expansiva e extensiva, favorecida pelos sistemas de sesmarias, pela primogenitura como forma de transmissão hereditária e pelo próprio trânsito descontrolado de bandeirantes, vicentinos, castelhanos, religiosos e militares, que se mobilizavam e se instalavam na região, como diz Reis (1988):

"Elevada concentração propriedades de terras agricultável da região, vários fatores contribui para se constitua o monopólio da terra, destacando o sistema de sesmarias, da primogenitura, como forma de transmissão hereditária e incapacidade politico-administrativa da coroa portuguesa." (Reis, 1988: p.314)

Entretanto, com esse objetivo primordial, a administração portuguesa utilizou os açorianos, conjuntamente com os indígenas e negros escravos, que eram vigiados pelos militares e religiosos, para que se instalassem nas cidades da região. Tal atitude só teve sentido pela necessidade de estimular povoados e fortificações militares, pois nesse período colonial os interesses da administração portuguesa nos núcleos e povoações eram centrados numa estratégia militar.

Os registros escritos sobre os indígenas no Rio Grande do Sul são alentadores, como diz Schmitz (1975), no sentido que admite-se a existência de indígenas ao longo dos rios e terras do planalto, como refere-se o autor:

"O grupo de índios guarani eram predominantemente agricultor, cultivavam o milho, a mandioca, a batata doce, o amendoim, o feijão e consumiam erva mate. Nas áreas de expansão portuguesa foram escravizados ou mortos na área dos índios para abastecer a cidade de São Paulo. Nesta região do Sul, o índio se tornou peão de estâncias e com a dissolução das mesmas entrou como elemento na formação do modo de vida dos trabalhadores das fazendas e na composição física da sua população." (Schmitz, 1975: p.12)

No que se refere aos negros, vemos como eles aparecem como um povoador expressivo no período colonial, uma mão de obra abundante na lavoura de trigo, nas estâncias, fazendas de criação de gado, charqueadas. Porém vão reduzindo-se depois de participar nas guerras regionais, especialmente na Farroupilha.

Oliven¹⁰ (1992) rebate os dilemas da existência desses grupos étnicos na identidade regional quando nos exemplifica o processo de construção social do Rio Grande do Sul, observando o tratamento dado pela historiografia tradicional. O autor mostra basicamente como as tais diferenças étnicas se articulam seus destinos em favor da figura do gaúcho

Tomando o aspecto concreto do desenvolvimento econômico colonial vindo da agricultura, encontramos envolvidos os açorianos, indígenas e negros, como uma das forças de trabalho que se dedica a esse fim, entretanto, diversos registros históricos atribuem ao trabalhador agrícola açoriano, a qualificação e responsabilidade adequada para desenvolver esse modo de vida rural, visto que, seria o agricultor capaz de plantar e ocupar as terras do sul devido a suas destrezas e características peculiares.

Nessa situação exposta pode se dizer que o exame recai no processo de produção, que define-se praticamente agrícola. É que, principalmente o registro histórico, centra sua atenção no desenvolvimento da cultura do trigo. Isto é, o trigo aparece como uma fonte bem documentada. Parece haver um consenso na historiografia regional que o trigo entre 1780 e 1820 foi uma fonte de capital primária que ajudou a

¹⁰ Oliven, escreve o livro "A Parte e o Todo", onde trata os aspectos importantes para entender esse processo de construção da identidade regional

expansão da indústria do charque e a construção de pequenos navios costeiros, assim como as charqueadas levaram à criação e proliferação das fazendas nas zonas de fronteira.

Com a chegada dos açorianos formaram-se as primeiras colônias agrícolas ao redor de militares e religiosos; o que mostra o ambiente de dominação que caracterizou as instalações do sul Brasileiro. As safras de trigo foram superiores graças aos núcleos sociais, onde tais casais cultivaram o trigo em sítios de tamanho médio. Porém, questiona-se como os açorianos, realizando pequenas instalações e invasões em números de famílias nas terras da região, podem deter esse forte domínio econômico acumulativo que ofereceu o trigo.

A Produção de trigo na região, de fato, teve um significado importante não só porque pode-se reconhecer esta como pioneira entre os modos de produção extensiva de trabalhar a terra do sul; mas também porque os açorianos realizarem essa prática agrícola junto aos indígenas e negros escravos, dando consistência aos postos comerciais que se transformaram em alguns dos municípios pioneiros.

As razões e motivos sobram. Como daria para dizer : os açorianos introduziram praticamente toda na prática agrícola. Por outro lado, os escravos e indígenas ficam desfavorecidos por seus comportamentos festivos, a falta de tenacidade e cuidados especiais com plantação; o que banalizou sua contribuição nesse sistema colonial servil que viveu o sul brasileiro, como lembra Riopardense(1983) ao dizer:

"Introduzindo a agricultura sistemática no Rio Grande do Sul, os açorianos são, por isso mesmo, os pioneiros da cultura do trigo no sul do Brasil e, portanto, os criadores de um elemento novo na paisagem : o moinho." (Riopardense, 1983: p.64)

A final de contas, quem plantava com tanto sucesso? Não poderiam ser os que estavam em guerra, isto é, em constantes conflitos; não o poderiam fazer os militares e,

muitos menos, os bandeirantes e vicentinos comerciantes. Talvez os sesmeiros, porém com ajuda.

É possível se pensar que as chamadas fortificações militares tão estratégicas que operaram nos municípios pioneiros, estavam atentas à presença da invasão espanhola e difundiam a pacificação dos grupos étnicos indígenas; porém protegiam as relações comerciais e esse modo de produção servil do sistema colonial.

Portanto ninguém melhor que os indígenas da região, que são conhecedores dessas práticas agrícolas, junto aos negros e aos açorianos, para formar uma verdadeira força rural da lavoura agrícola para o sistema colonial.

A era do trigo em si pode mostrar-nos um sistema agrícola organizado, mesmo existindo uma diferenciação evidente das apropriações das terras entre açorianos e sesmeiros, a safra era mais que frutífera a ponto de garantir as múltiplas relações de trocas comerciais.

Por outro lado, as exigências desse tipo de plantação, por tratar-se de uma cultura extensiva necessita além da qualidade das terras, seu preparo cuidadoso, realizado por um universo de agricultores que intensivamente habilita-se às lavouras para tal sucesso que reflete-se na qualidade da safra chegando a ser exportada para Lisboa - Portugal.

Também teria que se indagar como alimentava-se essa população agrícola servil. Para garantir sua sobrevivência, obviamente precisou acudir à plantação de outros produtos agrícolas que a terra oferece, necessária para a própria reprodução social desses núcleos sociais de agricultores. É aqui a importância das culturas agrícolas de feijão, mandioca, milho, erva mate, frutas silvestres etc.

No entanto, o sistema de produção colonial do sul Brasileiro parece ser pouco visto, novamente por razões político-econômicas e trágicas como a epidemia da própria semente, responsável por justificar em parte a destruição de um modo produtivo para facilitar um outro, como a pecuária e as charqueadas.

As idéias históricas apontam para uma cultura do trigo atacada pela ferrugem, pelas tropas das cavalarias de militares, que arruinaram as plantações, e por não poder competir com a farinha dos Estados Unidos e muito menos sobreviver com a escassez da semente, levando-o ao seu declínio.

Talvez estes episódios da trajetória econômica da região entre a passagem das plantações do trigo para o comércio da pecuária e a super produção do charque, nos façam admitir que seja uma das razões para que o domínio colonial português começasse a encontrar áreas de atrito, cada vez maiores entre os representantes da coroa na região e a camada senhorial do sul que reivindicar seus interesses.

O significado de tudo isto está em que essa força agrícola heterogênea beneficiou tanto aos grandes proprietários rurais na sua formação, quanto à administração portuguesa, cujas práticas agrícolas fazem essas povoações étnicas garantir os objetivos de acúmulo e sobrevivência da região. Essa força agrícola é basicamente composta pelos açorianos, indígenas e escravos, que fizeram com que esse sistema colonial tivesse sua mão servil; vitalizando as estruturas do poder (entre eles os militares sesmeiros, comerciantes forâneos e a própria coroa).

Caberia aqui perguntar, como pensar esse sistema econômico agrícola sem a existência de núcleos sociais estabelecidos e equipados com alguma infra-estrutura física-material que permitisse dar um cuidado e tratamento a essas plantações como à conservação da mão de obra agrícola executante?

As influências açorianas podem demonstrar que as cidades pioneiras foram usadas como centros aglomerantes de pessoas que facilitaram as relações de intercâmbios comerciais do grão de trigo como o contrabando de gado, mulas, etc. Só assim poderia se entender que as plantações seriam recolhidas para sua externa comercialização, para exportação pela administração portuguesa, como nos lembra o Riopardense ao dizer:

" Rio Pardo, assim; de fronteira tornou-se entreposto comercial para sustentar a grande população de índios e portugueses que havia incorporado, pelo rio Jacuí, Porto Alegre, chegava a carga que de lá seguia em grandes carroções para atender aos pequenos povoados espalhados pela vasta região que antes fora as missões jesuíticas espanholas. Por tais razões Rio Pardo assumia importância quase tão grande como da capital. Era o centro administrativo, político e econômico da maior parte do continente de São Pedro, sua população durante algum tempo teria sido superior à de Porto Alegre e durante muitos anos deve ter com ela rivalizado." (Riopardense, 1984 : p.19-20)

As construções das cidades pioneiras têm uma marca visível pelas informações da sua vida material recuperada por alguns estudos desenvolvidos pela arquitetura regional; entretanto, a variada composição sócio - étnica que resultam dessas povoações heterogêneas do começo regional faz com que as moradias construídas venham a ser diversificadas, dando lugar a moradia para negros, indígenas, açorianos, militares, religiosos, portugueses, etc. Conseqüentemente não são as mesmas, o que nos leva a acreditar que esta mão de obra interage com seu modo de viver em busca de seu abrigo e sobrevivência.

É difícil, por um lado, admitir-se que os açorianos, negros e indígenas, tenham morado nas casas grandes, solares ou sobrados construídos nessas plantas arquitetônicas dos municípios pioneiros, contudo, poderíamos aceitar a idéia que tenham participado de suas construções. Por outro lado, esses tipos de imóveis são tomados como um eixo analítico da arquitetura luso-brasileira para definir as influências de uma arquitetura açoriana - portuguesa.

Os diversos estudos da arquitetura no sul brasileiro centram suas análises nessa construção física, porque consideram que a casa grande é a que teria sobrevivido sobre outros tipos de residência, e pode-se igualmente sugerir uma ausência de estudos sobre as formas de viver que em nesses núcleos urbanos sócio- heterogêneos .

As influências açorianas ao serem pensadas a partir dessa dimensão das instalações humanas na região pode desvendar explicações não só de uma genealogia de arquitetura mas também das interações sociais que podem estar comprometidas com

esse processo das construções dos núcleos urbanos: isto é, os moradores e modelos de casas que existiram nos municípios pioneiros no período das freguesias desenvolvidas.

No entanto as idéias acerca da arquitetura do período colonial são diversificadas em suas concepções e classificações dos modos de construir que acusam uma arbitrariedade da marca civilizadora.

Para Goulart (1978), no período colonial, as vilas e cidades apresentavam uma uniformidade em seu nível tecnológico, que era dos mais precários.. Isto por terem sido construídos por uma mão de obra majoritária de escravos, como diz o autor :

" As técnicas construtivas eram geralmente primitivas, nos casos mais simples as paredes eram de pau-a-pique, adobe ou taipa de pilão e nas residências mais importantes empregava-se pedra e barro, mais raramente tijolos ou ainda pedra e cal. O sistema de cobertura, em telhado de duas águas, procurava lançar uma parte da chuva recebida, sobre a rua e a outra sobre o quintal, cuja extensão garantia, de modo geral, a sua absorção pelo terreno. A construção sobre os limites laterais na expectativa de construções vizinhas de mesma altura procurava garantir uma relativa estabilidade e a proteção das empenas contra a chuva, o que quando não era correspondido, se alcançava através de uso de telhas aplicadas verticalmente. A simplicidade das técnicas denunciava, assim, claramente, o primitivismo tecnológico de nossa sociedade colonial: abundância de mão de obra determinada pelo trabalho escravo ,masausência de aperfeiçoamentos."(Goulart,1978: p..26)

As visões de Goulart sobre a arquitetura do período colonial, por um lado, são interessantes no sentido em que apontam para as forma de fabricação das habitações diversas, mas não como este a concebe, na qual acaba empobrecendo a criatividade e o próprio gênio humano sobretudo aquela arte do povoador, ou seja, como foram suas estratégias de propiciar um abrigo na que estava um fazer estético das próprias formas culturais de morar; isto é, nas próprias fabricações produzida nas cidades coloniais: sobrado, solar, casa de pau a pique, fortificações, igrejas ou capelas. Todas elas produzidas para depositar seus modos de fazer, instâncias sensíveis para entender o cotidiano das freguesias.

Por outro lado, não podemos concordar com Goulart que no contexto do sul brasileiro, a mão de obra nas construções era exclusivamente escrava, mas também era açoriana, indígena, militar, paulista etc, o que complexifica o processo de fabricação de moradias daqueles municípios pioneiros.

Nesse sentido resgatamos algumas idéias de Costa(1962) sobre a importância dos antigos ' mestres e pedreiros incultos' quanto a adaptação ao meio, a suas construções simples e grandes, " (...) essa mão de obra bisonha dos nativos e negros na assimilação do gosto europeu." (Costa,1962: p.87)

O destaque do autor vai para esse homem heterogêneo de ofício que aporta com sua técnica e dedicação as construções mais variadas do período colonial, depositando nelas todo seu engenho, suas devidas cautelas para evitar a umidade, o vento, a chuva etc; bem como características de suas construções econômicas a respeito da busca de seus recursos, usos dos materiais para que essas obras se perpetuassem.

A moradia açoriana talvez tenha sido umas das preocupações de Riopardense (1983), como uma instalação humana da região sul, ou seja, privilegiando um estudo do espaço como condição de sobrevivência, defesa, abrigo e de trabalho nas construções dos municípios pioneiros. Como diz o autor :

" Assim, se vamos considerar como arquitetura os espaços escolhidos ou preferidos para assegurar a sobrevivência, garantir a defesa e proporcionar o abrigo, partiremos, necessariamente, das linhas de penetração, das linhas escolhidas para se instalarem no território, escolha condicionada à cultura dos imigrantes primeiros, isto é, o grau de relação que tinham com a natureza (nível técnico) e entre eles mesmo (organização social). Nas condições em que se operou a ocupação do território, a Metrópole não tinha condições de auxiliar ou de contribuir efetivamente para segurança de seus súditos; o interesse dela estava concentrado em Minas e São Paulo, em função da mineração. O estudo da arquitetura no primeiro século do Rio Grande do Sul teria, pois, de seguir o processo da penetração, ocupação e fixação do imigrante paulista e açoriano, compreendo as seguintes fases; sobrevivência: linhas de penetração, defesa; fortes e sistemas de fortificações, Abrigo; quartel , residências, igrejas, trabalho ; estâncias e charqueadas." (Rio Pardense, 1983: p. 54-55)

Na visão de Rio Pardense as construções podem ser entendidas como estabelecimentos humanos estratégicos, cumprindo um papel decisivo na ameaça à invasão espanhola. Desta forma a moradia açoriana foi uma instalação residencial importante para impedir a ocupação. O autor destaca em sua análise uma diferença bem definida na moradia açoriana entre a construção rural e urbana que teria existido em alguns municípios da região. Para ele a construção rural é diferente da urbana, pois a primeira desenvolve-se da frente para os lados e a segunda da frente para os fundos. Rio Pardense diz que:

" A casa rural é um retângulo limitado por grossas paredes, que recebe num dos cantos, o forno, de dimensões avantajadas e que tem o equipamento da cozinha função de destaque. 'O visitante sempre entrará pelo meio da casa, espécie de sala- de- estar, às vezes com piso de madeira e sempre com um tablado ligado à janela principal, onde duas ou três moças ou senhoras sentam-se para olhar a rua, bordar, tagarelar e costurar as peças do vestuário'. O meio da casa é limitado por paredes geralmente de madeira. De um lado a cozinha, do outro o quarto de camas, com dimensões reduzidas, quase sempre completado pela falsa, espécie de cama em segundo andar, onde dormem as crianças e para onde o acesso é feito através de estreita e íngreme escada. A cozinha é semelhante à da casa urbana; forno, lar, trempe e chaminé. estas chaminés, estreitas, mas com toda a largura do fogão. são coroadas por tijolos que se aproximam deixando, a cada par, espaço livre para a saída da fumaça; são chamadas chaminés de mãos postas. Além da "copeira" que, entre nos foi conhecida como cristaleira e etagère, a trempe, no equipamento de cozinha e mais o arquibanco (arca e banco), o chão de terra batida e o forno esférico, são elementos que participaram da nossa vida evocando o 'mobiliário' açoriano." (Riopardense, 1983: p.68)

PLANTA TIPO RURAL, Segundo Riopardense

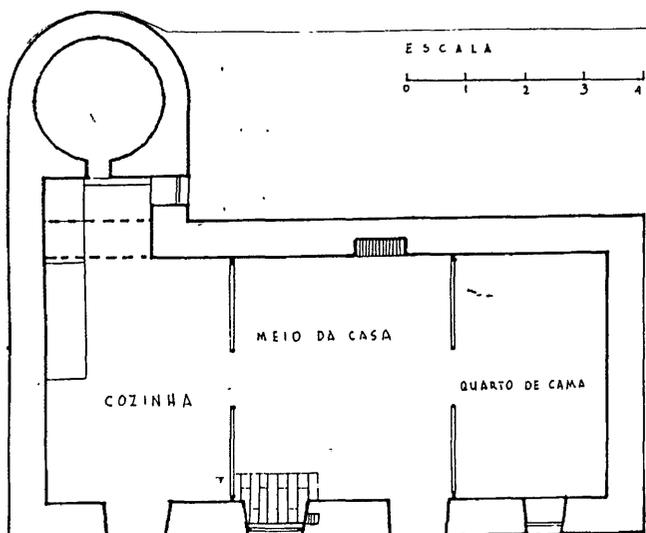


Fig. 6 - Tipo de casa rural açoriana. Ilha Terceira, Praia da Vitória, Porto Martins.

" Na área urbana esta planta se altera. A cozinha com seu "lar" e forno, sua "cofeira" e trempe" deixou de ter posição em linha com as outras duas peças e foi deslocada para trás, nela se farão as reuniões e os trabalhos domésticos diurnos. As outras duas peças se tornaram áreas de recolhimento, sendo que numa delas o "agulheiro" denuncia o quarto das moças ou presença nela do espaço para bordar e costurar. Maiores comodidades são reveladas pelos armários embutidos semelhantes às copeiras. O falso, dormitório no telhado, continua com acesso sobre o quarto maior. E, finalmente, se verifica que na casa urbana ou na residência encaravada, os quartos são defendidos das áreas de circulação diurna pela presença do corredor. Verifica-se em muitas destas casas modestas, que apenas um dos quartos dispõe de assoalho e nele, além da cama há quadros com fotografias pelas paredes e uma mesa com toalha alvíssima para receber os objetos mais preciosos da família: vasos, lampiões, caixas de jóias, estatuetas e santinhos de várias cores e tamanhos." (Riopardense, 1983: p.69)

PLANTA TIPO URBANO ,Segundo Riopardense

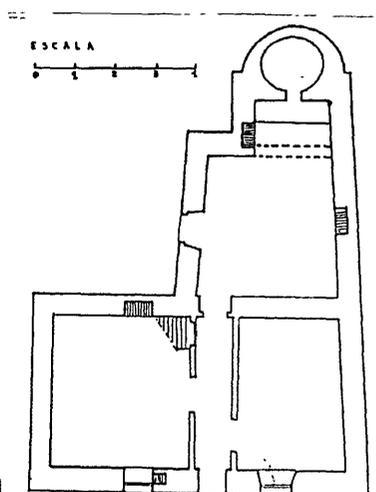


Fig. 7 - Casa urbana açoriana. Ilns de São Miguel, Canaã do Alexandre, Ribeira Quente, Casa de Manoel de Melo Cardoso.

(Fonte da planta, Riopardense,1983: p.68)

Estas plantas apresentadas pelo autor referem-se a um tipo de casa açoriana chamada de 'casa em fita açoriana', que segundo o autor "(...) passou a ser implementada tanto na zona rural como na urbana, mas não sendo elas tão difundidas nessa região do sul." (Riopardense,1983: p.66)

Por último, os registros históricos não enfatizam aqueles processos interativos das instalações de residências diversas que existiram nos municípios pioneiros.

Restaria sugerir que os fatores até aqui apresentados de uma população heterogênea agrícola e os processos de construção das moradias, venham a ser duas instâncias relevantes para a compreensão da problemática açoriana no sul do Brasil e que apontam uma complexidade e antagonismo do que ocorreu no Período Colonial.

2.2 A Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Piratiny

Tratar os tempos da freguesia¹¹ da cidade pioneira de Piratini significa conhecer um contexto local que fez parte do período colonial, localidade onde se pode visualizar sua formação social relacionada à tradição cultural açoriana.

Segundo Almeida (1969), Piratini foi importante devido a sua inserção histórica em meados do século XVIII, quando as autoridades portuguesas estimularam as migrações açorianas, cuja área geográfica sentia-se ameaçada pelo projeto da colônia do sacramento e pelas ambições espanholas, ou castelhanas.

A partir disso algumas famílias açorianas localizaram-se nessa cidade para residir e receber porções de terra, as quais a fariam progredir ao ponto de convertê-la numa freguesia de destaque e logo a subir à categoria de vila, acontecendo tudo isso desde sua fundação praticamente a 206 anos atrás.

Tal visão dessa cidade pioneira decorre dos discursos e escritos¹² que efetuaram-se sobre ela. Estes podem produzir relatos que exemplificam de certa maneira algumas informações sobre suas características de colonização e seu processo de desenvolvimento que foi apresentando desde o começo de sua fundação. Tomam-se, para tal, os seguintes depoimentos :

"Piratini foi fundada por 48 casais vindos das Ilhas dos Açores, foi aos poucos pelo trabalho dessa gente atuante sem auxílios e com esforço pessoal, transformando a humilde simplicidade de Freguesia em Povoação bem apresentada, começando a crescer e se desenvolver de tal forma que pode figurar com grande relevo na história política e social do Rio Grande do Sul: o Piratinense por sua própria formação sempre foi um símbolo da pátria

¹¹ Freguesia, foi um dos nomes que receberam os núcleos urbanos no período colonial provenientes de uma estrutura organizacional portuguesa

¹² No discurso e escritos encontramos uma série de saberes a respeito do que aconteceu no passado de Piratini, os que relatam e pensam a respeito de sua história. Esses relatos são usadas como fontes legítimas de construções de conhecimento local do qual nos valem em nossa reflexão da freguesia Nossa Senhora da Conceição de Piratiny

livre."(Discurso do prefeito de Piratini ano de 1985, comemoração 20 de setembro 1987)

"Fundada por 48 casais vindos das Ilhas dos Açores em 1789, em terras da sesmaria de José Antônio Alves, por ordem de Dona Maria, Rainha de Portugal, a concessão das três léguas de campo divididas em lotes de igual tamanho cerca de (250 Hectares) e distribuído às 48 famílias foi feita pelo vice-rei do Brasil Dom Luiz de Vasconcelos e Sousa, por carta de 6 de junho de 1789. Essas terras faziam parte do município de Rio Grande, sob dominação do distrito de Cerro Pelado, tendo os primeiros povoadores estabelecido no local conhecido como Capão Grande do Piratini, em terras doadas por Antônio José Vieira Guimarães fundaram uma capela em honra de Nossa Senhora da Conceição e os mais abastados construíram suas moradias em torno da mesma."(Roteiro Turístico e histórico da prefeitura 1989.)

Tais registros históricos relatados enunciam a instalação de famílias açorianas como precursora da ocupação territorial de Piratini, ou seja, foram os açorianos a primeira povoação que a partir do ano 1789 fundou essa cidade pioneira; formando um núcleo de famílias onde hoje encontra-se a prefeitura do município, construindo inicialmente, junto a suas moradias, uma capela católica em homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

De fato, outras indagações históricas favorecem as comparações em relação à ocupação açoriana a respeito de uma relativa conveniência geográfica com vista às condições de terras ótimas para pastagem, favorecendo a criação de gado, como também apropriada para a agricultura, sobretudo para o cultivo de cereais, algodão, linho, cevada, assim como para a cultura do trigo.

Porém essas explicações do período do povoamento que atribuem-se à cidade pioneira de Piratini não deixam de ser idealizações a respeito do imigrante açoriano; de ser ele o primeiro habitante dessa área de terra regional, sendo um tipo de família sacrificada, trabalhadora que morou em casas modestas, com ótimas condições de vida, como se as características da vida dos indígenas e dos negros escravos não representassem algumas peculiaridades humanas do período, por outro lado, essas idéias parecem outorgar uma marca portuguesa à presença colonizadora açoriana em terras desoladas.

Os dados do censo populacional de Piratini da época colonizadora (ano de 1803 a 1814) possibilitam indagações sobre o processo de seu povoamento, tomando a dinâmica de seu crescimento acelerado de habitantes onde o contato sócio-étnico vem a ser decisivo no aumento demográfico de sua população.

Se Piratini como diz Almeida (1969), foi colonizada em 1789 com 48 casais de açorianos, o censo do ano 1814, 25 anos mais tarde aparece com uma população bem apresentada e desenvolvida com o número de 3673 habitantes repartidos da seguinte forma:

<i>Branços de ambos sexos</i>	1439
<i>Índios de ambos sexos</i>	182
<i>Livres de cor</i>	335
<i>Escravos</i>	1535
<i>Recém nascidos</i>	182

	3673

(Fonte: censo de 1803-1956, *Enciclopédia Cultura Rio-grandense*, 1958: p.77)

Reverendo a explosão demográfica da freguesia de Piratini, nos é apresentada a existência marcante de negros e expressivo número de indígenas, muitos deles podendo perfeitamente aparecer incluídos em livres de cor, assim como encobertos nesse universo de brancos. Tudo leva a pensar num período de plena interação para a convivência e participação na formação populacional que garante o sucesso do desenvolvimento econômico da localidade.

Desde o começo da colonização de Piratini, a utilização de indígenas e negros no projeto da administração portuguesa, isto é, a criação de uma cidade para fim comercial, foi tão necessária como a açoriana, maneira pela qual poderia se entender que tais populações étnicas seriam capazes de contribuir para sua organização econômica e social como demonstra o sucesso comercial surpreendente dos tempos da freguesia.

Tais indícios são compatíveis às idéias produzidas por Almeida, ao ressaltar Piratini como uma ocupação territorial modesta para a organização social de uma freguesia que chegou a ser destaque para a administração portuguesa. Converteu-se segundo o autor em "(...) num dos pólos comerciais fronteiriços favorecida por sua localização geográfica estratégica que fez a conexão entre os países vizinhos e o continente de São Pedro, isto graças ao forte interesse econômico da época, onde as qualidades das terras para agricultura eram notáveis. Também apresentava construções arquitetônicas de alto nível, o que demonstra uma localidade bem desenvolvida antes do período revolucionário dos farrapos." (Almeida, 1969: p.6)

Esse sucesso comercial e social só poderia situar aos indígenas, negros e açorianos em meio desse desenvolvimento, como convivência social, uma força de trabalho decisiva para favorecer o êxito acumulativo desses tempos primórdios, que teve o domínio da agricultura para seguidamente fortalecer os negócios da indústria da pecuária.

A freguesia pioneira de Piratini só poderia ter crescido graças ao intenso intercâmbio de traços culturais produzidos pelo convívio da sua população heterogênea que sustentou o modelo de organização sócio-econômica imposta pelo sistema colonial da administração portuguesa, como destaca Almeida ao dizer:

"O pequeno agregado de população atraiu moradores dos *mais* diversos pontos para a povoação que se esboçava e para as desertas campinas de seu grande distrito dado a excelência de suas terras para a criação de gado e para o cultivo de cereais e do algodão. Os mais abastados edificaram casas ao redor da família e, ao começar do século XIX. Piratini seria pouco mais que um correr de casas modestas em volta da praçinha da capela, muito branca, recordando com seus ares simplórios as modestas capelinhas dos povoados das ilhas dos Açores. O entreposto comercial que se delineava, estabeleceu o desenvolvimento de sua estrutura em torno da concorrência de três linhas que são até hoje, as estradas principais de acesso ao núcleo urbano. O desenvolvimento do núcleo populacional, a prosperidade da criação e da agricultura principalmente da cultura de linho e trigo-- o rendimento deste último regulava de 30 à 50 alqueires por 1 semestre-- fez chamar para ele a atenção do governo que por alvará de D. João, príncipe regente, datado de 3 de abril de 1810, o elevou à freguesia de Nossa senhora da Conceição de Piratini." (David Almeida, 1968:p. 18 a 20)

Tal destaque do autor ressalta a prosperidade na criação de gado e na agricultura, principalmente nas culturas de linho e de trigo, cujo rendimento desse último " (...) regulava entre 30 a 50 alqueires por uma saca de semente, o motivo que levou essa cidade a se estabelecer como freguesia Nossa Senhora da Conceição de Piratiny." (Almeida, 1969: p.20).

Por outro lado, essa sutileza de Almeida em tratar a fundação dessa localidade como parte de uma povoação humilde de esforços pessoais de simplicidade para logo passar a ser uma localidade de destaque não permite situar os conflitos cotidianos e as etapas de seu desenvolvimento nos tempos da freguesia. Mesmo assim, será que podemos imaginar que essa freguesia ao estar composta por uma população heterogênea poderia conviver nessa localidade, crescer e prosperar? A final de contas, o que fez Piratini Colonial para que sua organização sócio-econômica tivesse tanto êxito, em volta dos conflitos e guerras fronteiriças que os espanhóis, castelhanos e núcleos indígenas realizavam? Que convivência cotidiana do período colonial em Piratini atraiu tantos moradores a tal ponto que fez com que se esforçassem em trabalhar por seu crescimento econômico e populacional?

O cotidiano dessa freguesia está baseado nas suas relações de convivência, então pode referenciar um processo de formação social que possibilitou as interações desses grupos sócio-étnicos diante das estruturas de poder da administração portuguesa e diante da hegemonia civil de interesses regionais. Porém, como moravam os açorianos, indígenas e negros nessa estrutura física de freguesia e como teria sido a sua participação nos conflitos da Guerra Farroupilha?

2.3 O Destino dos Açorianos

Se um dos destinos dessa população heterogênea da freguesia de Piratini foi formar parte do sistema de colonização do sul brasileiro para fazer prosperar essa cidade pioneira e sobreviver à conjuntura administrativa portuguesa, nos indagamos onde foram parar as diversidades étnicas durante ou depois da Revolução Farroupilha ?

O destino dos colonizadores açorianos além de ser umas das tradições culturais fundadoras da localidade, nos apresentam um processo de formação social de um município pioneiro. No entanto, o fato de que o período da Revolução Farroupilha tenha marcado a história dos acontecimentos na freguesia de Piratini, importa questionar sobre a influência deste evento e suas consequências na vida dos moradores de então .

No que se refere aos motivos pelos quais os revolucionários farroupilhas optaram pela Freguesia de Piratini como cenário para a sua revolução estão as idéias liberais que foram instaurando-se juntamente dentro do crescimento local. Isto é, os açorianos fizeram parte de um corpo de idéias impostas por uma administração política da Coroa, a qual foi sofrendo grandes oposições nos interesses regionais estimulados pelas relações comerciais.

Esse espírito português de povoar Piratini a fim de retrain as ameaças dos espanhóis foi consolidado pelo crescimento populacional sócio-econômico da freguesia, e também, por um da organização política local , que operou dentro de um sistema colonial escravocrata, executado também por fazendeiros, militares, religiosos e comerciantes externos.

Esse universo de interesses formou uma classe de prestígio que tomou rumos hegemônicos nas atividades econômicas da região entrando em conflito com os interesses da administração portuguesa, levando a freguesia de Piratini a grandes embates e tensões políticas e sociais consequências políticas e sociais.

Talvez a posição geográfica e estratégica dessa freguesia tenha favorecido aos revolucionários, na medida em que funcionou como uma área fronteira de comércio, ou seja, um grande posto comercial ideal para relações de trocas comerciais e estratégico para os batalhões do exército nacional, inevitável pelos interesse econômicos que explorava-se na região, como reconhece uns dos deputados da Assembléia Legislativa.

“Foi Piratini a cidade predestinada a se tornar a primeira Capital Farroupilha. De preferência a cidades maiores e mais ricas-- como Pelotas--- em mãos dos Farrapos, foi esta vila serrana escolhida como Capital pelo gênio militar e administrativo dos heróicos republicanos.”
(Deputado Victor Bacchieri, 1977:p.19, Revista homenagem a Piratini, Assembléia Legislativa do Estado)

Seria absurdo pensar que essa escolha da freguesia de Piratini tenha favorecido meramente aos chamados caudilhos farrapos, pois encontraram todas as possibilidades para preparar suas estratégias de lutas e reivindicações contra a administração portuguesa. É claro que os Piratinenses foram absorvidos pela conjuntura política econômica da época.

Também é possível que os militares, civis, proprietários dessas terras estivessem divididos e que tenham estimulado a liberdade dos escravos para obrigá-los, junto a outros moradores da cidade, a participar da revolução e nesta se engajar ao ponto de ela darem suas vidas . Isto pode ter acontecido porque as províncias receberam sua autonomia administrativa para organizar-se sócio-economicamente no clima dos conflitos imperiais e as idéias republicanas que estavam baseadas nos problemas de um grupo oligarquico agro-pecuarista, que decidiu proteger as ganância da pecuária e da indústria do charque.

Os açorianos e seus descendentes deveriam estar entre esses interesses regionais, então seu sistema produtivo encontrava-se em processo de mudanças pela indústria pecuária. Estavam, ou não, a favor do conflito que os farrapos apresentavam, ou eles, os açorianos, foram desalojados da freguesia?

Definitivamente foram mortos, ou simplesmente ignorados nesse projeto do destino das idéias Republicanas?

Por último, em Piratini os açorianos tornaram-se estancieiros?. Compraram escravos e somaram-se à luta contra a administração portuguesa ou tiveram que lutar para garantir sua sobrevivência e, portanto, foram recrutados por esse exército revolucionário?

E por isso abandonaram sua agricultura os militares e estancieiros tomaram conta da administração da cidade?

A igreja católica e os religiosos também se separaram da coroa?. Quem realmente lutou e ficou na Guerra Farroupilha e após ela?. Quem ficou?. Onde ficaram os açorianos ?

CAPÍTULO 3

O CENTRO URBANO E AS FESTIVIDADES DA MEMÓRIA OFICIAL

3.1 O Centro Urbano e seu Patrimônio Histórico

O município de Piratini (RS), desde que passou a ser reconhecido pelas autoridades da região como a primeira Capital Farroupilha, tornou-se uma cidade histórica por excelência.

Hoje distribui-se territorialmente em cinco subdistritos, sendo o primeiro chamado de Sede, o segundo de Ferraria, o terceiro de Capela, o quarto de Passo do Graciano e o quinto de Faxina. Entretanto, sua divisão subdistrital ¹³ foi retomada nesses últimos 10 anos, no entanto, ela teria existido desde que Piratini passou a ser uma vila, entre os anos 1830 a 1837, quando foi elevada à categoria de cidade. Nessa condição, teve problemas pelos apoios outorgados à Revolução Farroupilha, conseqüências que fizeram esta localidade voltar a sua antiga categoria de vila no ano 1845. Permaneceu nesta condição até 1938 quando definitivamente emancipou-se como município do Estado, mantendo-se assim até hoje.

Tais mudanças de categorias trouxeram o impacto de uma distribuição geográfica zonal, que deixou suas marcas nas práticas cotidianas de seus moradores,

¹³ A divisão subdistrital é uma distribuição geográfica importante, entretanto, uma outra distribuição, conhecida como zonal é ainda usada pelos Piratinenses

porém sua mais longa tradição subdistrital tem sido reconsiderada pelas autoridades do município nesses últimos anos.

O primeiro subdistrito, sede , concentra praticamente todo âmbito urbano do município, sendo relevante, não por seu desenvolvimento sócio-econômico e de infraestrutura, o qual chega a ser precário dentro da lógica capitalista/industrializada¹⁴ , mas devido ao fato de apresentar um grande número de casas antigas, cuja simple vista, parecendo expressar uma imagem de decadência ou estagnação no tempo, resguarda, talvez um dos núcleos de prédios históricos, mais valiosos para a identidade do Rio Grande do Sul. Certamente este conjunto de imóveis reforça a memória histórica da guerra Farroupilha, a qual foi decisivo na integração regional ao Estado Nacional Brasileiro.

Dentro e próximo a esse esqueleto memorial de casas antigas existe um número expressivo , ainda que cada vez mais limitado, de postos comerciais, lojas, lancherias, restaurantes diversificados, assim como algumas pequenas fábricas de calçados, olarias, ferrarias e malharias. Todavia, os moradores continuam a fazer parte de suas compras na industrializada cidade de Pelotas localizada acerca de 96 km da sede.

É importante relatar que, entre essas construções antigas, há alguns prédios tradicionais, como a Igreja Matriz , local em que , teriam chegado no período da colonização , os fundadores da cidade “os açorianos”, e ali teriam construído uma capela. A Igreja católica ¹⁵ representa para os Piratinenses uma entidade religiosa - social que, no

¹⁴ Quando se pensa a lógica capitalista /industrializada, na cidade de Piratini, é para dizer que a existência de indústrias, fábricas manufaturas e empresas, é quase inexistente no centro urbano, ainda que, existam empresas rurais localizadas nos subdistritos rurais que exploram o pinus - acácia negra e culturas agrícolas como a safra do pêssego e figo para conserva industrializado na cidade de Pelotas. As safras de milho, cevada, cervejeira, soja , chegam a uns 23,000 ha. e o rebanho bovino e ovino a uns 337.000 cabeças . (Fonte cartilha Piratini Investimentos empresariais. Rota do Mercosul ano, 1996 Prefeitura Municipal)

¹⁵ A Igreja da matriz foi construída no ano 1811 a 1814 e reconstruída, devido a um grande incêndio onde perdeu muitos de seus objetos valiosos. Nesse lugar existiu uma pequena capela religiosa comunitária que pertenceu aos açorianos, mas que nos tempos da freguesia de Piratini foi destruída para nela construir um templo maior

decorrer do tempo, converteu-se num modelo de instituição social de assistência aos mais pobres.

De outro modo, as práticas de assistências solidárias são também exercidas por outras poucas, porém muito visíveis, instituições sociais tais como; Lions, Rotary, Aphae, Centro Espírita, etc.

Cabe assinalar que no centro urbano existem outras instituições com outros fins, de igual importância como as mencionadas, porém se localizam distantes das casas antigas e mais próximas aos bairros e vilas, que concentram grande parte das áreas verdes, como é o caso do sindicato rural, onde são realizadas as feiras e rodeios de animais.

O centro urbano tem um espaço destinado a seu patrimônio histórico, composto aproximadamente de 76 imóveis tombados¹⁶ ocupando uma área em torno de 16 hectares. A maioria prédios grandes dos quais se encontram sobrados, sobradinhos, solares, estão associados ao episódio da guerra revolucionária, com exceção da Igreja da Matriz, a casa da Camarinha¹⁷, o Teatro 7 de abril e a casa de Dona Santa, os quais referenciam os tempos da freguesia Nossa Senhora da Conceição de Piratiny.

O tombamento feito resulta de um interesse do Estado, do Município e do Governo Federal numa política de recuperação, restauração e conservação de prédios emblemáticos para a identidade regional e nacional. Em alguns desses prédios funcionam certos serviços públicos tais como: Fórum, Emater, CEE, Serviço da Junta Militar, etc. Os demais são usados como para moradias familiares.

Ainda hoje, esse universo de casas antigas é expressivo nesse centro urbano, onde existem aproximadamente 120 imóveis situados nas ruas principais. Tais casas antigas, na verdade, estão resguardadas pelos interesses da ação preservacionistas do

¹⁶ Essas informações do número de bens tombados no centro urbano de Piratini foram extraídas de um mapa de legenda recuperado da prefeitura local que apresenta os limites do centro histórico e o número de casas antigas preservadas

¹⁷ Esses conjunto de prédios referidos segundo Almeida (1968), "(...) tem sua importância nos tempos da desenvolta Freguesia Nossa Senhora da Conceição De Piratiny." (Almeida, 1968: p.23)

município, que, nesses últimos anos, encarregou-se de legislar para deter toda e qualquer construção nova na proximidade delas.

Por outro lado, elas apresentam um ambiente arquitetônico que parece enriquecedor em seus detalhes : nelas nossos olhares se encantam com a diversidade de janelas e portas antigas com destaques de vitrais junto a seus tamanhos e distribuições espaciais de seus ambientes, mostrando as belezas que deixaram as instalações físicas que se conservaram do Brasil- Colonial , isto é, as casas grandes e sobrados .

Um número expressivo de moradores do centro urbano mora nessas casas , mas há muitos morando em construções mais modernas. Também encontra-se nas vilas e bairros casas de diferentes tamanhos , porém bem menores do que as casas do perímetro histórico. Entretanto, as casas grandes marcam suas diferenças com as pequenas não só por suas características ,mas também pela condição social e estilo de vida de seus s moradores.

Importa aqui colocar em alto relevo que os habitantes destas diferentes zonas residenciais expressam valores sobre suas casas relacionado-as de forma contrastiva e diferenciada das outras casas. No caso dos habitantes do centro, as casas da "Zona do Cemitério" e do "Paredão", são consideradas por demasiado 'pequenas', ' sem estilo' e mesmo 'Pobres'.

Por sua vez, para os moradores da zona do cemitério como também podemos aqui citar os moradores de paredão, consideram as casas do centro de origem abastadas, legítimas 'casas grandes' que lembram a riqueza de grandes proprietários ou pecuaristas, cujas condições de vida, lhes parece bem distantes de suas próprias realidades e trajetórias

Os moradores urbanos contam com um hospital comunitário, postos de saúde, estabelecimentos bancários, escolas, postos de polícia, hotéis, supermercados, serviços de correios, telefone e energia elétrica, rodoviária e dois cemitérios localizados na saída desse subdistrito.

Todo esse conjunto de estabelecimentos sociais e comerciais dinamizam e dão um certo corpo organizativo ao espaço urbanizado, que fica rodeado na sua maioria por ruas asfaltadas, mas também por outras que permanecem na condição de terra batida, relativamente bem iluminadas com energia elétrica.

Por outro lado o espaço urbano histórico de Piratini, talvez nesses últimos 40 anos, tem se consolidado de diversas formas pelos piratinenses, na recuperação de aspectos significativos tanto do episódio histórico da Revolução como do período da guerra e pós-guerra Farrroupilha.

Os órgãos de preservação federal e estadual começaram a preservar os prédios históricos, tombados com a finalidade de resguardar alguns objetos da guerra como: armas, vestimentas e utensílios antigos assim como outros relacionados as tradições regionais gaúchas.

As autoridades e entidades locais construíram uma série de monumentos em honra e glória à cidade, por ter sido ela o destaque deste fato histórico revolucionário. Em face a todas essas ações de preservação, Piratini é palco de uma das maiores festas históricas da região, conhecida pelo nome de "20 de setembro". Esta festa parece converter-se numa espécie de culto ou ritual ao passado da Revolução dos Farrapos, introduzindo um apreciado interesse pelas músicas e tradições gaúchas materializado numa expressiva proliferação de centros de tradições gaúchas e Piquetes¹⁸

Dessa forma, o centro urbano de Piratini destaca-se por venerar e guardar a memória dos libertadores republicanos, ato relevante que reforça a identidade regional. Esse episódio da Revolução é de tal forma representativo nessa localidade, que Piratini o assumiu como a memória emblemática de seus moradores, com um caráter de oficialidade, ou seja, valorizando-o a ponto de constituir-se em um valor dominante

¹⁸ Piquetes. Troço de soldados que formam guarda avançada, para impedir a entrada de outras, por ocasião de greve. (Mimidicionário Aurélio 1985.). Na cidade de Piratini, são aqueles CTGs menores que se filiaram ao CTG maior, o 20 de setembro do Centro urbano, como: piquetes, Cerro Agudo, Cerro Alegre, Querença Xucra, Rastros de farrapos, Anita Garibaldi, Raul Soares do Amaral, Sentinela do Cancelão, Lanceiros da Liberdade, Negrinho do Ppastoreio, Sentinela do Capão, Mmajor João Lino Antunes, Rastro 35 etc. que se localizam nos subdistritos próximos à sede.

difundido de múltiplas maneiras a todos Piratinenses. Entre as formas de difusão, destacam-se os programas educativos das escolas, pois são os que mais didaticamente se preocupam em ensinar sobretudo às crianças de 3ª e 4ª série das escolas do Município¹⁹, os fatos históricos oficiais do que é considerado o maior evento heróico da região.

Quem visitar esse centro urbano da cidade histórica de Piratini se encontrará em meio de um verdadeiro cenário sobrecarregado de símbolos históricos farroupilha, sendo notável que esses moradores urbanos recebam algumas referências dos prédios históricos que aí existem.

O centro urbano e seu patrimônio histórico fazem de Piratini uma cidade que resguarda a memória oficial da Guerra Farroupilha desta localidade um dos municípios que deve ser honrado, conhecido e consumido numa lógica histórica - patrimonial brasileiro. Torna-se centro de atração por seus aspectos revolucionários, especialmente cimentados na arquitetura de suas construções relativamente conservada desde os tempos quando este foi um dos municípios pioneiros.

¹⁹ Encontramos nos programas do 1º grau de 1ª a 5ª série, toda a didática de ensinamentos que é passada às crianças do município, manuais que são usados ao redor de 8 anos, segundo o departamento pedagógico da Secretaria de Educação de Piratini. Tanto na terceira e quarta séries as crianças recebem toda uma informação acerca do município no que refere-se a seus aspectos históricos, em que os episódios da Guerra Farroupilha e tradições regionais gaúchas são apresentadas

3.2 Festividades

As festividades comemoradas no centro urbano são diversas, porém, aquelas em que a memória oficial do Município encontra reforço e participação de seus moradores, introduzindo episódios da guerra e pós-guerra farroupilha em meio de datas importantes, são : o desfile de 20 de setembro, festivais da canção nativa, a Semana Cultural de 6 de julho e as que resultam das práticas dos GTGs e Piquetes.

Todas essas celebrações festivas representam espaços privilegiados para que a prática discursiva da memória oficial possa exercer seu potencial de heroísmo e regionalismo, sobretudo unindo o presente ao passado dos Piratinenses.

A festividade do dia 20 de setembro, talvez seja a maior de todas, tanto que os moradores do Município de modo geral sabem o que vai acontecer no centro urbano; trata-se de um desfile que retoma a memória do passado vivido por eles mesmos, ou seja, dos seus ancestrais que lutaram na Revolução Farroupilha; constitui-se em , uma espécie de ritual aos heróis Piratinenses que deram sua vida na conquista da autonomia regional sobre o Império Português.

A cada mês de setembro, o desfile se repete nas ruas centrais do centro urbano . Antigamente o desfile realizava-se na praça central , onde situa-se , hoje, a Igreja da Matriz, mas com o tempo mudou-se para o local já referido onde foi construído pela prefeitura municipal um palco de honras com três monumentos que parecem cumprir a função de uma espécie de altar de oferendas. Junto a esses monumentos existe uma chama de fogo que se acende no início do mês de setembro, a qual representa simbolicamente a luta pela liberdade regional.

No palco de honras no dia do desfile , encontra-se a maioria das autoridades municipais, políticas e outros convidados. Esse desfile parece ser muito diferente de um outro que se realiza dias antes, o chamado "7 de setembro", em que se celebra a

Independência do Brasil. Este evento torna-se menos relevante para os Piratinenses, se o compararmos aos festejos do "20 de setembro".

A preferência pelo desfile do dia "20 de setembro", talvez se explique porque essa data comemorativa opera como um reforço da identidade local, retomando uma parte da história da cidade, constituindo-se em algo muito mais importante do que o simples esforço de passar pelo palco desfilando. Parece antes de tudo, uma alternativa concreta de se sentir Piratinense, reafirmar as práticas gaúchas, que estão estreitamente unidas aos valores dos farrapos, cuja presença nos CTGs e em alguns Piquetes é notória.

Neste dia, o chimarrão destaca-se, assim como o uso da indumentária tradicionalista que dá um tom peculiar e marcante à festividade. Tanto que os Piratinenses urbanos, em sua maioria, buscam uma maneira de vestir-se com a indumentária tradicional; jovens, crianças, adultos, idosos homens e mulheres de condições sociais diversas vestem-se como tradicionalistas formando um verdadeiro cenário de festividade. Todo esse movimento estimula a presença de outros habitantes que saem dos subdistritos rurais para se misturarem em meio à festa.

O desfile dá oportunidade para os piratinenses discursarem sobre o passado. No ritual fazem um minuto de silêncio por seus mortos, revivem com orgulho fato de terem oferecido Piratini, para ser a terra de resistência ao jugo imperial pelos ideais republicanos. Assim, o desfile é uma manifestação do sentimento de orgulho de ser Piratinense. São esses motivos suficientes para compreender as visitas das autoridades aos monumentos, as flores depositadas neles, mensagens significativas apreendidas pela população nesses dias. Além disso, também estimular as freqüentes visitas ao museu local, e promovê-lo como centro turístico.

O desfile é aberto geralmente por algum Piratinense vestido de soldado revolucionário que pede autorização, em companhia de um grupo expressivo de gaúchos a cavalo portando bandeiras regionais simbolizando os lanceiros da guerra. Além disso, participam do desfile o exército de Bagé e Pelotas conjuntamente com sua banda musical.

Todas estas expressões fazem do "20 de setembro", mais que um simples desfile comemorativo, sendo uma verdadeira festividade oficial da memória farroupilha que esses habitantes veneram e que ressalta a terra onde vivem. Portanto, Piratini é capital histórica do Rio Grande do Sul, significando mostra de amor aos ideais republicanos e à nação Brasileira da qual não se deve abrir mão. Sobretudo porque ela passou a ser um exemplo de Brasilidade deixada pelos farrapos, por lutarem contra o domínio Português.

De outra parte o festival de música da Vertente da Canção de Piratini, que acontece nessa localidade é importante evento que exalta emblemas do passado como a "bica", uma das primeiras fontes de água que teve a cidade histórica nos tempos da colonização. O festival é chamado de Vertente pelos organizadores na intenção de construir alguns mitos do passado vivido.

Os festivais de modo geral são patrocinados pela Prefeitura Municipal, a qual chega inclusive a produzir discos das canções participantes. Nestes eventos, a memória histórica oficial encontra reforço nas letras e músicas que os cantores compõem, para falar do período revolucionário e das tradições gaúchas.

As letras, tanto quanto seu canto musical, fazem da cidade de Piratini um recontar histórico que mescla aspectos da colonização, guerra e tradição da identidade do gaúcho. Como nos apresentam alguns trechos de letras das músicas participantes :

*"Piratini, uma moldura, tem cultura, tradição, chão farrapo
lenda e fato um retrato deste chão." (J.C. Silveira);*
*"Capital do afago, Piratini eu te trago no fundo de meu coração."
(Valerio Ávila);*
*"República do sol, capital em pé, na resistência a querência de
Piratini." (Juares Machado);*
"A fazenda do combate, primeira capital porque luto" (J.C. Silveira)
(Letras do III Festival da canção nativa de Piratini. 1993.)

As canções participantes possibilitam imaginar o começo de Piratini, usando a fonte da água, a vertente (bica) como ponto de partida a ela chegam os personagens e as

identidades mais variadas da história local e regional, que vão se misturando para dar um sentido da tradição regional com o povo local, por isso, Campeiro, Tropas, Peões, Farrapos, história Riograndense, raízes Republicanas, todos formam parte constitutiva de um enunciado que se quer ideal. Na realidade, a vertente (bica) recebe nas canções toda uma figuração metafórica das representações do passado histórico dos piratinenses como nos apresentam as seguintes letras:

“Sanga da lavagem, Portal das tropas. Sede para trazer velhos sabores, vento de cacimba, sua água refletindo a imagem de velhas lembranças, beber dessa água para reviver sentimentos profundos, água da saudade, os segredos dessa água pura. O povo sulino que clamou por água esquece a mágoa e volta a semear e vai adiante.” (Letras canções festival Vertente IV. 1994)

Uma fonte de água que dá início a uma epopéia da tradição regional unida à identidade local. Isto acontece graças ao fato de que estes festivais musicais passam a ser verdadeiros momentos coletivos reflexivos de sentimentos do passado, que faz rememorar o trabalho do peão, agricultor, uma vida de sacrifício e agregação no campo. Como nos apresentam as seguintes letras:

“Sou peão caseiro na estância, e nunca eu tinha visto o patrão e a patroa.” (Mário Meireles);

“As mágoas e penas que vivo a tropear, são sonhos menino, de tropa e arado cheiro de banhado de canga e bocal petiço tostado.” (Dário Nunes e José Funari)

“Ouço o mugido do gado, segue um clarim campeiro, tropeio tropas lembranças.” (Dário Nunes e Cristiano Quevedo),

*“Ergueu trigais de esperança cantando ao braço do arado” (Juares Machado de Farias).
(Letras IV Festival Vertente Piratini. 1994)*

As músicas e seus cantos abrem um espaço introspectivo para imaginar o que aconteceu com os farrapos, suas lutas, mortes, ideais e associação a práticas estancieiros da criação e os valores tradicionais gaúchos formando um complexo universo de enunciados significativos recepcionado pelos Piratinenses que assistem e acabam escolhendo a canção vencedora. São festivais que congregam cerca de 1.500 pessoas no ginásio Esportivo da Prefeitura, transmitido pela estação de rádio local, FM

Nativa , ao vivo, tendo uma duração de três dias de competição. Realizam-se no mês de dezembro de cada ano.

Outra festividade comemorativa importante ocorre no dia 6 de julho, na chamada "Semana Cultural" . Trata-se de uma data que comemora a fundação da cidade de Piratini e há vários anos realizam-se exposições de pinturas, fotografias, peças de teatro, feira de artesanato, visitas ao museu farroupilha, noite esportiva, um jantar de aniversário da cidade, além de palestras sobre a história de Piratini, : " leal e patriótica".

Durante toda essa semana o centro urbano recebe visitas e participantes que vêm de Pelotas, Canguçu, São Lourenço, Rio Grande etc, os quais são convidados a apresentarem seus trabalhos à população urbana, fazendo da festividade um intercâmbio cultural com outras localidades.

Esta festividade reforça a idéia de que Piratini é uma cidade histórica, estratégica para os ideais republicanos e revolucionários. A memória histórica oficial lembra os açorianos como precursores, mas estes não concentram o total interesse da festividade, muito menos os negros e indígenas.

A data da fundação parece ser retomada como um começo da tradição local e regional, no esforço de garantir uma tradição heróica gaúcho. Os açorianos como primeiros habitantes de Piratini passam a colaborar nesse objetivo. Mas na verdade, a festividade do "6 de julho" valoriza sobretudo a época vivida pelos piratinenses no período revolucionário negligenciando o tempo da desenvolta freguesia Nossa Senhora de Piratiny que tinha a presença de indígenas, negros, militares , religiosos, comerciantes vicentinos, paulistas , etc : negam assim a importância para o desenvolvimento do município este período pioneiro.

Um prédio histórico tombado chamado de casa da Camarinha é considerado como a casa do primeiro morador, expressando, assim , um significado simbólico da povoação do município. Além disso , é realizada uma exposição fotográfica de imagens antigas da cidade com palestras acerca da importância de Piratini ter sido a primeira

Capital Farroupilha. No final da semana, durante a noite, entregam-se os troféus e certificados pela participação da festividade.

Finalmente, a memória histórica oficial aparece nas festividades dos CTGs e Piquetes de Piratini, os quais têm uma efervescência cotidiana bem acentuada instaurada. Nestes espaços sociais, vive-se um ambiente festivo permanente, que permite reviver ou cultivar as histórias dos farrapos e dos gaúchos em seus encontros dançantes e momentos de estudo. O CTG mais importante é chamado "20 de setembro", onde existem aproximadamente 2000 fichas de inscrições, participando ativamente cerca de 700 pessoas, a maioria do sexo masculino

No desfile do "20 de setembro", os CTGs e seus Piquetes produzem verdadeiras encenações do episódio da guerra, assim como tertúlias crioulas, culto aos farroupilhas, que os leva a se preparar durante o decorrer do ano inteiro para engrandecer a festividade histórica local.

As fichas das inscrições para participar das comemorações nos CTGs e Piquetes são proposta para sócios, as quais, além de solicitar informações dos participantes, realizam uma seleção de acordo com os setores de interesses, tais como: setor campeiro, artístico e cultural.

Os bailes são pontos de encontros para programar atividades campeiras, rodeios, feiras de animais, algumas horas de estudos sobre aspectos folclóricos tradicionalistas ou da própria história local. Os CTGs e Piquetes assumem uma certa filosofia de vida que absorve em grande parte os princípios históricos da Revolução Farroupilha, cujo peso valorativo recai sobre essa terra de Piratini, produzindo uma espécie de movimento social de resgate da tradição histórica dos farrapos, dos princípios tradicionalistas - nativistas que em definitivo parecem constituir um conjunto de sentimentos por esse passado sangrento dos farrapos.

Não se participa nos CTGs e Piquetes com a mera intenção de dançar ou assistir a uma domingueira, sobretudo, se ingressa para trabalhar no resgate da história

local que faz de Piratini a capital farroupilha. Mesmo estes piratinenses que assumem às vezes um discurso nostálgico, também mergulham neste espírito de orgulho e dignidade de haver nascido e ser piratinense.

De modo geral, essas festividades incorporam aspectos importantes da memória oficial histórica, cujas práticas comemorativas reproduzem com destreza uma plataforma para que a identidade do gaúcho se preserve. Da mesma forma, os espaços das moradias materializam e reforçam a conscientização dos valores piratinenses que devem ser cultuados por sua população

Este é um discurso assimilado e representado nessas casas antigas do centro urbano que, além de legitimarem a ordem farroupilha, referem-se aos estágios vividos por uma hierarquia social (rural - urbana), que as teria usado e conservado como privilégio e distinção social dentro da sua população. Esta prática ainda parece estar vigente

No entanto, outros tipos de residências constituem parte de seu passado, pois ainda são mantidas por seus moradores. Assim como outras festividades de seu cotidiano continuam sendo vivenciadas pelos Piratinenses.

Por isso, nos propomos a partir de agora, apresentar por meio de três "notícias" etnográficas que serão desenvolvidas nos capítulos seguintes desta dissertação referentes às memórias coletivas construídas com base nas convivências cotidianas dos piratinenses, para desconstruir a memória oficial farroupilha, mostrando as formas de viver dessa identidade cidadina, ou seja, uma outra maneira de manifestar-se nessa cidade. As notícias recolhidas da "zona do cemitério" e da localidade de "Paredão" servem para refletir sobre os tipos de residências dos Piratinenses tomadas pelos modos singulares como seus moradores vivem.

E a outra notícia, oriunda das próprias ruas do centro urbano, ou seja, a partir de uma festividade popular, conhecida pelo nome de "Bicharada", que revela a convivência das diferenças sociais dessa população local.

CAPITULO 4

A ZONA DO CEMITÉRIO

Uma "Zona do Cemitério" é o contexto desta primeira "notícia" etnográfica. Descreve-se o cotidiano de um bairro do centro urbano de Piratini, pois quer-se mostrar como a memória coletiva carregada de vivências passadas e presentes de um grupo de famílias vindas do meio rural exprime a continuidade e descontinuidade de suas formas de viver, fazendo dessa área fúnebre uma experiência fragmentada da vida social.

Os aspectos a serem abordados no decorrer do presente Capítulo tem a ver, em primeiro lugar, com dados pelos quais as famílias vieram morar nessa área do cemitério, "*o bairro da zona*"; no segundo momento, deseja-se definir seus moradores por meio de algumas estratégias de sobrevivência, as quais permitem a reprodução social desse grupo, os quais intitulam-se "*Os moradores do Cemitério*". Por último, "*Casas do Centro x Casa da Zona: diferenças espaciais e estilo de vida*", centra-se a atenção nos tipos de casas em que estes sujeitos moram, pois a casa, como diz Da Matta, "(...) está dentro dos domínios pelos quais a própria sociedade se atualiza e ganha vida." (Da Matta, 1991: p.59)

Todos esses pontos têm por interesse tanto desvendar formas diversificadas de viver dos piratinenses que mostram os contrastes e as conexões com os modos citadinos das casas antigas e grandes do centro urbano. Neste sentido para além da memória oficial Farroupilha reclamada como legítima da identidade cidadina, constroem-se outras representações de tempo vividos, remetendo-nos ao conhecimento de memórias coletivas e outras formas de interpretar as "tradições" e seus sentidos simbólicos.

Por isso , descrever aspectos da forma de viver dos moradores do bairro da zona não é favorecido meramente pelo fato de que esse grupo de famílias mora em volta de um cemitério, muito menos pelos significados das sepulturas e as práticas fúnebres dos piratinenses urbanos, senão porque a identidade cidadina dos piratinenses pode encontrar uma maneira de ser tratada desde a memória coletiva impressa nesse conjunto de aspectos.

Por outro lado, o que me levou inicialmente a visitar este local foi um mero interesse particular de jogar uma “pelada” de futebol num campo esportivo muito próximo a essa zona. Isso aconteceu no período em que pesquisava os prédios históricos, quando fui convidado para jogar por um habitante chamado Juarez, que naquele tempo estava noivo de uma das filhas de um medico²⁰ local cuja família me abrigou durante 3 anos em que transcorreu a pesquisa.

Juarez se tornou um amigo fundamental na inserção das redes locais neste bairro. Me levou diversas vezes aos treinos do clube de futebol da zona. Assim, tive a oportunidade de conhecer um grupo considerável de moradores desse bairro, os quais me fizeram entrar nas suas casas, recebendo de suas famílias uma acolhida especial.

Desde aquelas primeiras convivências, inquietava-me as semelhanças das moradias e o número elevado de membros do grupo familiar que se movimentava naquele espaço doméstico de reduzido tamanho, o que fazia delas uma visão de contraste à maioria das casa antigas do centro. Da mesma forma, havia a passividade desses moradores quanto à proximidade das sepulturas do cemitério e, sobretudo, suas brincadeiras em relação aos cortejos que chegavam a esse local; tudo parecia rotina , parte de sua vida comunitária de muita normalidade.

Estas peculiaridades da rotina do bairro reforçaram o desejo de pesquisar nesta zona . Desde logo privilegiei pesquisar sobre as características do espaço usado por essas famílias, que o tornavam diferente e problemático. Além disso, tinha escutado, desde

²⁰ O medico se chama Rômulo Panatieri e tornou-se um dos meus informantes-chave todo o tempo da pesquisa

o início, uma série de preconceitos acerca das famílias que moravam nesse bairro, tanto que estando na "Bairro da Zona" sentia-me tão distante como os moradores do centro o faziam em relação a esse lugar .

Todos esses fatores motivaram a encontrar na "zona do cemitério" uma alternativa legítima de estudar as moradias e as peculiaridades de sua população , pois na perspectiva de contraste podia-se tentar entender as diferenças sociais dessa estrutura social de Piratini.

4.1 O Bairro da Zona

Parece, a simples vista, constrangedor morar em volta de um cemitério¹, porém um número considerável de famílias de piratinenses, vindas sua maioria do meio rural, fizeram-no há mais de 40 anos, enraizando-se neste bairro da cidade.

Apesar de não ser esse o único local fúnebre do município, pois existem outros distribuídos na sua extensa área dos subdistritos rurais, destaca-se devido ao fato de que, além de ser bem conhecido entre os piratinenses, segue sendo visto como uma mera zona fúnebre. Tal vez seja porque esse lugar é complementar às áreas mais nobre do centro urbano e tenha recebido esse nome devido à marca de distribuição geográfica passada conhecida como "zonas"²¹.

Além disso, preserva um dos cemitérios mais antigos da cidade, construído no ano de 1863, numa área de terra doada pelo Dr. José Alfonse Gassier e dona Florinda Gassier, sua esposa. Ele, de nacionalidade francesa, e ela, uma piratinense, parente de dom Vicente Lucas de Oliveira, foram personalidades ilustres²² que residiram nos antigos sobrados do centro urbano.

Na lembranças do Sr. Carlos, 63 anos, morador do centro, o cemitério da zona pode vir a ser a continuidade de um outro que existiu no passado, o qual funcionou próximo à Igreja da Matriz, e, no decorrer do tempo, não foi capaz de comportar a demanda do aumento da população. Em virtude dos interesses do plano diretor do centro urbano, decidiu-se mudá-lo em favor de uma estação hidráulica de abastecimento de água e de terrenos para moradias.

²¹. Ver as explicações das distribuições geográficas que o município teve no capítulo 3 na apresentação da memória oficial do centro urbano. Por outro lado, zona também significa no meio rural lugar onde existe algum local de prostituição, por isso, quem visita a zona, vai se encontrar com as mulheres

²². A data da construção do cemitério da zona aparece exposta na porta dos cemitérios e os outros dados da doação. Assim como do outro cemitério das famílias de descendência alemã foram me fornecido pelo Historiador local David de Almeida.

"O cemitério antigo e seus restos mortais teve que se mudar para a atual área onde se encontra agora, destinando o espaço inicial para a construção de uma hidráulica, estação de beneficiamento e tratamento de água pertencente hoje em dia à Corsan, que permitiu abastecer praticamente todo o primeiro subdistrito, assim como terrenos para moradias.

Essa área fúnebre foi sendo povoada e ocupada pelas famílias que aí moram aos poucos. O Sr. Anibal, morador antigo da zona, lembra que isso se teria iniciado há 40 anos atrás, quando nesse lugar cerca de 4 a 5 famílias se instalaram. As casas pertenciam a Barico, Sra. Joana, Severo, Sr. Victor Gomez e a Velha Anastácia, e se localizavam distante do cemitério. Nem todas eram construções de alvenaria; algumas casas eram feitas de leiva, ou seja, uma espécie de torrões de terra que cumprem a função de tijolo, e cobertas com palha.

"No início, a zona do cemitério, há mais de 40 anos, começava a partir da avenida perimetral, que naquele tempo tinha umas duas casas de alvenaria e outras, ranchinhos de leiva cobertos com palha, à esquerda. À sua direita encontrava-se a casa da velha Anastácia, uma descendente de escravos que morava numa das casas de alvenaria. O resto do terreno era mato, e nós jogávamos uma pelada em frente ao cemitério, com medo que a bola entrasse nas sepulturas. Nos tempos de chuva marcávamos com a bola a parede do Cemitério."

As moradias foram aumentando à medida que os lotes de terra foram sendo adquiridos com facilidade e com boas condições financeiras. Tais lotes eram acessíveis porque se tratava de uma área territorial depreciada pela proximidade das sepulturas.

Uma vez obtidos seus lotes de terras, os moradores da zona foram construindo suas casas de forma semelhante, impondo um modelo de fabricação de moradias pequenas, feitas na sua maioria de tijolos de barro rebocados com cobertura de telha de barro, ao estilo colonial.

As vendas desses lotes foram realizadas pelo filho de criação daquele casal que tinha doado o terreno para o "cemitério da zona", porém algumas das famílias começaram a invadir a área para ali se instalar e construir sua casa.

O relevante desse processo de instalação das famílias é que o fato de que ali começaram a montar um conjunto expressivo de moradias. A "Zona do Cemitério" não foi mais um mero lugar para depositar os mortos do centro urbano: passou a acolher famílias que chegaram estimuladas por um movimento migratório provocado nos subdistritos rurais. Essas famílias diversas encontraram uma opção concreta para dar continuidade à reprodução social de seus membros nesse espaço com características fúnebre mesmo sabendo que seria constrangedor morar ali. Sendo assim, essa migração, segundo o que diz Durhan sobre o êxodo de famílias rurais para o meio urbano brasileiro, "(...) apresentar-se-ia como uma das respostas à situação de crise em que se encontravam as famílias rurais e é muito provável que seu equipamento cultural de origem influa no modo de ajustamento do rural à vida urbana." (Durhan, 1978: p.13)

Essa alternativa das famílias de viver ao redor de um cemitério estimulou, por outro lado, a identificação das mesmas, reforçando os laços de pertencimento a um determinado grupo social.

No entanto, os preconceitos de moradores do centro tinham favorecido e ocupado um papel decisivo nos mecanismos de auto imagem desses conjunto de famílias heterogêneas. Nos depoimentos da Sra. Cármen e do Sr. Pedro, moradores do bairro da zona, vemos alguns dos estigmas que o bairro tem. Consideram-no um local de delinqüentes e marginais, de famílias que, morando numa área desprivilegiada, habitam um local desvalorizado, e que causa "aos do centro", constrangimento de visitar.

"A zona é vista como um depósito de marginais, uma favela cheia de bandidos, bêbados e assassinos, uma zona perigosa que não dá para visitar. Quando estudei no Ponche Verde, que fica no Centro, minhas colegas sabiam que eu morava aqui, então não me visitavam. Para mim, isto era uma burrice, então foi difícil fazer amizades. "

"Eles não gostam de nós, porque pensam que somos vagabundos, que não trabalhamos. Como é que a gente vai sobreviver se não trabalha? Eu não tenho vergonha de dizer que moro na zona. É um lugar igual aos outros, e o cemitério não incomoda nada, nunca

incomodou. Por mais que eles não gostem de nós, ao final, cedo ou tarde, todo mundo vem morar com nós aqui na zona."

Tais preconceitos surgem das falas ouvidas nas "ruas" do centro, que, para Da Matta (1991), são sempre feitas em oposição à casa, pois é nelas (ruas) onde fica o domínio das leis pessoais totalmente submerso. Isto é " (...) quando a casa é englobada pela rua vivemos freqüentemente situações diferentes e em geral autoritárias, situações nas quais se faz um rompimento com a teia de relações que amacia um sistema cujo conjunto legal não parte da prática social, mas é feito visando corrigi-la ou até mesmo instaurar novos hábitos sociais." (Da Matta, 1991, p.20).

Na verdade, as formas de viver em volta de um cemitério urbano podem de fato alterar os comportamentos e valores de famílias rurais, sobretudo quando estas renunciam às condições de existência dadas pelo contato da natureza, pela relação de vida que impõe o meio rural, que é expansiva. Porém, o ambiente fúnebre da "Zona do Cemitério" não tem por missão fazer isto. Em que pese que é comum, nos contextos urbanos²³, que seus cemitérios apresentem mudanças em relação a seu funcionamento no que diz respeito ao tratamento dos defuntos, aos tipos de sepulturas e seus custos e que enfatizem de modo geral a distância da vida familiar, isto é, situados em áreas isoladas e periféricas.

O "Bairro da Zona" não rechaça seu cemitério, muito menos as suas formas de viver junto a ele, mesmo que à simples vista não pareça dizer nada, a não ser aquilo que um ambiente fúnebre de modo geral expressa: um local de depósito de mortos, silencioso, pouquíssimo freqüentado, a não ser no dia de finados, mas que apresenta um conjunto de peculiaridades.

E, quanto ao cemitério da zona²⁴, este é um espaço não muito grande, que apresenta poucas transformações estruturais, porém abriga um conjunto considerável de

²³ Os cemitérios urbanos mudaram muito suas características, passaram a prestar bons serviços mortuários, desde os serviços de sepulturas até as facilidades de comprá-las. Muitos desses cemitérios parecem verdadeiros jardins de flores

²⁴ O cemitério da zona funciona todos os dias da semana, porém das 8:00 até as 19:00 no máximo, que é permitido o seu acesso. Entre as tarefas dos funcionários, está dar assistência às famílias visitantes, enterrar os defuntos, cuidar da segurança, preparar a sepultura, isto é, dar um número e a rua à família para os atos funerários. A maioria desses funcionários pertence à zona.

defuntos, alguns enterrados há muitos anos, outros que ficam acima da terra, ou seja, sepultados cerca de 40 cm sob o chão até quase 2 m de altura, bem distribuídos em túmulos numerados formando verdadeiras trincheiras de sepulturas.

Também encontram-se alguns mausoléus familiares, como sepulturas de diferentes tamanhos, ordenadas por números e ruas. As ruas são definidas pelas letras do alfabeto, e nelas encontramos dois banheiros públicos, um depósito para acender velas e uma pequena capela que é usada para celebrações religiosas antes do sepultamento dos defuntos.

As sepulturas do "Cemitério da Zona" registram com tinta o nome completo do defunto, ou, às vezes, somente suas iniciais, ocultando o nome, uma espécie de anonimato determinado pelos familiares do morto. Do lado do nome do defunto está a data de nascimento, assim como a da sua morte. Toda essa identificação do morto pode estar feita com letras metálicas ou em estrutura de mármore.

São sepulturas decoradas com flores de plástico, colocadas em floreiras pequenas ou em algum outro objeto parecido, com a finalidade de sustentá-las. Também é visível a presença de coroas de flores, fotografias, mensagens e orações que se depositam ao redor dela.

No cemitério, trabalham de quatro a cinco funcionários, que exercem ofício de coveiros, porém executam outras tarefas nas horas que não têm que assistir os mortos, para manter o cemitério o mais apresentado possível.

Em meio a todo esse cenário fúnebre, os piratinenses do centro urbano efetuam os sepultamentos de seus parentes ou conhecidos, aos quais os mais amigos quase sempre expressam algumas palavras, seja discursando alguma mensagem ou efetuando alguma reza, que é sempre feita pelas mulheres. É comum ver-se abrir o caixão do defunto com prévia autorização dos familiares, instantes antes de entrar na sepultura, para expressar o adeus final, momentos propícios para lamentos, choros e afetos.

Saindo do cemitério, percebe-se que este não fica desolado, posto que se está na presença de um outro ambiente distinto, imposto pelos diversos momentos do dia-a-dia dos moradores do "Bairro da Zona", entre os quais estão as maneiras com que usam seus poucos espaços físicos públicos disponíveis, os quais, além de serem pequenos e reduzidos, são escassos.

Mesmo assim, o "Bairro da Zona" criou seu espaço principal de forte sociabilidade, composto por um conjunto de locais comerciais. Em meio a 3 centros religiosos, todos oferecem um variado auxílio de provisões e serviços aos moradores.

Nessa mistura de estabelecimentos comerciais, como a padaria, sapataria, carpintaria, armazém de alimentos secos e molhados, botecos, etc., os habitantes convivem horas do dia intensamente com os cultos religiosos que se dividem em práticas evangélicas e umbanda, que parecem exercer uma espécie de fortalecimento ou proteção às famílias ante à existência dos defuntos. É também o espaço físico mais urbanizado do bairro da zona, pois sua rua principal, que une os estabelecimentos, está totalmente asfaltada para o trânsito de carros e muito bem iluminada.

Tanto o cemitério como esse conjunto de locais formam um cenário público bem aproveitado e organizado pelos moradores para formar suas instituições sociais, religiosas, políticas e recreativas, potencializando as práticas de sociabilidade e crenças. As práticas grupais e individuais acontecem em meio ao trânsito permanente por esse ambiente estreito dos estabelecimentos, nos horários mais diversificados do dia-a-dia, seja antes, durante, ou depois das atividades laborais ou domésticas para organizar festas, jogos de futebol, pescarias, encontros religiosos, debates políticos, etc.

Essa apropriação e uso desse espaço dos locais é complexa, mas oferece um potencial ao convívio comunitário e impessoal desses sujeitos. Por outro lado, de modo geral, os moradores da zona que se deslocam para o centro urbano, por diversos interesses, devem cruzar o cemitério e esse espaço ocupado pelos estabelecimentos públicos. Todos os cruzamentos são realizados por uma avenida asfaltada de duplo

sentido, que se inicia na porta de entrada do cemitério, passando pelos estabelecimentos, chegando até o esqueleto memorial histórico, cruzando a Igreja da Matriz e a Prefeitura Municipal.

Ao redor do cemitério, estão as casas dos moradores, algumas poucas próximas a essa mescla de estabelecimentos; às outras só se pode chegar por meio de suas ruas de chão batido, que carecem de iluminação elétrica. As casas do bairro da zona são pequenas; não têm mais de 5 ambientes internos, que também são pequenos mas muito bem aproveitados por seus moradores. À primeira vista, todas apresentam uma janela e porta. Assim como é viva a presença de animais em volta desse pequeno espaço doméstico. A maioria dessas casas foram feitas pelas mãos de seus próprios moradores. Parecem ser moradias econômicas, isto é, de baixo custo, porém as famílias as pintam seguidamente.

Há algum tempo, a administração municipal tem procurado melhorar sua imagem, dando-lhe o nome de bairro Santa Isabel, colocando placas de ruas e asfaltando sua rua principal, fazendo o mesmo com outra recente vila de casas populares que chamou de Padre Reinado, como nos fala o Sr. Oscar, 54 anos, morador do bairro da zona:

“Nós que somos da zona fazemos parte de famílias mais antigas com mais de 30 anos. Os outros são das casas populares, que têm casas novas há 3 anos que a prefeitura deu. A nós ninguém deu nada, tivemos que encarar qualquer serviço para sobreviver. Agora nos deram um nome de bairro Santa Isabel, mas a gente sempre conheceu este lugar como a zona do cemitério.”

O "Bairro da Zona", além dessas peculiaridades, apresenta precariedades, como as instalações de energia elétrica das moradias, que é precária e às vezes inexistente; seus sistemas de esgotos são improvisados, assim como o asfaltamento de suas ruas de chão batido, que recebem as máquinas da prefeitura esporadicamente. Além disso, é expressiva a falta de empregos fixos, que os obriga a empregar-se em qualquer

trabalho a fim de conseguir dinheiro. Sofrem com a fiscalização da prefeitura, que tem proibido a criação de animais no seus espaços domésticos.

É um bairro pouco freqüentado pelos moradores do centro, que praticamente o fazem obrigados pelo funeral de algum familiar ou conhecido. É bem comum ver as poucas ruas que existem em horas do dia desertas e em outros momentos muito movimentadas pela presença do trânsito de seus moradores, que as tornam vivas e de múltiplas interações cotidianas. O "Bairro da Zona", sem seu cemitério, não representa a mesma coisa para o cotidiano desses piratinenses, mesmo assim não interfere no decorrer do conjunto de atividades que impõem a vida social, pois faz parte do cotidiano de seus moradores.

Por outro lado, a experiência de morar na volta de um cemitério por um conjunto de famílias do meio rural diversificadas demonstra como a identidade cidadina dessa localidade se fragmenta também pelas práticas cotidianas desses sujeitos e, por sua vez, na invenção de um cotidiano, criam formas de viver coletivas para reforçá-las.





4.2 Os Moradores do Cemitério

Morar na "Zona do Cemitério" significa para sus habitantes vivenciar um cotidiano num espaço caracterizado por viver perto da morte, do território dos mortos. Motivo de grande estigma²⁵ por parte dos moradores do centro urbano em relação a este local que considera a presença das famílias naquele ambiente fúnebre uma experiência desfavorecida por conviver próximo aos defuntos.

De fato , não é essa peculiaridade a que possam se reduzir os preconceitos para com esse universo de moradores, pois a maioria da sua população provém do meio rural e compõe-se de uma grande parte de famílias de origem negra, mas outro tanto é de famílias de brancos, que, em seu conjunto, formam um universo diversificado de origens étnicas. Por outro lado, em relação a seu nível escolar, pode-se perceber que é baixo, devido a grande números de jovens e adultos analfabetos; embora, muita crianças e jovens freqüentam escolas municipais e estaduais , que ficam no centro. Este detalhe, apenas elucida que as fronteiras emocionais mapeadas pelo estigma são tênues e do moradores do centro e deste bairro acabam por se cruzar por outras dinâmicas de redes sociais e institucionais.

O Sr. Heitor, 44 anos e Dona. Adriana, 24 anos, moradores do " Bairro da Zona" , apresentam-nos alguns dos motivos das trajetórias da passagem do meio rural para a periferia urbana , que fazem reconhecer pessoas entendidas nas práticas agrícolas, pois esses moradores fazem questão de reforçar seus vínculos aos fazeres da vida campesina, seja mantendo uma horta familiar e criação de animais, seja trabalhando em todo tipo de serviço de lavoura .

"A zona eu já conhecia desde pequeno, porque já existiam algumas casas quando visitávamos a Campanha. Eu e minha mulher então decidimos vir com as crianças para a cidade, e compramos esta casinha pequena que foi de um parente nosso . Quando chegamos, a casa já estava feita, só que

²⁵ Este termo é usado para referir atributos profundamente depreciativos., Sigo aqui . Erving Goffman na sua obra "o estigma", 1978.

a ajeitamos a nosso jeito, com uma hortinha e um galinheiro, com alguns bichos. Nós estamos morando aqui há quase 18 anos."

"Eu moro aqui na zona há muito tempo, não é um bom lugar, imagina, morar do lado de um cemitério. Mas até que é gostoso morar aqui pelo pessoal. A gente morou lá fora, mas estava muito difícil para nós, e o pai decidiu vir para cá. A vida no interior é muito diferente, se tem de tudo, e aqui na zona as coisas são escassas, é difícil sobreviver."

Os " Moradores da Zona", apesar de sofrerem esta rejeição moral da população do centro, são assíduos freqüentadores do centro, seja para comprar, trabalhar, seja para fazer alguns serviços para essas mesmas famílias, pois o centro oferece os mais diversos empregos esporádicos. Apesar de que, entre os moradores do bairro da zona, encontra-se um que outro professor das escolas do município, algum funcionário público, porém sua maioria tem como estratégia de sobrevivência, trabalhar em diversas atividades laborais, entre as quais encontramos domésticas, jardineiros, pedreiros, oleiros, carpinteiros, trabalhadores da campanha, etc., como narra o Sr. Marcelo, 45 anos, morador do bairro da zona:

"A gente sobrevive de qualquer coisa, eu sei fazer de tudo. estamos sempre visitando a campanha. Eu era agricultor e perdemos nossa chácara, pois tivemos que vendê-la e viemos para a zona do cemitério. Aqui, apesar de a casa ser pequena, dá para viver, não tem gente ruim, e todo mundo se conhece. O que às vezes é escasso é o serviço, mas é difícil ficar parado, dá ao menos para a bóia."

Um outro espaço de trabalho dos moradores são as empresas rurais que existem e exploram os recursos naturais do município com plantações frutíferas, preferencialmente o pêssego, ou o reflorestamento de pinus e acácia negra, assim como três olarias que fabricam tijolos nas proximidades do centro urbano, que empregam aproximadamente 40 pessoas. As empresas rurais em questão, instalaram-se nos subdistritos da área rural efetuando investimentos do capital privado que absorve mão-de-

obra expressiva e barata, gerada pela grande falta de emprego que a cidade de Piratini apresenta.

A existência desta estrutura de trabalho agro-industrial, explica porque muitos moradores da zona do cemitério, embora tenham migrado para núcleo urbano, isto é, para Piratini, em busca de um emprego numa determinada época de penúria no campo, encontram atualmente mercado de trabalho novamente na zona rural. Permanecem moradores na cidade se deslocando diariamente para a zona rural onde se localizam as empresas rurais, lembrando um pouco os movimentos dos bóia frias em São Paulo, estudado por Maria Conceição D' Incao no seu livro " O Bóia - Fria : acumulação e miséria" . Embora , no caso da localidade de Piratini não se trate de trabalhador na colheita sem direitos trabalhistas. Estas empresas agrícolas, de modo geral, seguem as regras da legislação trabalhista assinando a carteira profissional de seus empregados.

Nas conversas rotineiras no "Bairro da Zona", alguns dos habitantes dizem que conseguir contrato permanente em alguma dessas empresas rurais como a "Agrofil", "Atanagro", " Isagro", " a Geral" e a " Olaria", mesmo que o salário seja baixo, é como ganhar na loteria, pois esses empregos garantem uma constante ocupação, uma certa estabilidade em relação a uma maioria das famílias da zona que sobrevive dos empregos eventuais e das aposentadorias rurais.

Entretanto, essa visão das empresas rurais como uma alternativa de emprego concreta para esses moradores da zona não desconsidera que estes se definam como biscateiros, capazes de trabalhar em qualquer coisa, contratados como diaristas ou às vezes por semana. Para ganhar algum dinheiro, estes piratinenses trabalham nos mais diversos serviços esporádicos, seja para limpar um pátio, arrumar uma casa, lavar uma roupa, cuidar de alguma criança, sendo capazes de desenvolver os serviços mais sujos, como o da prelagem prática de tapar casa que requer muita mão de obra masculina, assim como trabalhar no meio rural, etc. O valor recebido com certeza não compensa,

mas para os entrevistados estas tarefas " são dignas " e permitem sustentar seu grupo familiar.

Portanto, se os moradores da zona do cemitério, nas suas estratégias de sobrevivência, se movimentam pelo contexto urbano, seja no próprio centro, empregando-se nas diversas opções que este oferece, encontram no meio rural uma oportunidade maior e mais eficaz para desenvolver tarefas nas atividades das fazendas e das empresas rurais que o município possui.

Com isto, o estigma expresso pelos moradores do centro que consideram os moradores da zona do cemitério "marginais ou vagabundos" não conseguem compreender que o fato dos habitantes da periferia terem que enfrentar tantas dificuldades de inserção em um mercado de trabalho produtivo no contexto urbano, resulta das próprias dificuldades infra-estruturais da cidade. É a estrutura econômica de Piratini, que não consegue absorver o aumento populacional pela migração rural que buscam este núcleo na expectativa de solucionar sua situação de desemprego e exclusão do mercado econômico que permita um assalariamento.

Todas essas interações desses sujeitos no trabalho reforçam tanto suas práticas rurais, quanto as que assumem nas experiências que lhes coloca essa precária fonte de emprego que caracteriza o centro urbano de Piratini.

Os moradores diversificam suas rotinas cotidianas num conjunto de atividades que se iniciam pela manhã, quando saem de suas casas para distintos empregos, passeios, encontros, compras, etc., mas sempre retornando para as refeições, com exceção daqueles que saem durante todo o dia, ou, no caso, a semana inteira para área rural, lá permanecendo devido à distância que estão de suas casas.

Entretanto, as ausências dos moradores são relativamente esporádicas, não representando um abandono prolongado e sucessivo das moradias; por outro lado, as casas estão bem resguardadas pela permanência de algum membro da família em volta

dos afazeres domésticos ou simplesmente algum vizinho que permanece responsável pela moradia.

As atividades rotineiras estendem-se aos fins-de-semana em que o lazer, a religião, as festas, os passeios, assim como o descanso no lar fazem-se mais presentes. Nos finais de semana, a "Zona" fica totalmente dinâmica: as maiores movimentações são as oportunidades para observar como esses habitantes desenvolvem atividades juntos, fora de suas casas, seja para assistir ao culto religioso, tomar alguma bebida, jogar canastra ou bisca no boteco, jogar pelo clube futebol "Esportivo", acampar, etc., o que mostra que esse modo de viver, peculiar dos habitantes da zona parece estar dinamizado em grande parte pelas práticas cotidianas comunitárias.

Assim, o cotidiano dos moradores da zona é inventado também por essas criativas ações sociais que surgem das relações da "Casa com a Rua", pelas quais se exprimem as estratégias de sobrevivência dentro da dinâmica rural-urbana. Partindo, assim, desta perspectiva, segundo Da Matta, dessa oposição básica na gramática social brasileira de estar frente a um par estrutural, casa-rua, os moradores desse bairro podem estar tanto perto delas, como longe, a fim de conseguir seus objetivos.

Por isso, manter a casa depende muito das ações que esses moradores realizam fora dela, isto é atuar no meio rural, ou no centro. De certa forma, estar no meio rural ou no perímetro urbano não faz diferença, porém mostra como essa população se fragmenta e se integra às relações de ambos os contextos. Por um lado, vivem uma continuidade de seus sistemas de valores tradicionais, e, por outro inserem-se na dinâmica urbana, onde vivem de forma acentuada uma realidade de pertencer à periferia urbana.

Esta realidade pode ser comparada, considerando as diferenças históricas de cada contexto de pesquisa, com o que a antropóloga Cornelia Eckert analisa sobre os imigrantes árabes (os trabalhadores- hóspedes) radicados em "la Grand- Comb", uma localidade caracterizada como cidade industrial pela produção de carvão durante o século

XIX até 1960 na França. Diz autora, sobre o processo de enraizamento das famílias árabes : " (...) vindos da periferia, a saga destas famílias imigrantes é a de serem mantidas à margem , mas em um território onde acabam por ancorar seus parâmetros culturais, apesar da ilegitimidade conferida pela população maior a este enraizamento. Apesar da segregação vivida (...) estes imigrantes acabam por construir uma história local que lhes permita 'repousar' na periferia." (Eckert, 1993: p.59-60)

No caso dos moradores da zona do cemitério, instalaram-se na periferia urbana desta localidade de Piratini tendo sempre presente o território que ocuparam , e apesar disso, as diversas tentativas de segregação sobre sua população não fizeram que estes o abandonassem , pelo contrário, permaneceram para enraizar-se numa nova experiência cotidiana construída por um conjunto de diversas trajetórias de vidas de sujeitos e famílias.

4.3 Casas do Centro x Casas da Zona: diferenças espaciais e de estilo de vida.

Dentre as casas dos piratinenses no centro encontramos variedades de moradias, entretanto, embora as construções antigas, herança do período colonial, sejam um conjunto expressivo, há outras de tipo moderno, que se sobressaem.

Nelas alguns aspectos se conservam e preservam ainda da arquitetura luso-brasileira. Tais casas são espaços domésticos grandes, apresentando uma distribuição espacial que chega a ser duas a três vezes o tamanho das casas da zona do cemitério. Além disso, não é apenas o aspecto da disparidade espacial que comporta a diferença entre casas grandes e casas pequenas que possam existir nessa localidade, mas a diferença é também de formas de viver nestes tipos de casas.

O mais significativo é que os tipos de construções, seus usos, decorações, etc. exprimem as maneiras peculiares de como os piratinenses moram de forma diferenciada nessa cidade, além de que as relações internas, quanto à configuração do espaço da casa, também diz Da Matta " (...) fazem parte de um processo inventivo do cotidiano e podem servir para entender a sociedade com suas redes sociais e valores." (Da Matta : 1991:34). Por isso, fizemos o esforço de entrar na casa da zona com a intenção de desvendar alguns aspectos que nos apresenta seu espaço doméstico para dar a conhecer as formas de viver desses piratinenses.

Entre os primeiros aspectos da moradia da zona estão os procedimentos de como é feita sua construção, posto que não é construída sem antes estudar seu terreno para achar o melhor posicionamento diante das condições climáticas, para dar garantia e oferecer uma boa distribuição das peças. A posição dessa casa pequena é pensada em função dos ventos, das chuvas, e da luminosidade, que é significativa na fabricação de janelas laterais de distintos tamanhos.

FIG. 01. ZONA DO CEMITÉRIO

TERRENO

TETO

O terreno visto na fig. 1 é trabalhado para ficar nos níveis apropriados para dar à construção uma base sustentadora das demais partes da casa. No passado, foi costume dos habitantes usar pedras medianas ou grandes de qualquer tipo para emparelhar os níveis do terreno, sendo logo cobertas de terra, deixando uma base semiplana sólida que favorece a incorporação de vigas de madeira que formarão a armação da moradia, proporcionando uma apropriada absorção à umidade causada pelas constantes chuvas e ventos frios em Piratini. Tanto as pedras como a terra foram coletadas pelos habitantes, que as extraíram das redondezas.

Este apresenta a característica de parecer uma espécie de escada em níveis que visam a mostrar uma casa em declive, vista desde uma suposta entrada que leva uma porta, até uma outra que será colocada nos fundos saindo da suposta cozinha. Esses desníveis favorecem a distribuição dos ambientes dentro da casa, além de dar consistência aos mesmos.

Um desses níveis servirá para o dormitório do casal e a sala de visitas, um outro para a copa ou sala de jantar e o quarto do(s) filho(s), e, finalmente, o último para a cozinha e o banheiro.

Como material de construção, segundo nos lembra o Sr. Barico, 64 anos, morador da "Zona do Cemitério", utilizavam muita pedra ou madeira, que os construtores revestiam com barro. O teto era de palha. Logo, os habitantes começaram utilizar o tijolo de barro que passou a ser revestido com reboco de cimento, incorporando

finalmente o tijolo cozido que as olarias acabaram fabricando para o uso das últimas construções que a "Zona" apresenta:

"Nossas casas foram feitas de diversas maneiras: no início a gente usava muita pedra e barro, depois apareceu tijolo de barro pelas olarias onde comecei a trabalhar. Logo decidi fazer os tijolos por minha conta com meu sogro; vendia e entregava num carreto a cavalo por todo centro, às vezes, lá fora. Agora se usa aquele tijolo cozido que nós também fizemos, mas muito pouco, pois o pessoal preferia o de barro, tinha que fazer o gosto."

Os tijolos de barro não são muito fabricados hoje em dia, no entanto se mantém por encomenda sua fabricação, que é requerida para algumas construções, pois esses tijolos ainda são de muita confiabilidade, como explica o Sr. Marcos, 30 anos, morador da zona:

"No passado foi meu pai que fez esta casa. Ele usou aqueles tijolos grandes de barro e o teto foi feito com capim Santa fé que existia muito por aqui em volta. Era uma casa muito consistente; nela criamos todos os irmãos, graças a Deus, todos com saúde. Mas com o tempo fomos ajestando a casa e ela ficou muito melhor, pois mudamos o teto e o chão que era terra batida."

Esse tipo de tijolo de barro parece oferecer uma maior resistência ao tempo, sobretudo à umidade e aos ventos que nesse município são persistentes nas diversas estações do ano. Algo parecido aconteceu com o tipo de teto empregado no passado, feito de palha, que chegava a resistir uns 3 a 4 anos de uso, mas acabou sendo substituído pelas telhas estilo colonial, fabricadas nas olarias, sendo de muita utilidade nas épocas de chuvas fortes, além de serem de um custo barato.

As vigas de madeiras são muito utilizadas para fazer uma armazém que fortalecerá os muros de tijolos de barro, no entanto é difícil nessas casas encontrar metal ou arame grosso (ferro), sobretudo nas construções antigas da zona, casas com mais de 30 anos, como lembra a fala do Sr. Josué, 54 anos, morador da "Zona de Cemitério" :

"Estas casas têm pelo menos mais de 30 anos, no mínimo. São casas pequenas, mas muito fortes, resistentes. Com os ventos que fazem aqui em

Piratini, elas se mantêm muito bem, assim como com as chuvas. Nunca vi uma casa cair por causa do vento ou da chuva. Esta casa foi de uma parente nossa que a deixou para meu pai."

Feita aquela estrutura de tijolo de barro com a armação de vigas de madeira, antes de colocar seu teto de telhas, faziam o chão, que no início era de terra e foi modificado por madeira ou cimento, mas ainda algumas casas o mantêm, como lembram Sr. Arturo , 52 anos e Dona. Teutonila, 67 anos, moradores da zona do cemitério:

"Minha casa é muito pequena mas o coração é grande para receber as visitas. Antigamente o chão desta casa foi de terra. Às vezes ficava cheio de barro porque entrava água ou ficava muito úmido pelas chuvas, mas a gente acostumou a morar assim. Logo que os filhos ajudaram com dinheiro se trocou o piso para este atual. A casa ficou bem mais quente."

"Nossa primeira casa na campanha era um rancho de palha e barro e chão batido. Nós tínhamos uma sala, dois quartos, uma cozinha, sem banheiro. A distribuição do espaço era o quarto do casal que ficava à esquerda e entrando pela porta do lado, a sala de visita, com a cozinha no fundo."

As casas da "Zona do Cemitério", de modo geral, são pintadas de branco; seu contorno e a parte interna são feitos com cal ou tinta PBT, as janelas e portas coloridas, sendo a preferência o verde escuro, azul, ocre e marrom. Esses gostos parecem existir de uma escolha inconsciente desses habitantes que expressam uma série de significados através da escolha da pintura para as portas e janelas, como nos apresenta a ilustração da figura 2 e os depoimentos de algumas informantes daquele " Bairro da Zona" :FIG. 02. ZONA DO CEMITÉRIO.

CORES JANELAS E PORTAS

“ A gente gosta da cor da porta porque sempre foi esta a que a família gostava de ter antigamente e nós continuamos a ter.” (Cristina, 35 anos)

“Acho que a preferência é porque a cor é mais barata para comprar, mas também tenho uma preferência pelo azul e o verde escuro.” (Rosa, 32 anos)

“Esta casa sempre teve essa cor, para que mudar? Tanto meu pai como a minha mãe, falecidos gostavam muito do azul escuro.” (Glória, 46 anos)

“Meu avô nos contava que usar a porta desta cor significava ser uma família boa, simples e sem luxo.” (Ricardo, 52 anos)

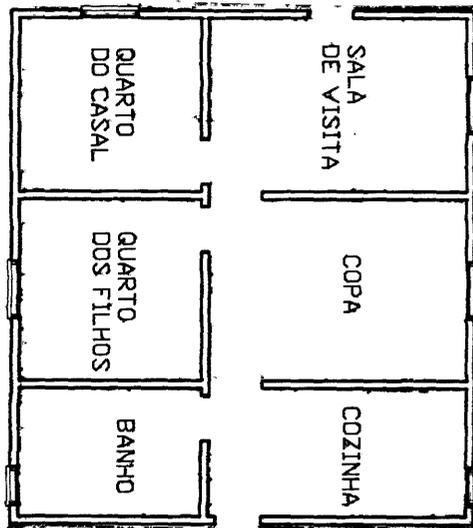
Nos depoimentos, percebem-se aspectos emotivos das escolhas das cores: as que são usadas preferencialmente nas portas e janelas; as que denunciam um gosto de tradição familiar, um aspecto possível de ser encontrado nos bairros catarinenses de origem açoriana como Ribeirão da Ilha, Lagoa da Conceição, em que essas cores são destaque das casas.

Todos os passos apresentados do processo de construção da casa da zona, aspectos trazidos pelas falas e pelas lembranças de seus moradores, demonstram um fazer próprio do grupo em relação a seu tipo de casa e as mudanças na estrutura. Nos modelos impostos pelas famílias, encontra-se, pois, a incorporação de características de uma casa pequena, resistente, semelhante nos processos de fazê-la, que a diferencia da casa do centro.

Terminada a construção da casa da zona, quase todas têm uma porta e uma janela bem pintada; na frente, posicionada de acordo com o vento, pode estar a porta ou a janela em sentido contrário. Entrando nela, o que encontramos primeiro é uma sala pequena bem decorada que é destinada para receber visitas. Logo a sua direita, ou esquerda, dependendo de como a casa está posicionada, encontramos o quarto do casal; ao lado dele, o do(s) filho(s). Muito próximo a esses dois quartos fica a copa ou sala de jantar e finalmente a cozinha nos fundos. O banheiro fica ao lado da cozinha nos fundos

da casa, junto ao acesso para o pátio. Podem-se observar todas essas divisões e um corredor que as une.

Para enriquecer a descrição, incluímos um desenho que ilustra essa distribuição espacial. A Figura 03. ilustra a planta desta casa da "Zona do Cemitério" que dá referência a um tipo de casa açoriana urbana, já abordada em pesquisas regionais. FIGURA 03 PLANTA CASA ZONA DO CEMITÉRIO.



Nas decorações e nos espaços dessas casas pequenas, juntamente com seus utensílios domésticos, estão as marcas de suas condições socioeconômicas ou suas condições de classe social.

Entrar pela porta da frente de uma casa da zona significa que é uma visita que está chegando. A visita é, então, convidada a se instalar na sala de visitas. As famílias da zona, durante parte deste trabalho de campo, dificilmente me convidavam, no início, a passar aos fundos da casa onde está a cozinha, espaço que é peculiar aos membros da família e às pessoas com aprovação afetiva do grupo familiar. Só depois de um ano fui recebendo esse privilégio mais íntimo de conversar com as pessoas na cozinha. Mesmo assim, as salas de visitas são o locus de preferência para acolher as visitas externas: é um espaço que não ocupa mais que 2 x 3 metros de amplitude, onde encontramos sempre de uma a três poltronas, às vezes só cadeiras de madeira ou alguns bancos improvisados, porém sempre bem arrumados, o que os destaca. É comum ver

esses móveis para se sentar decorados pelas donas de casa com panos, recortes de tecidos, ou cobertos por algum xale de lã acompanhado de algumas almofadas feitas para melhorar sua apresentação e exibir a estética de gosto singular do grupo à qualquer visitante.

Além desse pequeno mobiliário, encontramos fotografias da família, geralmente o registro do casamento do casal, e, em alguns casos, nesses retratos estão os pais de algum deles. Junto a essas imagens fotográficas encontram-se, também, algumas distinções, como diplomas, certificados de algum estudo, cartazes ou recortes de jornais, revistas e mensagens diversas.

Ao lado da fotografia do casal geralmente encontra-se algum símbolo religioso, que pode ser uma imagem ou simplesmente uma mensagem que parece dar proteção e recepção aos visitantes. Finalmente, todo esse ambiente pode apresentar umas quantas plantas depositadas nos mais variados recipientes. Esses habitantes da zona expressam toda sua importância à visita, mesmo que às vezes sejam escassos os recursos econômicos. A dona de casa destaca-se, preparando ou improvisando algumas bolachas, empada frita ou algum bolo, que são oferecidos em meio às narrativas e diálogos acompanhados pelo chimarrão. Também é comum que a família da zona insista em prolongar o encontro para tomar algum café, almoçar, ou jantar; porém reza a etiqueta, que o visitante deve também prevenir os anfitriões. Quando não há visitas, os membros da casa ficam assistindo à televisão, descansando nas horas livres, reunindo a família na sala.

Esse ritual de receber visitas coloca em cena essa relação casa-rua, isto é, abrir a casa para os "de fora", o que, para Da Matta, produz “ (...) um rompimento drástico com um grupo social e, conseqüentemente, com o isolamento do indivíduo, obrigado a situar-se diante do mundo 'do olho da rua' de um ponto de vista impessoalizado.” (Da Matta, 1991, p.58)

Porém, essa prática do receberas pessoas, visitas e amigos nas casas da zona é feita em um recinto reduzido, e às vezes há uma concentração de visitas, de parentes e de vizinhos, ao mesmo tempo que acaba gerando falta de espaço. Mas o que ajuda a congregá-los para reforçar as relações afetivas de compadrio, ou seja, as amizades do meio rural.

Uma comprovação disso talvez seja o fato de que, quando a visita é aprovada afetivamente pela família, seja convidada para comer galinha com arroz, cardápio que tem não só a estratégia de prolongar sua permanência na casa, mas também de dar gosto e emoção à lembrança de um cerimonial familiar antigo. Nesse sentido, pode-se destacar que essa ação cotidiana de preparar uma galinhada, ou arroz com galinha, como é denominada pelos habitantes da zona, tem um significado importante na memória coletiva dos piratinenses de origem rural.

Sr. Javier, 56 anos, morador da "Zona do Cemitério", lembra que as visitas no meio rural podiam chegar de surpresa à casa dos familiares e vizinhos. Essas visitas eram conhecidas como "assalto familiar". Em qualquer assalto familiar não se podia deixar ir as visitas embora porque agradava a surpresa de terem chegado e a dona de casa começava a cativar a sua permanência através do preparo de uma comida rápida, o que obrigava os visitantes a ficar, sem recusar o convite, permanecendo longas horas no recinto familiar.

“ Quando nós morávamos no terceiro (subdistrito), tínhamos nossa parcelinha que tive que vender pelos juros do banco. Ali tínhamos de costume abordar nossos vizinhos pela tardinha ou bem à noite. Fazíamos um assalto e pegávamos eles de surpresa, às vezes umas duas ou três famílias. Nos reuníamos em volta da casa, na lareira para esquentar a mão e os pés. Tomávamos café com pão quentinho, ou fazíamos aquele pão na pedra que era uma coisa muito gostosa de se comer, e o “infaltável” arroz com galinha. Todo o tempo ficávamos na sala conversando recebendo atenções da dona de casa.”

Neste evento culinário na zona do cemitério, compreende-se porque as visitas podem ser curtas ou prolongadas. Há toda uma arte de dar atenção aos visitantes.

Por outro lado, na zona é interessante apreciar como essas famílias, morando em espaços pequenos, podem criar galinhas e outros animais maiores. Não é fácil manter a criação de galinhas, mas há sempre algumas prontas para o abate. Elas parecem ser divididas em dois grupos: as que podem ser sacrificadas para as visitas inesperadas ou para o consumo familiar, e outras que não serão tocadas para garantir seu crescimento. O número total de galinhas criadas não supera a 15, havendo casas que não têm criação, comprando então de seus vizinhos. Até agora, as relações impostas pela sala de visitas caracteriza famílias que têm por desejo preservar a hospitalidade com os outros, própria do convívio do meio rural. Por isso, a rua da "Zona do Cemitério" em comparação com o centro urbano não é tão desumana nem tão impessoal; ela é, na verdade, o meio termo desse tipo de relação, como sugere Da Matta.

Quando o visitante é transferido da sala para a cozinha e/ou copa por iniciativa dos membros da família, configura-se um outro ambiente onde se manifesta a cordialidade, a confiança e afetividade: é na cozinha onde se podem escutar algumas conversas mais íntimas das famílias, suas relações e dificuldades cotidianas. Nesses ambientes, escutam-se os diálogos e temas mais variados de conversas: problemas da própria família, vizinhos e até das atividades da administração municipal.

Estar na cozinha e/ou copa é presenciar o preparo das comidas, tomar um café ou aceitar um chimarrão oferecido pela dona da casa ou algum membro da família. É poder observar todos os implementos que são usados, como um fogão a gás, muito próximo a este um fogão a lenha, os quais sempre estão próximos a uma janela de pequeno tamanho que os ilumina. Nesses fogões a dona da casa coloca os pães sovados feitos por ela mesma para assar.

A cozinha da "Zona do cemitério" parece não ser maior que a sala de visitas, tendo quase a mesma dimensão, porém a sala é muito mais sobrecarregada de objetos

pequenos do que a cozinha. O espaço físico da cozinha localiza-se nos fundos das casas e está conectada a uma porta que sai para o pátio, por onde sempre entram os membros da família. A porta da frente como já disse, é para entrada de visitas; na ausência delas, essa porta permanece fechada. No verão, ambas as portas ficam abertas para refrescar a casa.

Entre os móveis da cozinha pode-se descrever como principais: um que serve para lavar a louça e depositar os alimentos para seu preparo, conectado a um cano de água potável que vem do pátio da casa; outro que serve para guardar uma série de coisas, alimentos, louças e outros objetos de uso prático, onde encontramos desde panelas, pratos, alimentos, verduras, potes de vidros com sementes, ervas e até alguma bebida meio escondida, feita de ervas ou frutas misturadas com cachaça.

Também é possível encontrar nesse espaço reduzido uma geladeira não muito grande, assim como outros eletrodomésticos, além de alguma mobília: cadeiras ou banquinhos, sempre próximos da mesinha que fica na copa, na sala de jantar, ao lado da cozinha, que se comunicam, onde é comum que se sentem os membros da casa.

A sala de jantar ou a copa é onde são realizadas as refeições durante o dia. É uma sala menor, o suficiente para colocarem uma pequena mesa com umas 4 ou 5 cadeiras, mas sempre bem apresentada.

Tanto a cozinha quanto a sala de jantar são espaços íntimos dos moradores, onde se produz uma grande conexão com o mundo “olho da rua”, porque eles comentam tudo o que passa tanto no meio urbano quanto no rural. Ali é, portanto, o fórum de encontro e de debate entre todos os membros da família; é onde se tomam, por exemplo, as decisões pertinentes aos mais variados assuntos. A presença de um estranho neste ambiente é uma invasão de privacidade, por um lado; por outro, é também uma interação com os detalhes mínimos daquele grupo familiar.

As diversas convivências que oferecem a cozinha e a sala de visita tornam esses ambientes privilegiados, congregando as pessoas, o que se contrapõe a práticas

fragmentadas de suas estratégias de sobrevivência na cidade, ou seja, dois ambientes carregados de sociabilidade interna e externa, quer dizer, entre os próprios membros da família e entre eles e os que vêm de fora.

Do lado da sala de visitas está o quarto do casal, posicionado à direita ou à esquerda, dependendo da janela e da porta da frente da casa, pois este quarto fica do lado. Neste quarto existem uma cama e um móvel, podendo ser uma cômoda ou um roupeiro. Nas paredes do quarto, mas em um nível bem acima da cama, encontramos objetos ou símbolos religiosos, que também estão sobre a cômoda. Ainda pode haver um velador, um pequeno santuário de objetos, estátuas, velas, etc.

Também existem sobre os roupeiros alguma malas ou caixas de madeira, onde são guardados objetos antigos, roupas, lembranças dos familiares falecidos, principalmente de seu pai. Guardar esses objetos para os moradores da zona significa depositar emotividade, afeto e valor, preservando lembranças queridas.

Saindo do quarto do casal, ao lado está o quarto do(s) filho(s), que também pode ter uma imagem divina que protege a cama do filho. Esse quarto comunica-se com o quarto dos pais e a sala de jantar, separados por um corredor. O quarto do filho tem como porta uma cortina e não é muito iluminado, pois há pouca entrada de luz, oriunda de sua única janela pequena. Entre as explicações de nossos informantes acerca do tamanho das janelas está o fato de que eram mais econômicas e também porque ajudavam a cortar melhor o vento que sopra forte. Não há muita preocupação com a luminosidade nessa casa da zona, pois a maior parte do dia as janelas estão fechadas. Diversas vezes nos enganamos, achando que essas casas estavam vazias, que os moradores não estavam ou que tinham viajado. No entanto, mesmo que as janelas e portas fiquem fechadas, as casas podem estar em plena atividade doméstica.

O quarto do(s) filho(s) é por costume arrumado pelas mãos femininas, especialmente pela dona da casa ou pela filha. A dona da casa intervém na decoração

fabricando algumas cortinas, lençóis, cobertores para as camas, habilidade essa transmitida de geração a geração.

Saindo da sala de jantar chega-se à cozinha, e do lado de ambas está o banheiro, talvez o espaço mais reduzido da casa. Nele se realizam uma série de atividades pelos membros da família, como as práticas de higiene, que são realizadas sem maior constrangimento nas horas em que a dona da casa ou algum membro transita pela cozinha a qualquer hora do dia.

O banheiro serve, entre tantas coisas, para passar graxa nos sapatos, guardar ou colocar algum chapéu, boné, guarda-chuva, etc., além de guardar os utensílios para a higiene. Tanto o banheiro quanto a cozinha são espaços onde os membros do grupo familiar interagem muito. São os primeiros espaços que estes freqüentam quando vêm de seus trabalhos, das saídas, uma vez que entram sempre pela porta dos fundos. Essa proximidade banho-cozinha não chega a ser questionada pelos membros da família, muito menos esses sujeitos têm a pretensão de que estes espaços sejam maiores, ou que sejam transferidos para fora da casa.

Todas essas dimensões da casa da zona e a forma como organizam a decoração faz parte de um conjunto de representações e práticas que interessam à família numa rede de relações sociais e culturais que dão referência à sua história vivida de um grupo diversificado. Esse habitat urbano imposto pela família da zona incorporou, por um lado, as raízes da vida campesina ajustadas à vida urbana; por outro, introduziu aspectos da distribuição espacial de um tipo de casa açoriana, que prevaleceu em tempos anteriores (casa em fita). Portanto, a casa da zona, na sua manifestação interna e externa, ao contrastar com as casas do centro urbano, mostra nessa forma de viver um outro tempo e espaço do cotidiano e da memória dos piratinenses.

CAPÍTULO 5

PAREDÃO

Este capítulo 5 trata da localidade de "Paredão", considerada como nossa segunda "notícia" etnográfica que trata de um grupo de famílias piratinenses que mora no meio rural a 97 km do centro urbano.

Os preconceitos escutados de moradores do centro novamente foram os motivos centrais para que esse lugar pudesse ser inserido com uma outra experiência cotidiana dos piratinenses. Isso aconteceu durante o período em que se pesquisou a "Zona do Cemitério", nessa oportunidade ouviu-se falar desse lugar de Piratini: "lá moram umas 100 famílias num tipo de casa feita de barro, coberta com teto de palha."

Começa-se por meio dos depoimentos do Sr. João, 44 anos e Sr. Victor, 37 anos, moradores do centro, que, captando o interesse, falaram das famílias de "Paredão", particularmente sobre seu estilo de vida. Devido a esses comentários estereotipados que foram se somando à medida em que avançava o trabalho de pesquisa, voltamos atenção para essa localidade:

"Paredão é muito bonito, tem um rio para tomar banho, fazer pescaria, ou um churrasco na beira do Camaquã, mas esse pessoal que mora é muito pobre e ignorante, não planta, Não cria nada, eles se escondem de quem vai lhes visitar, pior que bicho."

"Se você está a fim de conhecer um lugar pobre, muito mais que esses coitados da zona do cemitério, eu mesmo te levo a Paredão. Meu Deus, esse local é apavorante! O jeito que eles moram é um atraso do município. Nesse lugar tem casamento entres primos, como é que pode? Os filhos nascem todos tortos, com problemas. Mas ouvi dizer que tem mulher bonita por lá."

Em virtude dessas manifestações sobre esse lugar , buscou-se investigar a respeito das formas de viver de seus moradores, pois "Paredão" constitui também parte dessa identidade citadina de Piratini e, ao mesmo tempo, contrasta com a realidade do centro urbano.

Além disso , apresenta algumas semelhanças e diferenças à realidade das famílias da zona do cemitério, as que possibilitam a comparação de dois processos de invenções de cotidiano pela quais a memória coletiva exerce seu domínios.

As primeiras visitas que realizamos à localidade de "Paredão" foram rápidas e a paisagem impressionava; entretanto, as casas dessas famílias pareciam ser inéditas ante nosso olhos, tanto que as registramos em fotografias e filmagem de vídeo. A partir dessas incursões por detrás de uma câmara ótica, comecei a ser visto por esses moradores como o rapaz filmador. Com esta forma de inserção fiz contatos com algumas das famílias da localidade.

Uma vez em contato com esta tetética de morar , pude perceber que tanto a vida familiar dessas moradias, como a sua distribuição espacial apresentavam algumas semelhanças como as estudadas no " Bairro da Zona". Por isso, interessei-me e busquei apoio da Irmã Mariza e de um filho do Dr. Rômulo, chamado Derlon, para conseguir realizar algum trabalho intensivo de campo .

A Irmã Mariza é uma religiosa católica que desenvolvia neste momento trabalho de catequese com as famílias em Paredão. Sua intermediação foi fundamental para que um núcleo de famílias me acolhesse por um período de dias .

Derlon, por sua vez, originario de Piratini, é residente de Alvorada, uma cidade satélite de Porto Alegre. Na grande Porto Alegre, há em diversas temporadas do ano, necessidade de mão -de- obra hortigranjeiro em épocas de alta demanda e produção. É com muita freqüência que moradores de "Paredão" se desloquem para esta localidade a fim de temporariamente, engajarem-se nestas atividades rururbana.

Algumas famílias de "Paredão" acabaram por ali se estabelecer. Mas é mais expressivo o número de habitantes de Paredão que ali permanecem apenas o tempo necessário para conseguir algumas economias e retornar ao local de origem, onde possuem suas moradas e onde boa parte dos familiares permanecem durante este estágio de tempo.

Derlon, em Alvorada apresentou-me para algumas famílias de "Paredão" e estas se mostraram interessadas em colaborar com minha pesquisa, permitindo que eu conhecesse e integrasse cada vez mais esta complexa rede de parentesco, vizinhanças e amigos que pertencem a "Paredão", mas que por razões de sobrevivência também se deslocam para grande Porto Alegre.

Talvez esses passos de inserção tenham sido uma estratégia usada, através da qual obtive o apoio para a pesquisa, principalmente de Brasiliano, um morador deste local, que junto a seus parentes, passou a me orientar nos muitos momentos da estada da localidade. Por isso, Alvorada foi um anexo comunicativo fundamental de informações para o desenvolvimento de todo o meu trabalho de campo em "Paredão".

5.1 Paredão

O terceiro subdistrito Capela é uma das áreas rurais onde mais se desenvolveram as plantações agrícolas de pequenos agricultores há cerca de 25 anos atrás. A maioria dessas plantações acabaram por causa das prestações bancárias que não puderam ser cumpridas, provocando a venda das terras e a emigração de famílias para outros pontos, dentro e fora do município, sendo aquele período um dos maiores em evasão populacional rural. Os sítios, fazendas e minifúndios que permaneceram, mantiveram a ênfase pecuarista, isto é, a criação de animais: ovelhas e gado, desconsiderando as culturas de plantio, como cevada, trigo, milho, feijão, algodão, etc.

Nesse subdistrito de Piratini, encontra-se a localidade de "Paredão", um lugar fronteiriço, onde o rio Camaquã divide os Municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul, com os quais compartilha uma formação de serra montanhosa. O rio Camaquã é importante, pois apresenta um elevado fluxo de água que cruza diversos municípios, graças aos mais diversos arroios e rios que nele desembocam.

Todo esse local parece formar uma espécie de reserva estratégica de terras e floresta, propícia para o reflorestamento de madeiras e a exploração de recursos naturais como mineração, pedras ornamentais - como granito rosado -, plantas nativas, árvores frutíferas e alguns animais - como aves silvestres - e uma variedade de pequenos peixes. Também apresenta cerros, pequenas colinas pedregosas e em algumas partes bem arborizadas, que convivem com riachos que aí mesmo se formam.

Os cerros estão conectados por caminhos de terras que aproximam as águas do rio Camaquã e as moradias e se caracterizam pela quantidade de terras em declive e erosivas. Os moradores usam esse espaço para a agricultura local, plantando em diversas épocas do ano, ao redor das águas do rio Camaquã e em terra planas com pouca elevação, dando preferência às plantações de trigo, milho, mandioca e tabaco.

"Paredão" tem um clima muito variado; é comum encontrar poucas chuvas e dias cobertos por densas neblinas. Em época de verão, o sol chega forte, provocando períodos de seca prejudiciais às pequenas safras das famílias que aí moram.

"Paredão" divide-se em pequenos lugares, tais como Costa do Bica, Rincão do Laço, Minas do "Paredão", etc.; no entanto, seus moradores tomam como referencial espacial o parentesco das famílias que na sua maioria têm os seguintes sobrenomes: Dominguez, Nunes, Telles, Moura, Porto. Essas famílias acabam formando alianças matrimoniais com a finalidade de preservar seus espaços físicos.

Atualmente, nessa localidade, moram ao redor de 100 famílias, a maioria de pequenos agricultores. Porém, muitos migraram para a grande Porto Alegre (Alvorada, Gravataí, etc.) em busca de trabalho como comentado anteriormente, pela necessidade de sobrevivência, muitos moradores desse lugar se ausentam por alguns meses para assalariar-se nas granjas rurais de outros municípios ou nas empresas rurais de Piratini.

No caso das empresas rurais, esses sujeitos trabalham junto com alguns moradores da zona do cemitério, tendo a oportunidade de compartilhar as mesmas experiências, seja nas temporárias safras frutíferas Isagro (pessêgo - figo), ou florestais (pinus-acácia negra) nas indústrias Agrofil e Atanagro, as quais concentram mão-de-obra barata. A busca desses recursos complementares permite a reprodução social dos núcleos familiares.

O nome de "Paredão", segundo Sr. Manuel, 51 anos, morador desse lugar, teria origem em guerras passadas que existiram neste lugar, quando haviam construído grandes trincheiras de pedras para enfrentar os ataques espanhóis. Paredão era, portanto, um local estratégico para organizar as defesas das guerras, lugar de onde se tem uma visão privilegiada do inimigo, apropriada para defesa, proporcionada por sua serra de cerros que aí se formam.

"Paredão tem esse nome pelas trincheiras de pedras que você encontra por aí, assim como esses morros que se formam em Camaquã, que, dizem, foi

usado nos tempos da guerra contra os espanhóis para resguardar esta região."

"Paredão" possui um transporte coletivo para toda sua população: trata-se de um ônibus de linha, que faz o percurso dessa localidade até o centro urbano de Piratini, passando pelas empresas rurais onde parte dos habitantes trabalham. Esse transporte pertence a uma empresa privada; é precário e pouco acessível aos deslocamentos dessa população local, funcionando apenas três dias da semana. As condições dos caminhos são de chão batido e sempre estão em péssimo estado de conservação, sobretudo em tempo de chuva, quando é preciso suspender as viagens. Um outro inconveniente é a distância e o pouco ingresso econômico dessas famílias para viajar, pois o custo da passagem é de R\$ 6.00 reais para se deslocar ao centro urbano e R\$ 3.00 reais até a empresa florestal da Agrofil, mais freqüentada pelos moradores, que fica a uns 45 quilômetros de Paredão.

Na verdade, os moradores de "Paredão" viajam muito pouco ao centro urbano de Piratini; preferem visitá-lo somente quando necessário para tratar de assuntos de interesse familiar. Permanências prolongadas ocorrem raramente, em geral devido a emprego na cidade, enfermidade ou nascimento de alguma criança no hospital, ou para dar continuidade escolar aos estudos de algum filho dessas famílias.

Às vezes em que me prontifiquei a pegar esse ônibus para o regresso ao centro urbano de Piratini, tive que caminhar em média de 5 a 7 quilômetros, durante 60 a 90 minutos, para vencer a distância entre a casa e o ponto por onde passava esse transporte.

A forte estigmatização em relação a esses moradores é declarada na evidência de reconhecer que é mais fácil e seguro dizer que se mora no terceiro subdistrito do que se orgulhar de falar que mora em "Paredão", como nos narra Sr. Joselo, 39 anos, morador dessa localidade:

"A gente viaja muito pouco para Piratini. só em caso da mulher ganhar criança. às vezes passam anos que não visitamos nossos parentes que estão mais na Agrofil. em Porto Alegre. Quando te perguntam de onde tu és, é mais fácil dizer que tu és do terceiro, porque se tu vais dizer de Paredão ficam te olhando na cidade, mas aqui em Piratini todo mundo se conhece e eles sabem que a gente é de Paredão."

Por essa razão os habitantes dessa localidade realizam uma espécie de farsa, isto é, uma forma de esconder seu lugar de origem, como sendo de Paredão, para se dizer que pertence ao terceiro de Piratini. Conforme vimos no depoimento do morador, há uma resistência própria dos habitantes de "Paredão" em aceitar esta como sua cidade. É mais fácil aceitar a farsa de esconder-se como sendo do terceiro de Piratini. No entanto, é usada meramente para os moradores do meio urbano, porque na grande Porto Alegre a identidade local é valorizada com orgulho coletivo.

Dentro do ônibus todos parecem se conhecer, distinguem seus vizinhos que são de fora do "Paredão", saúdam-se e a viagem segue silenciosa. Em minhas primeiras viagens nesse transporte estive sempre sob a vigília dos olhos desses moradores, pois já tinham uma idéia de quem se tratava, por isso até me cumprimentavam.

Muitos moradores vão visitar seus parentes na Agrofil, levar algum encargo, etc. O ônibus em geral faz uma parada de quase 15 minutos nessa empresa rural de reflorestamento que se situa no 4º subdistrito, onde famílias inteiras de "Paredão" moram e trabalham. Essa parada é suficiente para visitar parentes rapidamente, levar e trazer encargos, para logo prosseguir a viagem com destino ao centro urbano. Nas ocasiões em que fiz esta viagem, a parada possibilitou também observar algumas das moradias que a empresa mantém, localizadas próximas a ela, sendo, portanto, de fácil acesso. Foi uma oportunidade de estabelecer contato com outras famílias dessa localidade, conhecer algumas condições de como moram e trabalham, assim como encontrar moradores da zona do cemitério na mesma situação.

Paredão não tem energia elétrica, a qual é substituída por velas ou lâmpadas fabricadas com querosene, combustível usado, e em seu maior prestígio doméstico uma

lâmpada com um galão a gás. Também parece não representar uma dificuldade a escuridão, pois estão bem acostumados.

Mesmo com a falta de energia elétrica, os moradores de "Paredão" não deixam de estar informados, pois na sua maioria possui algum rádio que funciona a pilha ou bateria, através do qual estes podem escutar umas três a quatro estações de rádio dos municípios fronteiriços, acompanhando os acontecimentos locais.

Além disso, a audiência de música regional é privilegiada por esses sujeitos que consomem essa produção musical na compra de fitas cassetes coletadas em suas diversas viagens. Encontramos nas suas casas não só uma variedade de música gaúcha como cartazes publicitários dos grupos ou cantores preferidos, o que demonstra que esses moradores acompanham a produção musical da região com muito apego, assim como organizam seguidamente festas de salão para praticar as danças regionais.

Os moradores de "Paredão" cultuam as tradições da região não com a dedicação dos moradores do centro urbano; mesmo assim nesses bailes fazem tudo para se arrumar com parte da indumentária típica, cinto, chapéu, bombacha, etc., sendo os homens os que mais se destacam em se vestir. Nesses bailes se programam reunir os familiares que moram na Agrofil e na grande Porto Alegre, como nos narra Andres, de 28 anos, morador de Paredão:

“Os bailes aqui em Paredão são lá no salão do Sr. Ari. Às vezes grande festas saem com as excursões da parentada de Porto Alegre que nos vem visitar., Também vem o pessoal da Agrofil que é também parente, então fica cheinho.. Ficamos toda a noite dançando e namorando.”

Uma outra precariedade em "Paredão" são as escolas²⁶ que são escassas e no geral oferecem as primeiras 5 séries do primeiro grau. São construídas distantes das casas

²⁶ As escolas são instituições estratégicas para as administrações municipais, elas absorvem outras dimensões fora dos objetivos educativo - alfabetizadores, expressando a vontade administrativa para com as famílias por onde se canalizam também os estigmas da urbanidade local.

dos moradores. As crianças devem dividir a vida agrícola com a escolar, às vezes tendo que faltar alguns dias pelas necessidades da lavoura ou afazeres domésticos.

Essas escolas não permanecem muito tempo em atividade nessa localidade, pois desde o início tem sido um problema conseguir professores do centro urbano para lecionar em "Paredão": é comum que estes coloquem obstáculos para trabalhar com essas famílias, tanto que as escolas tiveram diversos professores que ficavam lecionando algum tempo e em seguida solicitavam sua transferência.

É comum que os moradores adultos de "Paredão" não tenham instrução escolar, a não ser aqueles que migraram para Porto Alegre, Gravataí, e Alvorada, os quais tiveram a opção de regularizar e completar as outras séries escolares do primeiro e segundo graus.

Por outro lado, as escolas representam um atrativo maior ao poder local que às próprias famílias, pois são usadas como porta-voz das administrações municipais. A Prefeitura de Piratini, por exemplo, concentra muitas atividades na escola, como as campanhas políticas, quando candidatos a vereadores, deputados e prefeitos fazem da escola seus palanques eleitorais. O atendimento de saúde que oferece esse município é eventual em Paredão, consistindo de uma unidade móvel, isto é, um ônibus equipado e adaptado para medicina geral, curativos e dentista, com três enfermeiras e dois médicos, os quais se esforçam para dar atendimento às crianças e suas mães, numa variada temática, seja para controle do planejamento familiar, higiene - bucal, etc.

Este tipo de atendimento leva à população os conhecimentos da medicina hospitalar. Por outro lado, "Paredão" é uns dos locais da área rural que talvez mais tenha causado problemas por não internalizar muito as recomendações da prática medicinal, visto que os moradores usam muito as benzeduras e curativos de ervas e plantas, os quais dominam com grande destreza. Ainda assim, os atendimentos não são de todo negados pelos moradores: observei em duas oportunidades essa unidade móvel de saúde comunitária situar-se em diversos pontos da localidade para visitar as famílias.

Os atendimentos de saúde não se valem da espacialidade das famílias, mas se apoiam nas escolas, para convocar os habitantes. Cada escola apresenta uma programação com as possíveis visitas dessa unidade móvel.

As professoras das escolas divulgam a programação para garantir a presença nos atendimentos. Grande parte dos medicamentos a serem ministrados às crianças e a suas mães fica sob responsabilidade das professoras. Os homens de "Paredão" freqüentam pouco esta unidade móvel, mesmo assim o usam para alguns curativos.

Toda essa precariedade de serviços públicos que apresenta "Paredão" é bem lembrada nos discursos dos políticos são dadas relativas atenções nos períodos de campanhas eleitorais, tanto por parte da própria administração municipal quanto pelos futuros candidatos políticos que necessitam de votos desse moradores para se eleger ou dar continuidade ao partido político que governa a cidade histórica. Os moradores de "Paredão" representam um eleitorado expressivo para eleger vereadores e deputados que, por costume, prometem melhorias das condições da localidade. Assim, é comum durante esse último período oferecerem caronas nas necessidades de deslocamentos.

Desse modo, apesar de manterem um estilo de vida rural, os moradores do "Paredão" não estão de todo isolados do contexto urbano, uma vez que têm aspectos da infra-estrutura característica de uma cidade, apesar de precários, como meios de transporte, escolas, atendimento de saúde e uma expressiva participação nas decisões eleitorais. A localização geográfica também não dificulta o deslocamento dos moradores aos mais variados lugares de seu interesse.

Além disso, há um constante trânsito dos que saíram da localidade entre suas atuais residências e o "Paredão", o que provoca reencontros, que permitem a intensa troca de experiências urbano-rural. Por último, eles são tão tradicionalistas quanto os que cultuam a prática gauchesca e todos os aspectos apresentados demonstram como essa localidade está incorporada ao centro.

5.2 *Os Moradores de Paredão e as Estratégias de Sobrevivência.*

A população de "Paredão" tem tradição na agricultura, porém muitos de seus moradores migraram para a Grande Porto Alegre. Mesmo assim, há bastante tempo esses sujeitos transitam por experiências rurais – urbanas, as quais provocam um processo de construção de trajetória individual /coletiva de seus moradores, isto é, graças a vivências de um conjunto de lógicas e situações no campo e na cidade que se misturam e diferenciam na variedade das interações e interesses destes moradores.

Assim como os piratinenses do bairro da zona do cemitério, os moradores de "Paredão" se valem de estratégias de sobrevivência, provocadas pelo desejo de permanecer no seu lugar de origem, e a escassez de seus recursos naturais, fatores que dizem as condições de reprodução social do grupo e as causas das migrações desse moradores grupos nesses últimos anos.

Por outro lado, os moradores de "Paredão" sempre foram capazes de fazer o que seja necessário para preservar a unidade familiar quanto seu lugar de residências, pois as experiências passadas e presentes o demonstram. Na experiência vivida anos anteriores na exploração do minério, muitas das famílias trabalharam, apesar de suas atividades agrícolas de plantio de subsistência.

Isto teria acontecido há 60 anos atrás, quando "Paredão" passou a produzir o minério²⁷ de *estanho* para um empresário paulista que comprou uma propriedade do lugar com riquezas minerais, dando trabalho a cerca de 40 famílias da localidade.

As atividades de exploração do mineral permitiram caracterizar esse grupo social como os moradores da mina do "Paredão", lugar de onde se extraem estanho e

²⁷ Este período da mina de Paredão foi visto nas entrevistas com moradores que participaram dessa experiência que se encontram vivos na localidade, e os que moram na grande Porto Alegre

outros metais, fazendo com que a localidade ficasse integrada ao desenvolvimento extrativista mineral da região.

De outra parte, Sr. Marcos, 84 anos, morador de "Paredão", lembra que essa experiência de trabalho estimulou a possibilidade de recuperar os moradores dispersos que estavam em busca de recursos econômicos pelas granjas:

"Ou se trabalhava na mina por um patacão, ou tínhamos que sair para trabalhar em alguma granja lá fora. Eu comecei em Cachoeira do Sul, depois Rio Pardo e finalmente São Leopoldo. Posteriormente retornei e trabalhei na mina com o Severo, o capataz da mina, porque assim a família ficava junto, dava para ter uns trocados e plantar alguma coisa."

A extração do mineral era entregue a seu dono, o que morou na localidade o tempo que precisou para organizar o trabalho. Depois um capataz foi contratado para coordenar as atividades. O Sr. Sérgio, 53 anos, lembra-se de que os paulistas ensinaram os procedimentos da extração do mineral a aproximadamente 100 pessoas, entre as quais se encontravam homens, mulheres, jovens e algumas crianças:

"Nos ensinaram a trabalhar na mina, havia em torno de 100 pessoas, homens, mulheres, jovens, crianças. A gente pegava o serviço mais pesado que era tirar o minério, e as mulheres com as crianças faziam o lavado. Foi quando a gente não precisava sair muito para as granjas."

A mina se localizou num dos cerros do lugar, explorada de acordo com o sistema de galerias, que favorece a penetração da busca do minério e sua própria extração. Havia fontes de água que permitiam lavar o mineral. O processo de trabalho era essencialmente artesanal, o uso de ferramentas rústicas para as atividades manuais. Os moradores que trabalhavam na mina deviam ter registro de garimpeiro da mina, morador de "Paredão". Como lembra Sr. Silvío, 51 anos, morador da localidade, que reside hoje na Alvorada:

"No tempo da mina a gente usava picareta, enxada, garfo e bateia. Começava com a picareta para mexer a terra assim como o garfo e a pá."

Trabalhávamos com meu pai. ele tinha registro de garimpeiro para tocar esse serviço. ”

Entre as tarefas da extração do minério estava capinar com a picareta, a qual facilitava o acesso à massa da terra que envolve a estrutura da rocha que armazena o mineral. Uma vez retirada parte da rocha terrosa da mina, passava-se as bateias de mãos *o grande para que fosse lavada em água pelas mãos das mulheres e crianças, para finalmente ser fundido para obtenção do metal.

As mulheres, no geral, faziam esse serviço de lavagem do minério, usando a própria sanga de água, permanecendo na bateia longas horas, com suas mãos em contato com a água, desde a manhã cedo até a tarde, assim como na bateia²⁸ grande, envolvendo toda a família no trabalho. Como lembram o Sr. Rafael, 48 anos e o Sr. Enrique, 53 anos, ex-trabalhadores da mina, residentes em Alvorada:

“Minha mãe tem problemas até hoje nos ossos e nos rins por esse trabalho pesado da mina. Ficava de joelho, na água fria, limpando calcário para tirar o minério. eu ajudava a ela. era muito pequeno. devia ter uns 9 anos.”

“Eu tinha 12 anos quando fui trabalhar com meu pai e meus dois irmãos. Trabalhei até os 18 anos. Tirava o minério trabalhando na bateia grande. ou na picareta. sempre deixando o minério limpo para sua fundição. A mina se chamava Paulista. Levávamos almoço e ficávamos com a família todo dia.”

A mina de estanho de "Paredão", segundo os informantes, pagava naquele tempo uma miséria, não era mais que um “patacão mensal”, dinheiro que dava para comprar açúcar, graxa, farinha, café, arroz, fumo e erva-mate.

Pagavam muito pouco pelo quilo do estanho extraído; as famílias coletavam entre 2 a 3 quilos por dia. Ainda assim, a mina deu condições de sobrevivência aos moradores da região, um meio para manterem-se, embora em condições precárias. Devido

²⁸ Bateia, gamela usada na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero. (Diccionario Aurelio.,1977,ed. Nova Fronteira)

à natureza do serviço insalubre e à falta de condições de segurança e proteção à saúde, ocorreram mortes, sobre as quais as pessoas não querem comentar.

Quando a mina ficava parada, o Sr. Carlos ,55 anos, morador de "Paredão", diz que as famílias intensificavam as saídas para as granjas em busca de recursos econômicos para a sobrevivência familiar :

"Pelo ano 1962 a mina ficou totalmente parada, estava difícil tirar minério porque as ferramentas eram pouco adequadas e tivemos que voltar a trabalhar nas granjas."

As saídas à granjas , empresas rurais e à cidade apresentam abandonos e retornos a esta localidade; representam para esses moradores esforços importantes para a sobrevivência tanto das famílias quanto desse grupo de piratinenses.

Nos diversos abandonos da localidade, percebe-se desses moradores a construção de um espaço de trabalho tanto para os locais agrícolas que freqüentam para assalariar-se, quanto para os empregos esporádicos das cidades.

Todos os locais externos são escolhidos em função de possibilitar encontros e visitas com os parentes ou vizinhos, ou seja, buscados com o interesse de estar próximos para reforçar as relações de parentescos e vizinhança da localidade.

As casas das famílias de "Paredão" nos tempos de trabalho assalariado são abandonadas por algum membro da família, na maiorias das vezes, homens, seja jovens, adultos, solteiros ou casados, que se ausentam ou se afastam temporariamente de suas mulheres, crianças e parentes por período, não mais que dois a três meses, mantendo contato por cartas e mensagens que são levadas e enviadas por esse diversificado movimento de retorno e abandono aos empregos externos.

Sr. Geraldo ,41 anos, morador de "Paredão", fala que ninguém abandona sua casa sem deixar tudo preparado para os que ficaram, com os cuidados do espaço doméstico e as necessidades do plantio:

É difícil a gente se mandar sem deixar tudo pronto em casa. tem que deixar a terra mais ou menos adiantada. mas se precisar voltar a gente dá um jeito ou se manda da granja. O filho sempre fica com a mãe. Eles tocam o serviço de lenha e água. Ela está acostumada a ficar meses me esperando voltar."

A vida familiar em "Paredão" parece se dividir em diversas temporalidades, aquelas quando se está na localidade, e as quando se está fora dela. As que se referem à localidade são quando a família conta com a maioria da participação de seus membros na vida coletiva tanto no espaço doméstico quanto nas relações de parentesco e vizinhança. Nesses tempos, o preparo das terras, a convivência local de lazer, como torneios de futebol e bailes, são atividades cotidianas de relevância desses moradores.

Os períodos em que os moradores se afastam da localidade, em busca de recursos financeiros, servem para pensar o seu retorno, que reforça a identidade local e a própria situação migratória da população, pois existe o interesse de reencontros com seus parentes e vizinhos dispersos nos diferentes lugares em que estes se localizam.

Segundo os informantes, as saídas são programadas em relação aos ciclos de plantios conforme as condições climáticas que se apresentam no ano. Assim, se a safra de um determinado ano for boa para a produção agrícola, fará com que as saídas não venham a ser tão prolongadas e necessárias; caso contrário, uma péssima safra leva a saídas mais intensivas e prolongadas.

Quando o plantio "dá bem", como dizem os informantes, é considerável que saiam alguns membros do grupo familiar, preferencialmente o filho, permitindo que o pai cuide do resto de seus familiares. No caso de o plantio ser ruim, pai e filho devem sair em busca dos empregos agrícolas; no entanto, existem famílias que preferem que os filhos saiam, como é o caso de Sr. Armando, 56 anos, morador de "Paredão" :

Eu já cansei, agora eles (os filhos) vão por mim, mas eu virei todas essas granjas trabalhando, às vezes três a quatro meses até conseguir alguma coisa. Agora fico trabalhando por aqui. O serviço é pouco e dá para

tomar um chimarrão com a mulher. cuidar das plantas e visitar a minha parentada.”

Não existe a mera necessidade laboral de obter um emprego agrícola para garantir a sobrevivência, o trabalho faz parte do processo que fortalece os laços de inclusão em um grupo social. É uma experiência cotidiana sacrificada, porém tem a reciprocidade de se estar integrado a um grupo local. As granjas que estes moradores freqüentam trabalham com a cultura do arroz, frutas, milho e soja, localizadas na sua maioria em Viamão, Santa Vitória, que ficam a uns 30 km de Porto Alegre. Aquelas granjas são, entre elas, bem diversas, porém têm a peculiaridade de localizarem-se próximas do círculo de parentes e conhecidos que vivem em Alvorada, Gravataí.

Nelas, de modo geral, os moradores de “Paredão” realizam diversos serviços de plantio, conforme os diferentes períodos desse processo; um que é para preparar a terra e plantar, um outro que é para sua própria safra.

O 1º período ocorre do final do mês de setembro até meados de dezembro; no 2º, a safra inicia-se no final de fevereiro, encerrando-se no início de abril. Nos períodos de crise econômica familiar, permanecem mais tempo na granja podendo chegar, inclusive, até o início de junho. Essa ausência é lamentada pelos moradores, como Glória, de 34 anos, moradora de “Paredão”, que fica à espera de seus filhos:

“Quando os guris saem vão com o pai ou às vezes sozinhos. Eu fico triste esperando eles voltarem. A gente se acostuma. Sempre recebe notícias deles, que estão bem, e sempre avisam quando vão voltar. Meus parentes me visitam muito quando eles estão fora, não fico tão só. Vem minhas cunhadas ou eu vou lá visitar meu pai ou mãe, enfim, a gente faz tudo para que passe logo esse tempo que eles estão lá fora.”

Os homens partem, então, juntos, ou às vezes separados, nos meses referidos, levando uma pequena bolsa ou sacola, na qual carregam roupas e alguns utensílios diversos de uso culinário e higiênico. Sr. Maurilio, 27 anos, morador de “Paredão”, comenta que ficam em alojamentos que às vezes eles mesmos arrumam, seja

separados ou com outros companheiros. Nos horários livres ou de refeições, reúnem-se para conversar, escutar música, tomar chimarrão, às vezes para pegar algum encargo, porque alguém está de retorno à localidade:

“Nós ficamos sempre junto. Nossos patrões conhecem e sabem que a gente vem junto, então nos deixam trabalhar e morar no mesmo lugar ou fazer serviços próximos. Sempre estamos juntos nas horas livres, na janta, para tomar algum chimarrão ou entregar alguma mensagem de quem está voltando.”

Na grande Porto Alegre, na localidade de Alvorada, moram aproximadamente umas 15 a 20 famílias de Paredão numa vila chamada Jardim Aparecida; em Gravataí, umas 12; e na vila Cruzeiro do Sul, umas 10 famílias. Todos esses grupos de parentes e vizinhos concentram as acolhidas das visitas dos trabalhadores das granjas que permanecem durante um a dois dias hospedados.

Tive a oportunidade de observar como estes núcleos domésticos da vila Jardim Aparecida recebem os trabalhadores que acabam o trabalho da granja. Pude apreciar alguns aspectos das relações de parentesco e vizinhança existentes fora da localidade, porém não nos aprofundamos. Esses espaços são usados por esses sujeitos para reforçar os laços de pertencimento da localidade, para saber notícias e informações das famílias que permanecem em "Paredão". Assim, o abandono à granja carrega o retorno de um universo de notícias para um círculo maior de interessados que está atento a informações das experiências que se vivem na cidade, como nos locais agrícolas. Os moradores dessa vila Jardim Aparecida trabalham em diversos empregos, entretanto a maioria emprega-se na construção civil, atividade de que se ocupam grande parte dos homens dessas famílias. Na verdade, de uns anos para cá, estes oferecem seus serviços como empreiteira de mão de obra, pois, têm experiência nas construções de casas, galpões, restauração interna, tanto que existem grupos de umas 15 pessoas, na sua

maioria parentes e conhecidos da localidade que efetuam esses serviços. As mulheres trabalham de domésticas ou funcionárias em alguma firma.

O abandono desse grupo de moradores da cidade é mais prolongado, porém seu retorno à localidade de "Paredão" é esporádico e emotivo, visto que se programam durante o ano todo umas duas a três excursões, sendo que contratam um ônibus para aglomerar o maior número de parentes e vizinhos que desejem visitar a localidade.

Nas excursões, as trocas de assuntos e conversas são intensivas, assim como as informações de empregos para quem deseja trabalhar em Porto Alegre. As excursões a "Paredão" fazem com que se organize algum torneio de futebol e bailes com a contratação de algum conjunto musical, permanecendo de três a quatro dias na localidade, geralmente aproveitando os feriados mais extensos que tem o calendário do ano. Por outro lado, essas excursões movimentam familiares e vizinhos que moram na empresa florestal Agrofil para propiciar reencontros nos dias em que permanecem as famílias.

Quem trabalha na empresa rural Agrofil fica morando fora de "Paredão" de um a dois anos, às vezes um tempo maior, porém as visitas à localidade são mais constantes. A permanência das famílias é dada porque a empresa rural lhes oferece moradias pequenas para permanecer acampados nos setores da floresta, permitindo-lhes, no entanto, sair nos fins de semana, os quais são sempre aproveitados para visitar seus parentes e vizinhos, assim como dar uma olhada na sua terra e moradia que deixaram.

Na Agrofil existe uma floresta de Pinusseliottis, que ocupa uma área de 16.000 ha, dos quais a maioria encontra-se em fase de corte. Operam no local 5 serrarias com uma produção mensal de 2.500 m³ - fase inicial.²⁹ Os empregos que oferecem aos moradores do Paredão e da zona do cemitério são para homem de vigília, derrubador de árvores e atividades de cuidado dos florestamentos (plantação de árvores). Para as mulheres fica o trabalho em algumas máquinas e classificação da madeira.

²⁹ Fonte folheto Prefeitura de Piratini 1996. Opção de investimentos na Rota do Mercosul

À noite, no pequeno povoado da Agrofil, é comum que os homens tenham um tempo para sair, caçar ou pescar, reunir-se nas casas, etc. Suas atividades agrícolas se reduzem quase que totalmente, há apenas o esforço para implementar uma pequena horta, às vezes coletiva, para o plantio de alguma planta de consumo diário que não necessita de muitos cuidados.

Essa empresa de madeira tem preferência pelos moradores de Paredão, assim como pelos da zona do cemitério; todos se juntam para viver essa experiência na Agrofil, que tem um programa avançado de derrubada de pinos florestal. No entanto, o morador da zona do cemitério não chega a ser trabalhador numeroso dessa empresa, verificando-se um número expressivo de moradores de "Paredão".

As experiências laborais dos moradores dessa localidade apresentadas, seja as vividas pelo grupo no passado, como o tempo da mina, mesmo sendo uma prática desconhecida de suas tradições agrícolas, passaram a ser desenvolvidas em vista de garantir a sobrevivência das famílias; ou as outras vividas nas granjas, empresas rurais, e as da própria cidade de Porto Alegre, em tempos diversos, demonstram o que Durhan chama “ (...) a ruptura ao isolamento e uma adesão à fragmentação desses sujeitos como uma população esparsa dada pelas condições de absorção de mão-de-obra livre, causa das migrações de organizações rurais em cuja base econômica está agricultura de subsistência.” (Durhan, 1978, p.55-57)

Os detalhes desse cotidiano de trabalho dos moradores de Paredão dão lugar a um conjunto de estratégias de sobrevivência que organizam em base as redes de relações de parentesco e vizinhanças, ou seja, facilitam um espaço de procura de emprego, tanto para o meio rural como para o urbano. Ambas as experiências diferenciadas mostram períodos de afastamentos temporários (mesmo que seja morando na grande Porto Alegre), pois garantem o retorno à localidade.

5.3 A Casa em Barro e Teto de Palha

As casas dos moradores de "Paredão" são um tanto rústicas, mas têm uma estrutura física que permite longa vida. O fato de sua fabricação ser feita de barro sobre paus de taquara, coberta com teto de palha, representa uma oposição inevitável ao universo de moradias atuais do município de Piratini. Comparadas às casas históricas ou modernas do centro urbano, é recorrente encontramos nas narrativas dos moradores do centro urbano, uma rejeição às condições das casas de "Paredão" referindo-se a elas como: "Um atraso de vida", "morando pior que bixo", "Um pessoal pobre".

Para os piratinenses um tipo de estrutura rústica como esta moradia da localidade de "Paredão" "envergonha" o modelo de casa rural que se apresenta hoje na vida campesina dos subdistritos; sua aparência parece reviver aquelas casas primitivas do Brasil-colônia, chamadas "Pau a pique", também utilizadas pelas populações indígenas que sobreviveram na região ao processo civilizatório.

Os piratinenses urbanos não sabem informar há quanto tempo esses grupos de famílias de "Paredão" moram nessas casas, porém não escondem o interesse de querer entender como elas têm conseguido se manter conservadas no transcorrer do tempo. Esta admiração se denota sobretudo no depoimento de velhos moradores piratinenses como Dona. Teutonila, 67 anos, hoje moradora do centro urbano, mas que nasceu no meio rural e que julga que este tipo de condição de morar é "coisa do passado":

" Nossa primeira casa na Campanha era um rancho de palha e barro, e chão batido. Nós tínhamos uma sala, dois quartos, uma cozinha e sem banheiro. A distribuição do espaço era o quarto do casal que ficava à esquerda e entrando pela porta do lado, a sala de visita, com a cozinha no fundo."

De fato, a essa moradia de "Paredão" incorporam-se alguns dos aspectos da casa urbana da zona do cemitério, como o tamanho e a distribuição das peças. A forma

rancho

como é construída e usada por seus proprietários mostra um conjunto importante de diferenças e peculiaridades, mesmo assim é difícil afirmar quando e onde teriam surgido esses modelos de casas na cidade histórica de Piratini.

A casa de "Paredão", de modo geral, tem três portas pequenas, com 1m50cm de altura, aproximadamente, que permitem os acessos e as saídas de seus habitantes, devendo-se ter cuidado para não bater a cabeça quando se efetuam seus acessos. Existem também algumas janelas laterais que acompanham todos os ambientes da casa, sendo estas de diferentes tamanhos. Essas construções se mantêm devido às tradições de seus moradores, a seu baixo custo, e também porque apresentam a suficiente comodidade para desenvolver o modo de vida que as famílias têm.

Na sua maioria, as famílias por costume constroem suas moradias próximas às águas do rio Camaquã, de preferência em planícies elevadas, escolhendo o terreno com a característica de aproveitar o máximo de seu nível plano. Segundo os informantes, o terreno é geralmente preparado para os dois tipos de construções, essenciais para o grupo familiar: uma que será a casa onde residem todos os membros da família; e a outra que será usada como despensa de ferramentas, alimentos agrícolas e outros pertences, etc.

Para ambas as construções os terrenos são preparados com os respectivos cuidados: escava-se aproximadamente uns 50 centímetros abaixo do nível das que serão as paredes a serem construídas, formando um quadrante para diferenciá-las do chão da casa, posicionando-as de acordo com às condições do terreno.

Por outro lado, as moradias estando próximas ao rio Camaquã apresentam um posicionamento peculiar, que de uma visão aérea tomam uma postura lateral, ou seja, dando sempre as janelas da moradia para as águas, ou paralelamente ao rio Camaquã.

Na construção da moradia familiar utilizam-se troncos de madeira de diferentes tamanhos, os quais são buscados com dedicação dentro da pequena floresta de

árvores locais. Após cortar a madeira, preparam-se os troncos para montar o esqueleto da casa, usando em torno de 14 a 16 troncos de espessura mediana, que são depositados em buracos de quase meio metro de profundidade. Uma vez efetuada essa primeira armação da casa, faz-se a estrutura do teto, constituída de outro grupo de madeiras que facilitarão posteriormente a cobertura com palha.

Depois de uns dias em que essa armação recebe a garantia de estar bem feita e segura, retoma-se a construção da moradia, usando uma série de paus menores, de preferência taquara. Estes paus de taquara são preparados para serem entrelaçados uns com os outros, formando uma verdadeira parede entrelaçada de taquaras, a qual se apóia nos troncos grossos da armação. Aquele entrelaçamento é realizado com a devida paciência, observando os diversos tamanhos das taquaras para favorecer o processo do tecido manual que se faz com elas.

Entre as ferramentas que empregam na construção estão alicate, martelo, facão, pregos, machado, porém associados ao uso engenhoso que depositam as mãos que convertem-se na maior potencialidade construtora da moradia.

Quando se fabrica a parede de pau de taquara, o entrelaçamento vai se realizando tomando o cuidado de não deixar as mínimas aberturas para a entrada de luz e vento, assim fica pronta para que o barro seja posteriormente colocado sem a maior dificuldade, deixando a parede acabada. Assim nos narra Roger, 45 anos, morador de Paredão:

“Quando se faz uma casa se tem que ter cuidado que ela não vai cair, então a gente procura fazer bem a base que é a que suporta tudo. As madeiras têm que estar bem encaixadinha se não, não fica bem. O entrelaçado da parede não é muito difícil, o que mais demora é procurar a madeira certa, tomar sua medida e botar na parede. É só no olho que a casa vai saindo.”

O barro é colocado na casa depois da fabricação do teto, o qual se monta tomando as medidas de um conjunto de madeiras que são distribuídas em toda a

moradia, e também as que se entrelaçam para formar a armação do teto bem resistente, capaz de suportar vários quilos de palha, conhecida pelos moradores com o nome de Santa Fé, a qual é retirada de próximo dos arroios de águas. em terrenos úmidos, e preparada antecipadamente para cobrir a armação do teto.

A palha de Santa Fé é uma planta cuidada e conservada com muito apreço pelas famílias de Paredão, que não a deixam desaparecer pela utilidade que representa para as construções. O teto é trocado aproximadamente entre 4 ou 5 anos, que, segundo os informantes, é o tempo em que a palha deve ser trocada por uma nova. Meses antes do período da troca da palha, os moradores de "Paredão" a cortam da mata e a preparam, deixando-a secar, bem resguardada da chuva e da umidade e protegida também do sol em algum galpãozinho improvisado.

A palha é colocada na armação do teto da moradias, pelo próprio construtor, que sobe nessa estrutura, de pés descalços, com a finalidade de distribuir equitativamente toda a palha sobre a casa, dando a forma de um teto circular, o qual é preso com arame e pregos.

FIGURA 04 PAREDES TETO E CORES

O fabricante toma os cuidados adequados para garantir uma boa distribuição da Santa Fé, que favoreça a não penetração da água, da luminosidade e do vento. Por

isso, o morador acaba descendo e subindo sobre a estrutura do teto tantas vezes o quanto ache necessário, a fim de certificar-se que os procedimentos garantam esse objetivo, como comenta Sr. Ernesto, 53 anos, morador de Paredão:

“No teto, tem que se ter paciência porque não pode ficar ruim, pode vir uma chuva e o Santa Fé é muito enganador, molha tudo, então eu dou mais atenção a esta parte da construção:, tem que ficar o teto bem ajeitado e é quando se precisa de ajuda sempre se convida algum parente para colocar o Santa Fé”

O barro, segundo os informantes, é usado para revestir a moradia, especificamente cobrir os entrelaçamentos da parede de taquara fazendo com que esses moradores busquem uma terra apropriada, pois também ela define a cor que a moradia terá. É quando esses sujeitos saem para localizar a terra arenosa, assim como argilosa (argila) propícias para obtenção da cor, pois estas apresentam várias cores.

Tivemos a oportunidade de assistir a decoração e o revestimento de algumas partes da parede de uma moradia que havia se deteriorado com o tempo, vento e chuva. Percebemos que é nas proximidades do rio Camaquã onde os moradores faziam as escolhas dos tipos de terras para fazer o barro da moradia.

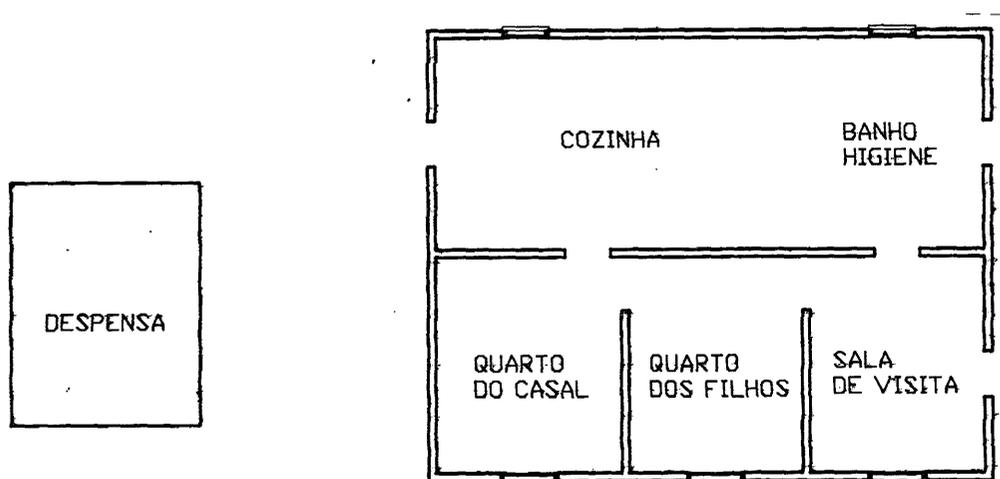
Entre esses diferentes tipos de terra arenosa ou argilosa estão as que oferecem uma cor bem marrom, que chega parecer um verdadeiro café com leite, outra um pouco amarelinha, que às vezes parece uma gema de ovo e uma última que é mais escura, que se aproxima ao cinza suave.

Para fazer o barro, os informantes dizem que primeiro é necessário preparar o local, que consiste em um buraco, não tão pequeno, de forma retangular onde se realiza a mescla; logo, esse espaço serve para limpar a terra retirando todas as rochas possíveis, deixando-a o mais refinada possível para aplicar-lhe a água. Em seguida se vai mesclando até deixar uma massa espessa de barro, a qual fica em repouso por um determinado lapso de tempo.

Quando o barro está pronto, começa-se a revestir as paredes, outorgando uma maior consistência às mesmas e fortalecendo a própria moradia. As mãos dos moradores passam a ser ferramentas fundamentais para modelar toda a parede e a armação da moradia, fazendo-a desaparecer. Elas oferecem uma ondulação perfeita da parede, como lembra o Sr. Ernesto, 53 anos, morador de Paredão :

" O barro se faz quando o dia está bom, para que seja fácil dele colar na parede: aí todo mundo trabalha, mulher, criança, são elas que ajeitam quando se estraga alguma parede ou quando tem que pintar a casa. Não tem muito mistério é fazer uma boa escolha da terra, jogar água e trabalhar com a mão até deixar tudo bem coberto, olhando para que a parede não fique torta".

FIGURA 05 PLANTA DA CASA BARRO E TETO PALHA



As portas e janelas localizam-se em diversos pontos da estrutura da armação, mantendo as portas na mesma posição da casa urbana da zona do cemitério, ou

seja, na entrada e nos fundos da moradia; entretanto, a moradia de "Paredão" considera uma terceira porta que é usada como entrada e saída para a cozinha.

Quanto às janelas, nenhuma fica ao lado da porta de entrada da casa, pois desaparecem para situar-se pelas suas laterais com a finalidade de acompanhar todos os ambientes da moradia, iluminando a sala de visitas, quarto de um filho, quarto do casal e a cozinha. O tamanho das janelas não chega a ocupar 50cm x 60cm de largura, o que mostra pouca luminosidade no espaço doméstico.

Essa moradia familiar tem, de modo geral, quatros ambientes principais: a sala de visitas, a qual fica ao lado de um outro que é a cozinha; o quarto do(s) filho(s); e finalmente o quarto do casal, que se situa ao lado da porta dos fundos. Todos esses ambientes conectam-se entre si pelas aberturas que cada um tem, o que facilita o trânsito interno.

As moradias encontram-se relativamente distantes entre elas, separadas por alguns hectares de terra e florestas que se formam entre os cerros e as águas do Camaquã. Mesmo assim, não é um empecilho para as visitas, que são constantes em distintas horas do dia ou da semana, pelos familiares e vizinhos, os que se procuram por diversas necessidades, seja para trabalhar juntos na lavoura, solicitar uma benção, rezar algum terço.

A casa sempre está disposta a receber os visitantes a qualquer hora do dia. Os visitantes entram sempre pela porta de entrada e instalam-se na sala de visitas, como costume. Essa sala de visitas é pequena, muito semelhante ao tamanho da que existe na casa da zona do cemitério; entretanto, ela também serve para acolher parentes, amigos, vizinhos e pessoas de distinção. A sala de visitas é decorada com um grupo pequeno de móveis feitos em sua maioria por seus próprios moradores: alguns bancos de diversos tamanhos e uma mesa, pintados da mesma cor, tendo como preferência o vermelho forte, verde e marrom escuro.

Nas paredes, encontramos colados alguns recortes de revistas ou jornais que decoram e apresentam algumas mensagens. Também há fotografias do casal e próximo a elas algum objeto ou imagem religiosa que, em geral, é Nossa Senhora, mãe de Jesus, protegendo a sala.

A imagem religiosa e suas decorações cumprem a função de uma espécie de altar de oferendas, que algumas vezes recebe os parentes e vizinhos para rezar o terço juntamente com o "capelão", ocasião em que a sala de visitas fica bem iluminada, abrindo-se sua única janela, que permanece fechada na ausência dos visitantes, recebendo claridade dos outros ambientes. Contudo, essa janela parece ser a maior de todas que existem na moradia.

Dentro da sala também localiza-se algum rádio-gravador funcionando à pilha ou bateria nas horas do dia, acompanhado de fita cassete de música regional gaúcha de cantores famosos desse gênero musical. A sala também é bem ornamentada por uma série de plantas que são preparadas pela dona da casa, em recipientes diversos, latas de óleo, garrafas de plástico, etc.

As plantas são colocadas a uns 70 cm ou 1 metro de altura sobre o chão da sala, com a precaução de que nenhum animal doméstico as possa destruir, e que a luz e o ar não falem. Essa ornamentação de plantas se estende pelas paredes da casa, preferencialmente na entrada, onde são penduradas próximas à porta.

Ao lado da sala, mas também com saída para fora da moradia, está a cozinha, na qual encontramos utensílios para o preparo dos alimentos, de modo geral pendurados por todas as suas paredes. Às vezes há alguns pedaços de carne de porco ou ovelha convivendo com sacos de plástico que guardam uma infinidade de objetos, alimentos, ervas e outros, conservados com o devido cuidado. Nesse mesmo espaço, encontram-se alguns objetos do banheiro para serem usados pelos moradores na sua higiene, como um espelho, recipiente de lavar mão, sabão, máquina de barbear, escova e pasta dental que são de uso diário.

Enquanto alguns membros da família se alimentam pela manhã, outros realizam seus hábitos de higiene, fazendo do banheiro e da cozinha ambientes de convivência de atividades, verificando-se diferenças no modo de viver desses espaços entre os moradores da zona do cemitério e "Paredão".

Quando fiquei nesse ambiente da moradia de "Paredão", tive que me acostumar a realizar a higiene em presença dos membros da família. Levou algum tempo, pois era constrangedor no início estar escovando os dentes, penteando-me ou lavando-me, etc., com olhares atentos para mim, tanto que levei várias vezes os objetos do banheiro para fora da casa, fugindo da presença dos membros da família. Era engraçada essa sensação de ver e escutar os barulhos da higiene pessoal enquanto realizava as refeições do café da manhã, o almoço, etc., mas, por outro lado, parecia ser tudo muito prático, lavar-se, ter tudo à mão, para imediatamente ter acesso à comida, sem me importar com quem estivesse observando.

A cozinha tem alguns móveis, além da lenha, uma espécie de lava pratos e um outro para guardar alimentos, louças, assim como um pouco de lenha para manter aquecido o fogo. Também tem uns banquinhos de diferentes tamanhos para os membros da casa ficarem na volta do fogão tomando algum chimarrão ou acompanhando os afazeres da dona do lar.

Vários móveis são fabricados de forma artesanal pelos próprios moradores, existindo outros que foram doados ou comprados por seus parentes que moram em Porto Alegre ou por algum membro da família em suas saídas externas. Entre as fabricações é possível visualizar peneiras, cestos, bacias, bancos, mesas, roupeiros, carretas, ferramentas para os arados, juntas de boi, etc., como lembra o Sr. Antônio, 56 anos, morador de "Paredão":

"A gente sempre fez as coisas dos tempo dos antigos, nos ensinaram a imitar os móveis, a cama, a estante, banquinhos, tudo que dê para fazer a

gente faz . Ficamos contente em ajeitar a nossa casa, receber os parentes, tomar um chimarrão. A mulher precisa de algo, eu tenho o que fazer”

Percebemos como esse ambiente da casa é dinâmico e multifuncional, pois ele chega a ocupar a largura de todo o tamanho da moradia, suficiente para realizar uma série de atividades de utilidade doméstica, como o trabalho da lavoura de suas plantações e tratamento de animais domésticos. Isto é, na cozinha pode-se arrumar alguma ferramenta, ou alguma necessidade da casa como o banco, mesa, roupeiro, etc., das coisas mais comuns que são usadas no dia-a-dia. O acesso que a cozinha apresenta é de uma interação permanente com seus membros, nas diversas horas do dia.

No passado, segundo os informantes, a cozinha funcionou fora da casa, não se usava o “fogão à lenha”. Cozinhava-se no próprio chão, num conjunto de brasas. Havia um suporte que mantinha uma panela grande que reunia os membros da família ao redor do fogo. A família era maior, todos os membros comiam sentados uns ao lado dos outros, formando uma espécie de círculo, recebendo o alimento oferecido pela dona da casa. Como lembra Sr. João, 48 anos, morador de "Paredão" :

“Nos tempos de meus pais, como a gente foi criado, a cozinha estava aqui fora de casa, o fogão eram as brasas, que segurava a panela que era maior, todos os irmãos ficávamos na volta dela, a mãe servia a cada um. Era lindo de ver, todo mundo comendo no chão mesmo”.

O depoimento da referencia aos tempos em que a família de "Paredão" era extensiva, isto é, um numero maior de membros do grupo de parentesco consanguíneo que morava junto. Hoje em dia é diferente, a família apresenta a característica nuclear fragmentada porém nelas se mantêm aspectos significativos das relações entre parentes de uma mesma linhagem .

Entre os alimentos preferidos dos membros das famílias de "Paredão" estão o pão sovado, que é feito por eles mesmos, o arroz com galinha, que, se não houver, é substituída por patos ou gansos. É comum ver a dona de casa comer sua refeição por

último, sem deixar de atender a todos os pedidos dos membros da família. Nas visitas de distinção, a qual eu passei a ser, foram poucas as vezes em que essa responsável pelos alimentos fez as refeições junto comigo e os demais membros. Sempre encontrava desculpas para manter o costume de servir primeiro os alimentos a todos seus membros da família.

Nas visitas dos parentes, o círculo das refeições cresce e coloca em cena a destreza de comer sem a maior dificuldade, isto é, sem o apoio de uma mesa para segurar o prato com comida, preferindo usar as próprias pernas ou simplesmente aproximando o prato à boca com ajuda dos talheres, num movimento que sobe o prato quando se vai ingerir e desce para descansar nas pernas. Sempre foi uma dificuldade tentar comer dessa forma, por isso, no desespero, preferia levar meu prato para a mesa da sala de visitas que me fazia sentir-me mais seguro.

Essas práticas alimentares são fortes momentos de coletividade familiar que congrega diversos parentes e vizinhos, quando aparecem temas de interesse, conversas e assuntos relacionados aos afazeres do dia-a-dia dos moradores.

Tanto a sala de visitas, como a cozinha concentram membros, parentes e vizinhos da família. São ambientes preferidos para a sociabilidade interna e externa desses moradores. Ambos os espaços domésticos diferenciam-se por estar um mais alto que o outro, ou seja, a sala de visitas está em um nível acima e a cozinha a um nível abaixo, aproximadamente a uns 50cm a 70 cm em relação ao chão da sala. Os ambientes restantes, que fazem de quartos, são semelhantes, pois encontram-se relativamente ao nível da sala de visitas, entretanto separados por paredes e suas aberturas internas que possibilitam o acesso a estes.

Na sala de visitas e cozinha, os moradores rezam o terço, fazem alguma benzedura que se oferece aos parentes ou vizinhos, isto é, empregam suas crenças religiosas. Recebem a chamada “bênção” aqueles que a solicitam.

A Igreja da Matriz do centro urbano de Piratini enviou seus párocos para batizar as crianças nessa localidade, não dando tanto espaço aos casamentos desses moradores. As práticas das rezas nas famílias de "Paredão" são bastante antigas: o terço da virgem é rezado sem maiores inconvenientes com ajuda e participação de algum capelão. Além do terço, os moradores entoam cantos e orações aprendidas desde crianças. Essa reza tem duração de aproximadamente uma hora, tempo em que o cerimonial permite que as famílias façam seus pedidos. Alguns minutos as famílias usam para locomoverem-se até a casa onde é rezado o terço.

O terço basicamente consiste em efetuar uma oferenda pelo pedido almejado, além de servir para que os familiares troquem idéias, compartilhem algum chimarrão ou café da tarde junto ao capelão. O capelão é o indicado para efetuar o terço, conduzindo a cerimônia de forma eficaz. "Paredão", segundo a informante, chegou a ter vários capelães, mas com o tempo foram morrendo ou migrando para Porto Alegre, ficando um que outro que é solicitado pelas famílias interessadas. Isso nos narra Sra. Emilda, 50 anos, morador de "Paredão" :

“Os capelães que sabiam bem a reza do terço foram morrendo e saindo daqui para morar lá em Porto Alegre. A gente recebeu esse ensinamento de nossos antigos que faziam sempre o terço. Eu quando pequena assistia com minha mãe, e o capelão, que era parente nosso, rezava bonito”.

Os conhecimentos dos rezadores de terço em "Paredão" mostram um processo de catequese que esses moradores foram preservando no tempo e que está presente nessa prática costumeira de as famílias rezarem junto.

O desejo de ir a um terço é um reencontro entre as famílias, permitindo fortalecer as benzeduras que estes praticam, sua medicina natural que tanto aplicam em seus ferimentos corporais, assim como para recordar a seus antepassados falecidos que são rememorados nas orações do terço. Os mortos ganham um espaço no terço para

consagrar sua alma a plenitude. Ou seja, levar o familiar falecido ao paraíso celestial com a intermediação da reza. É comum que se reze o terço na sala, ou, quando está calor, numa sombra, conforme as condições do tempo.

As imagens e decorativos de Nossa Senhora de Jesus são colocadas sobre uma mesa, espécie de altar, e, junto a ela, uma vela que se acende durante a cerimônia. A santa ocupa o centro das atenções dos participantes e as orações se realizam em coro, puxadas pelo capelão, como lembra, Dona. Carmen, 78 anos, moradora de "Paredão":

“Salve rainha pequenina rosa divina clavo de amor a si vos peço juízo, glória entendimento para assim poder louvar ao santíssimo sacramento. Levar essa alma que vá à glória, pela escada do rosário e subiu para o céu para nosso que Deus lhe deu a glória para sempre, amém. Ela vai de rua em rua, da rua ao portão bem para receber a alma.” (Carmen, 78 anos)

“Nesta cama me deito, Nesta cama me levanto, a Virgem Nossa Senhora me cobre com seu manto, tapado com seu manto não tem medo nem pavor, nem coisas deste mundo, nem que do outro foi.” (Carmen, 78 anos)

“Pai nosso pequenino que me fez a cruz na testa, me leva em um bom caminho, Jesus Cristo, São Lucas, São Marcos e São Mateus nosso com todos seus céus.” (Carmen, 78 anos)

Para os moradores de paredão a prática do terço realizada em seus espaços domésticos, mostra uma adesão as crenças de uma religiosidade católica incorporada e aprendida por um processo de catequeses vivido nesse lugar, por outro lado, possibilita o encontro coletivo das famílias do grupo local num reforço ao sistema de crenças de benzeduras associadas a aspectos religiosos.

Por outro lado, tanto a decoração como os usos dos ambientes da cozinha e da sala de visitas da casa de Paredão apresentam muitos aspectos semelhantes aos vistos nas casas da zona, como a localização de alguns objetos quanto à funcionalidade dos espaços. No entanto, a manipulação e significado deles aparecem diferenciados pela memória do grupo, ou seja, as famílias de Paredão usam a sala de visitas para as rezas coletivas, simulando as devoções das ruas do centro urbano. Já a cozinha representa o

encontro da família extensa que hoje se encontra congregada pelas práticas de sociabilidades e pelas preservação das crenças antigas.

As benzeduras existe nos moradores de "Paredão" para dar ou receber a "bênção". isto é um "dom" entre as famílias desse lugar . Tomar ou receber uma "bênção" dos parentes e vizinhos é estabelecer relações de reciprocidade, é ativar o respeito, distinção, reconhecimento e admiração entre os membros da comunidade local. É outra maneira de reforçar os laços de pertencimento.

Muitas vezes observei, em meio ao convívio com essas famílias, que nenhum familiar ou vizinho chega ou se vai sem tomar a bênção dos moradores da família. Ela consiste em dar a mão, que às vezes é beijada, acompanhada de uma reverência. Desde então, quando visitava as moradias, não me atrevia a repetir o mesmo ato aos moradores, porém acabei me acostumando com a bênção das famílias. Para mim era uma forma de agradecer a hospitalidade e o carinho das famílias que me acolheram nas tantas estadas durante minhas visitas. Foi uma forma estratégica de entender porque as benzeduras e rezas são tão importantes para o grupo familiar e a localidade inteira.

As benzeduras acontecem a qualquer hora do dia, geralmente por meio de uma visita a uma família para buscar a bênção ao mal-estar que lhes aflige , seja por ferimentos ou enfermidade. As mãos exercem uma função mágica nessa crença. Elas diversificam-se na atenção dos moradores, seja tocando e benzendo a ferida ou esse mal-estar, seja preparando ervas buscadas em meio de uma pequena floresta. Alguns têm sua própria reza, como lembra a Sra. Cristina, 87 anos, moradora de Paredão que realiza benzeduras :

“A gente reza assim, Pedro Paulo veio de Roma se encontrou com Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou a mulher se quer por lá , Pedro Paulo respondeu muito sangue, pele, ferida, e chaga mal. Jesus Cristo respondeu Pedro Paulo torna lá pega a essa criatura a pena da galinha preta que com óleo de oliveira que com nome de Deus e a virgem Maria esta chaga. Alma vai sarar. com carne , osso e sangue , para benzer carne quebrada, nervo torto, osso rachado. Isto mesmo eu benzo com a proteção de nosso

Senhor. Se for carne quebrada torne a salvar . nervo torto que volte ao lugar e osso rachado que torne a ligar com a proteção de Nosso Senhor. Lua nova em teu quarto crescente quando passar por minha casa eleva esta semente. figueira. figueira. Também aplica algumas ervas no caso para que o doente fique melhor. as ervas são bem boas para melhorar. "

Neste sentido, os moradores de "Paredão" desde pequenos socializam suas crianças para uma aprendizagem das propriedades das plantas e árvores que se criam na localidade. Ressaltamos esse domínio do uso natural do meio para a sobrevivência, medicina alternativa e os reforços da suas crenças. Por outro lado, essa prática da benzedura cria diversos conflitos com a medicina hospitalar que é levada a Paredão pelo programa da unidade móvel de saúde, mesmo assim as famílias estrategicamente mantêm seus costumes dos usos das plantas.

Na sala de visitas, também existe uma cortina de plástico colorida que cobre o acesso para os outros dois ambientes da moradia, um que pertence aos filhos e outro ao casal. Neste acesso, entre cada um desses ambientes, não chegam a se formar as condições de um corredor que permita transitar sem entrar neles, como existe na casa da zona do cemitério, no entanto as aberturas que há em cada ambiente da casa facilitam de igual maneira seu acesso a todas as dependências.

Passando a cortina da sala de visitas, estamos no quarto de um filho, que é geralmente ambientado para umas 2 a 3 camas muito unidas, uma ao lado da outra, aproveitando bem esse espaço reduzido. Nele encontramos uma pequena janelinha que ilumina a peça e, junto às camas, algum pequeno móvel que faz a espécie de roupeiro que guarda alguns pertences dos filhos. Em meio das roupas, camas e móveis, aparecem alguns produtos comestíveis, mesclando alimentos não perecíveis que se adquirem das compras externas, como açúcar, farinha, massas, arroz, etc., para dar uma aparência de total desordem, fazendo do ambiente uma organização peculiar.

Essa desordem do espaço não altera a sua convivência com as exigências do mundo externo, em que esses moradores preocupam-se em estar sempre bem arrumados

e muito higiênicos. Os filhos, como a dona do lar, freqüentam o quarto na busca de alguma necessidade culinária ou retirada de pertence de algum filho do casal.

No início, pensava que os demais membros da família, os quais havia observado de longe, estariam em casa, e, quando me aproximava, parecia que a moradia havia sido abandonada por seus membros, porém esses moradores, em silêncio, escondiam-se, permanecendo nos quartos escutando a minha voz e observando meus movimentos por meio de algum buraco pequeno existente na parede. Repetiam essa prática para os candidatos, autoridades municipais ou estranhos que visitavam suas moradias.

Para terminar os ambientes da moradia, está o último, o quarto do casal, que se conecta próximo à porta dos fundos. O quarto está constituído por uma cama e um outro roupeiro ou guardador das roupas e pertences de valor da família. O quarto do matrimônio sempre guarda as melhores roupas e as coisas de valor do grupo familiar, como algum eletrodoméstico. Se ainda não tem energia elétrica, eles estão guardados com bastante ansiedade de serem usados, além de outros objetos de utilidade doméstica como copos, panelas, pratos, etc.

Tanto no quarto do casal como no dos filhos, encontrei suas camas decoradas com algum cobertor de mosaicos feito de retalhos de tecidos confeccionados pela dona da casa. Estes cobertores eram usados como colchonete para algum filho do casal, quando não havia o colchão de aveia ou de palha. De modo geral, os colchões são feitos de palha do tamanho de uma cama de solteiro, assim como encontramos outros feitos de pena de aves, os quais são bem preparados e revestidos pelas dona do lar.

Esse tipo de colchão é leve ao se deitar nele, porém forte e prático e dura de um a dois anos de uso. As confecções dos cobertores e colchões são práticas realizadas pelas famílias, envolvendo a dona da casa em companhia de sua filha.

Saindo da moradia familiar, encontramos o pátio da casa onde geralmente transitam os animais domésticos e onde se cultiva uma pequena horta, na qual se plantam algumas verduras em diferentes épocas, de acordo com as condições climáticas.

Próximo a ela, encontramos a outra construção: uma dependência física menor que a familiar. Ou seja, feita fora da moradia para que funcione como um paiol, armazenando os produtos agrícolas e algumas ferramentas da lavoura. É construída de forma semelhante, isto é, usando madeira de taquara, barro e com teto de palha. Nos tempos da safra esses pequenos espaços guardam uma variedade de produtos recolhidos da colheita plantada, para serem usados durante os meses no consumo pelos membros das famílias.

Por último, tanto na frente como nos fundos da moradia familiar de "Paredão", existe uma inversão do ambiente em relação à casa da "Zona do Cemitério". Enquanto o banheiro e a cozinha estão juntos nos fundos da casa da zona, em "Paredão" aparecem no começo da moradia. Outra diferença é o quarto do casal, que também é um espaço transferido do início da casa da zona do cemitério para os fundos da moradia de "Paredão".

Todos os aspectos até aqui apresentados por essa casa rústica desses moradores inserem estas famílias de piratinenses num conjunto de relações sociais que ajudam a escrever sua história vivida no dia-a-dia. Esse tempo vivido na casa e fora dela permite revelar uma outra forma de viver dos piratinenses, que difere da memória oficial farroupilha.

CAPÍTULO 6

A BICHARADA

Há muitos anos, nas ruas do centro urbano de Piratini, vem se realizando uma festividade conhecida como a "Bicharada", um ritual criado por seus moradores, o qual já acontecia quando ainda predominava no local seu aspecto rural. Esta se torna a terceira "notícia" etnográfica que se deseja apresentar porque se trata de uma vivência passada e presente dos piratinenses que demonstra a confraternização das diferenças sociais, tendo a rua como cenário de convivência afetiva de grupos que no cotidiano se excluem, mas que, nessa experiência, formam um todo coletivo.

Este ritual festivo, que ocorre dias antes do Carnaval tem uma duração aproximada de quinze dias. Neste participam piratinense de diversas condições sociais e de uma variada faixa etária, dispostos a rememorar e vivenciar a experiência de brincar em meio a um conjunto de fantasias que representam bichos, seja dentro delas, como mascarados, seja como acompanhantes da festividade. O evento é organizado há muitos anos, e sua realização tem sido desenvolvida, na maioria da vezes, nas ruas centrais do perímetro urbano, geralmente à noite, a partir das 22 horas.

A relevância de trazer a trajetória do ritual é porque apresenta uma temporalidade construída pelas memórias coletivas desse fazer festivo contrastando-se à memória oficial local, pois é uma festividade que, por não incorporar aspectos da tradição histórica farroupilha, mostra outras relações de seu passado. Além disso, a "Bicharada" tem seu

espaço e domínios dado pela rua , propicia para o rompimento da diferenciação social hierárquica das famílias e para uma plena convivência entre elas, engendrando uma manifestação popular que incorpora os diversos interesses de seus participantes, um evento de forte sociabilidade, que na opinião dos informantes "deve ser preservada " justamente por promover " a união e a alegria de todos".

A " Bicharada" é um complexo de elementos do teatro açoriano e da dança do entrudo; portanto, neste capítulo, consideram-se aspectos referenciais dessas manifestações populares dos Açores, de modo a situar as características desse ritual festivo.

Sendo um acontecimento antigo, viver este evento para os informantes evoca " saudades dos tempos de Dom Ari", considerado o responsável pela organização da bicharada no passado.

Sugere-se , portanto nos termos de Eckert(1997), que este ritual festivo na atualidade, transforma-se num exercício carregado de memorização dos itinerários vividos, destacando-se dois momentos significativos: os preparativos e o percurso, no qual estão envolvidos a fantasia dos bichos, a orquestra, os mascarados e os acompanhantes

6.1 *Aspectos do Teatro Popular Açoriano e a Dança do Entrudo : segundo Oliveira Martins (1985).*

Entre as manifestações populares da Ilha dos Açores estão as que se referem ao teatro açoriano³¹ e à dança do entrudo, duas dimensões artísticas que estão associadas à presença da alma popular de seu povo .

Segundo Oliveira Martins (1985), tais manifestações populares procuram uma constante prática de representar e dançar com a finalidade de reviver seus antepassados, deixando-se tomar pelo domínio da sua tradição, ou seja, pelos usos e costumes da sua cultura. De modo geral, as manifestações populares são produzidas por motivações socioreligiosas , ordenam-se em ciclos de tempo, sendo elas as razões principais para propiciar a consciência do indivíduo como a do Homem. .

Por outro lado, as festas populares desenvolvem o potencial de criação artística de seus habitantes, o qual é dinâmico e toma um aspecto de relevância nas diversas manifestações culturais da Ilha . É comum nas manifestações artístico-religiosas a inclusão de uma série de relações das condições de vida e do cotidiano destes moradores dos Açores, como refere-se o autor:

“Se festeja, obsequia, brinca, venera os santos, cumpre-se com os rituais que buscam o equilíbrio das forças da natureza (erupções vulcânicas e terremotos) e do homem (guerra e Paz), ocupam sempre um lugar nos cortejos dramáticos, na seqüência de enredos, nas cores dos cadafalsos, triatos e impérios ou nos coloridos das fitas que ornamentam bezerras e toiros; no conjunto dos adereços das Danças do Entrudo, muitas vezes marcas das sociedades, leitura dos diferentes povoamentos das diversas ilhas dos açores.” (Oliveira Martins ,1985: p.18)

O teatro popular açoriano acontece no meio das diversões populares, figuram os entremezes ou comédias que se esmeram em se apresentar para serem apreciados publicamente.

³¹ As informações foram recolhidas do livro “ Festas populares dos Açores “, editado nos Açores ano de 1985, organizado por Francisco Ernesto de Oliveira Martins.(pp263-269

As representações do povo açoriano pertencem ao ciclo do homem que vem do teatro grego, medieval e vicentino, cuja presença pode ser encontrada segundo o autor “ (...) no teatro popular e as do entrudo representado ao ar livre, nos cadafalsos, triatos e impérios com folias, foliões, reises e janeiras”. (Oliveira Martins, 1985: p.19). Entretanto, essas festividades populares têm relação direta também com ciclo de Deus, as quais começam no fim do ano litúrgico católico; ciclos que têm como momentos muito altos a festa de Natal, Carnaval e Páscoa.

No caso das representações do teatro popular, estas se realizam ao ar livre, e o dia marcado para as apresentações são dias de completa festa para o lugar, um alvo de distração que atrai muitos curiosos das freguesias vizinhas.

A ordem do espetáculo apresenta sua curiosidade, pois começa segundo Oliveira “(...) muito antes da representação, ou seja, por uma dinâmica de avisos, costume popular que em regra leva 8 dias antes de apresentar a peça. Passada essa introdução, esperam todos com ansiedade o dia designado para assistir a comédia” (Oliveira Martins, 1985: p. 263)

No teatro popular açoriano ao ar livre, os cômicos aparecem de máscara em seus rostos, sendo geralmente homens da arte do mar (pescadores), ou algum trabalhador da localidade. Os diálogos se cruzam entre atores e os espectadores. As evocações são contínuas, quentes, francas, entusiasmadas, tudo o que agrada, contando que faça rir aquela gente que esquece, durante uma hora, um ano inteiro de provações de trabalho e não poucas vezes de miséria. O povo geralmente demonstra interesse pelos personagens porque os acompanha com atenção e, ao regressar a suas casas, comenta o mérito da peça, fazendo sempre votos para a repetição.

De outra parte, as danças do entrudo também são uma manifestação artística de rua e, sobretudo, uma representação que consegue motivar bastante o público, converter-se num maravilhoso ritual de teatro, entre intérpretes, músicos e acompanhantes.

Naquelas danças, existe o chamados mestre³² que tem um papel preponderante para dirigir tanto os participantes mascarados como os dançarinos que cantam em coro os versos da dança com quem saíram à rua , além de ser o personagem que mais se destaca com sua fantasia e as performances que efetua na rua para centrar sua atenção, como diz Oliveira;

“Munido de apito e empunhando uma espada (ou um pandeiro em dança de caráter cômico/critico) inicia a moda, apresenta o assunto, intervém por vezes no próprio enredo, dirige as máscaras, e canta seguido pelo coro a despedida. Usa traje de forma muito vistosa, com um chapéu engalanado, com plumas, veste camisa com folhos, cheio de lantejoulas. Sem um bom mestre é difícil uma dança sair bem. Na parte apenas dançada é ele que, sendo bom, consegue imprimir as alas toda a movimentação. Exige-se - lhe não só uma boa e afinada voz como também bom jogo de pés e destreza e mobilidade de pulso no manejo da espada.” (Oliveira Martins , 1985: p. 273)

Por outro lado, com o processo do povoamento dos Açores é perfeitamente natural que a par da língua, religião costumes e trajes, seus povoadores tivessem trazido consigo as formas de teatro ou a expressão teatral que conheciam e praticavam. Dessa maneira, Oliveira acredita que “ (...) a dança do entrudo dirige suas raízes milenárias para pensar nos dragões, serpentes folias e chacolas que sobreviveram a antigüísimos cultos pagãos.” (Oliveira Martins, 1985, p. 275)

A dança, mesmo sofrendo suas transformações no tempo, apresenta-se segundo a perspectiva popular, isto é, uma manifestação feita pelo povo e destinada ao mesmo tempo para ele mesmo, existindo nesse domínio popular, as danças de caráter cômico, as que de um modo peculiar são verdadeiras contra encenações. Entretanto, as danças do entrudo não são todas parecidas em seus enredos, assim como suas ênfases socioreligiosas que outorgam nas diversas Ilhas dos Açores, porém elas basicamente, segundo Oliveira Martins, se compõem de três partes:

³² Mestre . é chamado de puxador. é quem dirige a dança

Uma primeira, que consiste na entrada ou saudação, em que o mestre canta saudando o povo acompanhado pelos dançarinos (coro) das alas.

A seguir, o assunto é cantado pelo mestre, quando se informa: esse argumento é seguido pelo enredo declamado geralmente em sextilhas e, por vezes, entremeadado com interações do mestre ou dos dançarinos, especialmente para marcar a mudança de cena, tempo e espaço.

Por fim, vem a despedida, os agradecimentos e indicação da freguesia, o lugar de onde saiu a dança e eventuais pedidos de desculpas por algum engano e ofensas. Tanto a entrada como a despedida são cantadas com instrumentos de corda. Os movimentos dos dançarinos são coreografias bem simples com troca de alas, sobe e desce, cadeia para formar xadrez e outras figuras ou marcas. Numa dança, intervém, ao redor de 16 dançarinos em duas alas, um Mestre e, às vezes um ratão, um personagem que depende do número de enredo.

Todas essas informações recolhidas de fontes de pesquisa das manifestações culturais acorianas são importantes. Mesmo as tomadas por folcloristas açorianos que buscam preservar suas tradições servem-nos para tentar pensar a festividade da bicharada passada/presente, que acontece em Piratini, feita desde os tempos de seu mestre dom Ari Valente, um dos organizadores, já falecido, que talvez a tenha iniciado há uns 45 anos, na década de cinquenta.

6.2 *Ari Valente e o Passado da Bicharada*

Segundo os piratinenses , sabe-se muito pouco sobre os motivos do surgimento de a "Bicharada" nos tempos de Dom Ari Valente, entretanto algumas idéias a respeito são lembradas nas falas de alguns moradores participantes da festividade.

As recordações tratam de uma série de aspectos da trajetória da festa, as quais nos remetem ao final da década de 40, quando um grupo de brigadianos, coordenado por Camure (como é lembrado seu nome) , brincava com uma fantasia de animal fabricada por eles mesmos. Tratava-se de um boi que se movimentava pelas ruas de chão batido desse centro urbano, ao entardecer, como relata o Sr. Milton, 58 anos, morador do centro da cidade:

"Eu era pequeno. devia ter uns 7 anos, e o brigadiano Camure foi quem começou a brincar com um bicho na rua. Era gostoso ver como aquele animal ficava caminhando pela cidade. Camure não fazia aquilo sozinho. tinha outros colegas que o ajudavam e o acompanhavam na brincadeira. Como eu era pequeno. ficava com medo do boi."

Dom Ari, segundo os informantes, criou a "Bicharada" junto com outros piratinenses, formando um bloco carnavalesco chamado "BC Boa Vontade" , que se tornou responsável pela organização da festa. Para esta festividade, fabricavam-se fantasias de animais de madeira revestida com tecido, que chamavam a atenção das famílias que saíam à rua para olhar a brincadeira. Surge daí uma pergunta: "O que teria levado Dom Ari Valente a continuar essa experiência de Camure, convertendo-se numa prática festiva das famílias da cidade, cultivada até os dias de hoje?"

Uma resposta pode ser encontrada nos próprios relatos dos participantes, nos quais aparece o significado de uma vivência coletiva carregada de afeto, de prazer e de apego a essa brincadeira imposta pelas fantasias animais, que representa o desejo de continuidade dos momentos de convivência fraterna oferecidos por essa manifestação popular.

Segundo Sr. Estevão, 65 anos, morador do centro. a "Bicharada" de Dom Ari consistia-se num conjunto de bichos, porém foi algo mais do que um passeio de animais pelas ruas de chão batido da cidade. Ela provocava uma participação emotiva de seus moradores em volta dos movimentos dos animais, tanto que essas fantasias eram numerosas e tinham suas preferências na interação com a gente do povoado.

"A bicharada era algo muito bonito. Lembro-me que antigamente os animais que existiam eram o avestruz, o cavalinho, o galo, o barbino pequeno, o boi, o camelo, o Pato Donald, o pinguim, o Anão da Cabeça Grande; também tinham a Vaca Louca, o tigre, o elefante, a girafa. Naquela época, o boi atropelava e usava uma corda, mas não era para bater e machucar as pessoas. Todos os moradores daqui da sede adoravam participar."

Os bichos eram, na sua maioria, animais de quatro patas, e um que outro de duas, feitos com destreza criativa e muita dedicação, através do emprego de madeira, tecido de várias cores, prego, tinta, martelo, tesoura e bastante costura. O animal convertia-se numa verdadeira armação pesada de madeira que uma criança não podia sustentar com seus braços.

Ainda assim, como lembra o Sr Meliar, 58 anos, morador do centro, os desejos de entrar no bicho com a finalidade de dar-lhe vida representava uns dos sentimentos coletivos da maioria de seus participantes; entretanto, nem todos podiam entrar nos bichos. Sempre sobrava gente que não tinha esse privilégio, especialmente crianças e jovens :

"Lembro que as crianças não chegavam na hora da saída da bicharada e ficavam chorando porque não conseguiam lugar para entrar nos bichos. Eu chorei muito por perder o lugar; Dom Ari fazia a escolha entre os mais fortes. Era tudo com ele."

Dom Ari cumpria a missão de mestre de cerimônia; era quem decidia a participação dos integrantes na brincadeira. A ele cabia a responsabilidade de se realizarem muitas ilusões, como a de enfrentar o temor de dominar um bicho, ou seja, era uma

espécie de rito de passagem dos moradores daquele tempo, que ansiosamente se preparavam para abordar os animais. É o que a lembrança do Sr. Geraldo, 64 anos, morador do centro apresenta-nos:

“Dom Ari se encantava., me lembro quando ele falava: - hoje é teu dia. Nós ficávamos felizes, mas outros choravam e ficavam tristes. A gente podia chegar cedo na espera dos bichos, mas Dom Ari decidia, tu, aquele ou em vezes ninguém . ”

Os bichos de Dom Ari executavam o seguinte percurso: partiam do Clube da Sociedade de Recreio ou da casa do próprio mestre, percorrendo um caminho de terra de quase dois quilômetros de distância e retornavam ao lugar da saída, quando se juntavam a eles muitos acompanhantes, os quais não se importavam em ir e voltar. Seguiam até o final da brincadeira.

O mestre Dom Ari comprava os panos ou tecidos para revestir os bichos com dinheiro que coletava junto aos moradores. Este fazia campanhas, rifas, para facilitar a compra do material e garantir a bicharada a cada ano. Com esse propósito, Dom Ari teve a idéia de incorporar um novo bicho, o Ursinho, que carregava uma caixa metálica para que as pessoas que acompanhavam a bicharada doassem dinheiro. Aquele bicho era carregado, tendo uma corda amarrada em seu pescoço, e solicitava às pessoas que colocassem espontaneamente o dinheiro na caixa metálica para a bicharada do próximo ano.

Dom Ari contava com algumas mulheres que ajudavam a terminar a roupa dos animais. Sr Carlos lembra que a Tia Biqueta foi uma dessas mulheres que mais se entusiasmou com a atividade e que se dedicou à fabricação das roupas, seja no revestimento do corpo ou na confecção da cabeça do animal; no entanto, Dom Ari também era muito prodígio para fazer algum bicho, pois tinha destreza e sutileza para aproveitar tudo que fosse útil, como se recordam o Sr. Carlos, 63 anos, e o Sr. Mário, 45 anos, moradores do centro participantes da bicharada de Dom Ari :

“Quando começou era um boi. Os demais eram bruxas e bruxos feitos de pano. Quem fabricava tudo era a famosa tia Biqueta, mãe do senhor David de Almeida. Ela costurava e fabricava tudo para o Ari.”

“Nós trabalhávamos com Dom Ari toda a noite, muita gente ajudava. Ele era esperto, furrava os bichos com cobertor, pintava os bichos e depois tirava os cobertores para lavá-los e voltava a reaproveitá-los. Os bichos e os bonecos meio que se conservavam, então dava um jeito de arrumá-los.”

Tia Biqueta também contava com a ajuda de suas filhas na confecção da roupa dos bichos e bonecos. Utilizavam como ferramentas tesoura, linhas, agulhas, máquina de costura, tudo trabalhado com as mãos, com criatividade e destreza. A própria tia Biqueta, segundo Dona. Teresinha, 58 anos, e Sr. Aldo, 64 anos, moradores do centro, parecia não se dar conta do valor de seu trabalho, pois seus bonecos eram verdadeiras obras de arte:

“Eu me lembro que a senhora Biqueta confeccionou Mamãe Dorés, Albertinho da novela Direito de Nascer, fez a negra maluca com o filho e fez um gaúcho com uma prenda. Os bruxos que ela fazia eram de pano cheios de palha carregados numa madeira. A senhora Biqueta era muito inteligente, fazia grandes obras de arte.”

“A tia Biqueta fazia todos os bonecos. Dava muito trabalho, mas sua filha ajudava. Usavam tesoura, agulha, linha, máquina de costura. Era algo muito bonito, todo mundo esperava os bonecos e os bichos, aquelas mulheres caprichavam.”

Na época da bicharada eram utilizados instrumentos de sopro, assim como gaitas, guitarras, pratos, bumbos para trazer alegria e ritmo aos movimentos dos bichos. Dom Ari não gostava da idéia de abandonar as gaitas, o violão, pratos, bumbo, ainda assim, com o passar do tempo, acabou se adaptando a outros instrumentos, como lembra Sr. Sérgio, 63 anos, morador do centro :

“O gaiteiro ficou paralítico e Dom Ari conseguiu um carro móvel para ele, e assim conseguia tocar. Lembro que os músicos que participavam eram o tio Clemente, que tocava qualquer coisa, o Negro Crioulo Velho tocava gaita de oito baixos, também o Jorge Rosa; eles se viravam. O Moacir Gomes tinha saxofones, e quem começou a aparecer na bicharada era o João Carlos, que comprou um pistão e o Moacir ensinou-”

lhe. Eu também comprei, aprendi em 3 meses e ensaiamos na rua com a bicharada. Deu tanto sucesso que fizemos um conjunto chamado "Os Xangrilás", que tinham 3 sopros e uma gaita. Depois, o Geraldo entrou com o clarinete. Tocamos também no Interior."

A música marcou presença na festividade, através dos instrumentos e também pelas canções criadas para os bichos. Sr. Pedro, 56 anos, morador do centro, lembra que os acompanhantes deviam memorizar as letras que cantariam durante o trajeto percorrido, ou seja, entre os bichos havia aqueles que tinham sua própria canção. Os acompanhantes e o bicho contracenavam de acordo com a letra do canto:

"Alguns animais tinham canções próprias que a gente tinha que saber para cantar na rua. Uma se cantava assim :- O boi, boi da cara preta, pega essas crianças que tem medo de careta... - Avestruz, avestruz, sai da rua, ela é nossa e não é tua... Outra do boi:- Levanta-te boi desse frio chão, a viagem é longe, amanhã vamos ao sertão.- Então o boi saía e atropelava todo mundo, o pessoal gostava e se divertia."

A Bicharada de Dom Ari estabelecia uma certa ordem: os bichos colocavam-se na frente do percurso sempre controlados pelo apito, junto aos animais ia o urso que pedia dinheiro, depois a orquestra pequena de gaitas, violões, pratos, bumbos, pistões e, a seu lado, entre a orquestra pequena e os animais, dom Ari Valente, com sua vestimenta e apito; para finalizar, atrás iam alguns mascarados e os acompanhantes e assistentes que seguiam todo o trajeto.

FIGURA 06 BICHARADA DE "Dom Ari"

Bichos

Mestre

Orquestra

Mascarados

Acompanhantes

A morte de algum conhecido também estava presente na bicharada, a qual chegava a ser cancelada nesse dia, para que as pessoas pudessem assistir ao velório, levando à família do defunto suas condolências. Sr Tomas, 48 anos, morador do centro, lembra que a festividade considerava a morte um acontecimento a ser um respeitado, tendo seu valor privilegiado no cotidiano desses piratinenses..

“Tinha anos em que se preparava a Bicharada, mas dom Ari levava muito em consideração quando falecia alguma pessoa que ajudava ele, assim como alguns defuntos conhecidos que faziam suspender a saída da bicharada até esperar passar os ânimos do pessoal e sair outro dia.”

Dom Ari dava conhecimento verbal à brigada militar para garantir seu percurso. Esse apoio da força militar devia-se a alguns pequenos conflitos que a festa apresentara entre os próprios participantes, de querer entrar dentro de um bicho ou mascarar-se. Trata-se daqueles jovens e crianças inconformados com mestre; então, essas situações chegaram a estimular mais de uma bicharada, o que questionou a autoridade de Dom Ari, ao ponto de desafiá-lo. Foi o que aconteceu com um piratinense chamado Ramón, que, tão engenhosamente como seu mestre, realizou junto a outros dissidentes seus próprios bichos e mascarados, efetuando um outro percurso, como comenta Sr. Jóse, 49 anos, morador do centro, que foi uns dos participantes da bicharada de Ramon :

“Eu devia ter 14 ou 15 anos quando dom Ari não deixava entrar nos bichos as crianças de 10 anos. então houve uma desistência da bicharada, discordamos com dom Ari em diversos pontos e formamos outra bicharada, a do Ramón. Se organizou um bloco que se chamou Vai ou Racha. Sua maioria era de crianças já crescidas, entre 15 anos para baixo e seis anos para cima. Seu nome era “Bordaleza”, em homenagem ao boi realizado por Ramón, um dos animais mais limpos. A nossa bicharada era relacionada com o boi, mas nós fizemos três bois, uma girafa, um camelo, um galo e três ursos. Os ursos saíam na frente para recolher o dinheiro, para o outro ano. Dom Ari ficava bravo, então nos propôs que no ano seguinte sair juntos. Então era bonito porque era muitos bichos, uma fileira. O percurso da

bicharada do Ramón era contrário ao da de dom Ari. para não dar briga. A bicharada do Ramón saiu por uns quatro anos. "

Nos últimos anos da sua vida, dom Ari já não se atrevia a sair, a não ser para receber a homenagem com que os piratinenses lhe brindavam por sua tenacidade festeira de levar por tantos anos adiante a bicharada. Ele era, segundo os informantes, uma pessoa humilde de profissão, pintor com dificuldade de fala, que sofreu as seqüelas de uma meningite na sua infância, mas que não encontrou dificuldade de exercer essa arte popular junto a muitos outros que hoje dão continuidade a essa manifestação.

Apesar de a história vivida dessa brincadeira pelos piratinenses, apresentada por esse conjunto de lembranças, colocar Dom Ari como o elemento agregativo dessa manifestação, é preciso que se transcenda o fato de ela, muito mais do que se organizar em torno de um mestre, trazer os significados de um processo de convivência, de confraternização social pública, uma vivências fortemente coletiva que reforça a consciência de grupo de pertencimento à cidade, um ritual que permite ciclicamente viver esta experiência agredadora e reordenadora da memória coletiva.

Nesse sentido, Halbwachs diz que “ (...) a memória coletiva se garante em base às lembranças individuais que permanecem coletivas, e elas não são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”. (Halbwachs, 1990: p.26)

Por outro lado, não é que a "Bicharada" organizada por Dom Ari não possa por meio deste conjunto de lembranças reviver os diversos momentos da festividade; as recordações, mesmo que não consigam reconstituir toda a sua imagem, elas expressam suas relações afetivas a um tempo vivido pelo grupo do qual fizeram parte.

Enquanto a festividade dramatizar a representação de fatos naturais, ou seja, isto de fixar seu interesse em figuras de animais que estimulam das emoções do grupo local, ela se individualiza pelo fato de ser concebida como coisa social, ou seja, o que Da

Matta chama de “ (...) um ato coletivo em que o grupo pode classificar as emoções indefinidas, para assim falar com eles, vê-los, reificá-los e domesticá-los .” (Da Matta,,1981: p.29)

Por essa razão, a necessidade de fazer dessa brincadeira uma elevação do natural a uma coisa social faz da "*Bicharada*" um ritual , podendo ser visto como um momento extraordinário que permite, segundo o autor referido, colocar em foco um aspecto da realidade e , “(...) por meio disso, mudar seu significado cotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado.” (Da Matta, 1981: p.30)

Estes aspectos têm sentido nas recordações passadas apresentadas do evento festivo , pois elas visam a apontar um momento extraordinário , privilegiado para a convivência social nas ruas do centro , e todo o destaque dos diversos aspectos, o como acontecia, fazem de uma simples brincadeira uma das festividades dos piratinense preservadas pela história vivida , pela memória coletiva.

6.3 A Continuidade da Bicharada Hoje

O evento festivo se realiza hoje nas ruas centrais do centro urbano. Ele faz parte dos momentos de convivências e confraternizações sociais notáveis dos piratinenses, pois, na brincadeira das fantasias dos bichos e mascarados, consegue-se envolver pelas horas da noite a maioria das faixas etárias dessa população, na rua, para fazer a "Bicharada", festividade que reúne as diferenças sociais para formar uma unidade de identidade cidadina.

A festividade é um rito vivido pelos piratinenses; não tem um número de dias determinados para acontecer, porém continua-se fazendo sempre antes do carnaval nacional. Possui dois momentos importantes, um deles relacionado a seus preparativos e o outro ao próprio decorrer da trama imposta pelas fantasias dos bichos, mascarados e acompanhantes nesse espaço urbano.

OS PREPARATIVOS

Nos preparativos, estão as diversas preocupações que surgem dos próprios moradores, os quais sabem que no mês de Janeiro a "Bicharada" se aproxima, o que dá lugar às especulações das fantasias, máscaras e brincadeiras que se podem fazer.

Por outro lado, o evento conta com seus responsáveis, os quais começam à noite a trabalhar nos consertos das fantasias dos bichos, num dos locais cedidos pela prefeitura, porém não se dá a conhecer a certeza de quando os bichos ficarão prontos, muito menos, de quando a festa começará sair, pois são estratégias empregadas como "intriga festeira" do evento aos moradores, como modo de ganhar adesão nos esforços para que ela de fato venha a acontecer.

Os responsáveis pela festa fazem todo o possível para que as fantasias dos bichos estejam prontas; trabalham diversos dias, depois de seus horários de emprego, naquele local da prefeitura. Os consertos são realizados a fim de que os animais de pano possam ser usados durante toda a festividade. Observam-se as diversas interações desse

processo da confecção da fantasia do bicho, assim como as dificuldades de reunir os recursos para fazê-los. Tudo isso provoca a curiosidade da população, que freqüentemente se aproxima dos organizadores para ver os preparativos e perguntar sobre a realização do evento. Quando os populares chegam, entram no local, porque os portões ficam abertos, e trocam idéias com os que ali trabalham na confecção das fantasias dos animais. Crianças, jovens, adultos, todos estão permanentemente em volta dos consertos, realizando-se, assim, um fazer coletivo.

Por outro lado, nas crianças que participam da festividade centram-se as características da fabricação das fantasias dos bichos, pois elas são feitas de uma armação composta de um conjunto de arames de diversas espessuras que facilitam o controle de peso do animal fabricado, assim como se consegue sua maior conservação após a utilização.

Além disso, os responsáveis pelo evento não são os únicos que preparam a festividade, posto que, sem os mascarados e acompanhantes, a "Bicharada" não seria a mesma brincadeira noturna que todos os piratinenses esperam ver. Há mistério em relação à participação desses mascarados, o que faz com que a curiosidade seja aguçada, provocando maior interesse de todos naquilo que virá a acontecer e nas pessoas que compõem a festividade. O aumento da concentração popular é tão considerável que a Brigada Militar é avisada para que se faça presente com o único desejo de outorgar alguma segurança e ordem aos dias festivos.

O convite é feito por um conjunto de tambores e caixas tocadas por uma pequena orquestra, que, uma hora depois da novela das 20 h, avisa que dentro de uma hora a "Bicharada" estará pronta para sair. Esse horário não é sempre respeitado porque, às vezes, algum empecilho pode atrapalhar a saída. Tal aviso é dado de três a quatro vezes, com intervalos. As crianças do perímetro urbano são as primeiras a dirigir-se ao local de onde os bichos sairão, com a esperança que os deixem entrar em um deles. Os responsáveis pela festa aguardam atentos a chegada das crianças para realizar uma

primeira seleção daqueles que entrarão nas fantasias dos animais para dar início à festividade.

Em casa, as famílias começam a organizar-se para sair à rua como acompanhantes simplesmente ou como mascarados, decisão que é tomada somente naquele momento, no entusiasmo da ocasião. Nenhum de seus membros, porém, sabe quem será mascarado. Há sempre mistério e cumplicidade em relação a isso. Os moradores movimentam-se a pé ou em seus carros, os quais são estacionados na rua principal por onde a "Bicharada" passará. Muitos deles permanecem nos carros para observar atentos a festividade, assim como há outros que a observam das janelas e portas de suas moradias, essas que dão de frente para a rua festiva.

São piratinenses de diversas condições sociais, assim como de diferentes idades, os que participam do evento festivo. Importa aqui, inclusive destacar que dado as notícias etnográficas anteriores, não só os moradores do centro participam, mas de todos bairros periféricos e mesmo moradores de "Paredão" que eventualmente estejam radicados na cidade.

As crianças são selecionadas de acordo a idade e o tipo de bicho que será usado, não importando sua origem, isto é, se pertence ao bairro da zona, ao centro ou a alguma outra vila. Escolhem-se de preferência duas crianças por bicho, visto que na sua maioria são animais de quatro patas, porém, à medida que a bicharada vai fazendo suas paradas, este número pode ir aumentando chegando, às vezes, a ter 4 a 5 crianças dentro do animal. O bicho elefante é o menor animal e também o mais leve de todos, que em geral é carregado por crianças de 5 a 8 anos de idade, já a girafa é um pouco mais pesada e destinada às meninas de 10 a 12 anos. Os bois são em torno de uns quatro e são distribuídos às crianças já maiores, alguns quase entrando na puberdade, entre 12 e 14 anos, assim como também o único cavalo, que aceita crianças de 10 anos para acima.

As crianças escolhidas são ajudadas pelos responsáveis a entrar no bicho. Uma vez estando dentro da fantasia do animal, aguardam a instruções da saída desses

para o ponto da partida do percurso da festividade. No entanto, muitas outras crianças assistem atentas a todo esse processo de seleção com seus olhares entristecidos, impacientes ou inconformados por haverem ficado, dessa vez, fora do animal em que esperavam entrar.

O PERCURSO

Os bichos recebem a ordem para se movimentar e a orquestra está pronta, aguardando-os; fecha-se o local de depósito dos animais. O ponto de partida é em frente ao Museu Farroupilha, ao lado do posto do Banco Banrisul, talvez o lugar mais elevado do centro urbano. A orquestra começa a tocar para ambientar toda a saída da "Bicharada". Durante o percurso, vão se integrando alguns mascarados e fantasiados que vêm de diversos pontos daquele perímetro urbano, assim como a população de acompanhantes que já se encontra na rua principal para realizar o trajeto.

A "Bicharada" utiliza para seu percurso a mesma rua principal que sempre usou desde o passado, mas que hoje tem seu nome alterado e está bem asfaltada. Os responsáveis dão a seguinte organização à "Bicharada": primeiro estão os mascarados e fantasiados; a seguir, vai a orquestra; e, por último, os bichos. Os acompanhantes localizam-se na frente, lados e fundos de todo ela. Um dos atuais responsáveis ajudou a realizar a "Bicharada" de dom Ari, é irmão de Ramon, que também realizou sua bicharada no passado. É talvez quem possa assumir algumas características de mestre de cerimônia, embora sem um apito e a vestimenta que o distinga. Tem apenas a função de cuidar e de fazer participar as crianças dentro dos animais.

Esse piratinense dá sinal aos mascarados e fantasiados para começar, ao som da orquestra, que entra em ação. A orquestra vai apresentando as músicas que fazem dançar os bichos, mascarados e fantasiados, a uma velocidade que permite a movimentação conforme ritmo de cada uma. Os acompanhantes observam atentos a tudo que se passa. Contagiam-se e dançam junto aos bichos e os mascarados, acompanhando até alguma parada.

Os mascarados, que entram no percurso, usam no geral um macacão que é bem visto nos vários ofícios do cotidiano (mecânica, borracharia, reflorestamento ,etc.), que pode ser de manga curta ou longa.

A máscara tem a forma da cabeça de um bicho, a qual se fabrica com um pano pequeno é pintada com diversas cores. Desenham-se os olhos, a boca e o nariz, deixando as orelhas para serem feitas amarrando as pontas do pano, as quais recheiam-se com qualquer tecido, como lã, para dar sua forma e consistência. Por outro lado, emprega-se uma almofada ou algo parecido dentro do macacão do ator com a finalidade de parecer que o corpo do animal é maior, assim como para disfarçar o seu ocupante e evitar que seja descoberto. A intenção dessa fantasia é cobrir todo o corpo, não deixando sinais a serem identificados, por isso esses sujeitos não esquecem os mínimos detalhes, como colocar luvas, e mudar seu tom de voz quando falam.

Entretanto, outros mascarados e fantasiados se fazem presentes na festa, com a maior variedade, pois cobrem seu rosto com máscaras comuns de diversos tipos, acompanhadas sempre por algum chapéu para ajudar a segurá-la. Suas roupas se misturam, combinado calças com vestidos, sapatos diferentes, roupas grossas de cores mais diversas, também com objetivo de esconder todo o corpo e o rosto.

Toda a roupa busca-se com a maior cautela nos membros da família e conhecidos, para que ninguém saiba quem está participando, assim como é de estratégia vestir-se nos lugares mais inesperados do centro urbano para não deixar as sinais de quem chegou à festa. Algumas máscaras também apresentam o uso de cabelos que são feitos de lã de ovelhas, cintas plásticas de todo tipo, corda, fita cassette, tudo que seja útil para sua realização.

Também acham-se aqueles mascarados que compram suas máscaras prontas em algum bazar e simplesmente as complementam com a busca das roupas que usarão. Todas as máscaras, tanto as compradas como as feitas por eles mesmos, são procuradas com o maior silêncio, mantendo no anonimato quem poderá usá-las nessa festividade.

Ninguém pode chegar a saber como vai se sair na bicharada. É uns dos princípios dos jogos da “Bicharada”, o desvelamento de uma fantasia de qualquer piratinense é uma espécie de morte, que se faz a um mascarado, obrigando-o a mudar todas suas estratégias empregadas e criar um novo personagem.

Por último, encontram-se os fantasiados que de modo geral são homens vestidos de mulheres, que escolhem as mais diversas identidades femininas, isto é, múltiplas maneiras de representá-las, seja como uma madame, prostituta, enfermeira, etc. São fantasias de mulheres muito bem preparadas pelos homens com os detalhes de maquiagem e performance corporais, assim como o caminhar, falar e dançar.

Nas fantasias femininas, esse homens invertem a sua relação de sexo, para serem, por algumas noites, mulheres piratinenses do passado ou comuns a seu cotidiano atual.

Durante o seu percurso, a “Bicharada” tem 7 paradas, as quais, de modo geral, são bem conhecidas pelas crianças e pela população urbana. Chegando a uma parada, não só as crianças mudam de bicho como ingressam outras que não conseguiram entrar em seu início. Às vezes, os responsáveis decidem colocar um número maior de crianças dentro de um animal, como é o caso do cavalo, elefante e algum boi.

Os casais das famílias urbanas que acompanham o percurso levam seus filhos menores para assistir à festividade, crianças de 2, 3 e 4 anos de idade, para tomar contato com os animais de tecidos, os quais os fazem tocar, olhar; é uma forma de conhecê-los. O casal com o(s) filho(s) estabelece um diálogo com os animais, que são receptivos e mansos, isto é, um bicho não será capaz de morder, nem machucar, visto que é um amigo comportado com quem se pode brincar.

As paradas têm uma duração não maior que 15 minutos cada uma delas. Quando se chega a uma parada, a primeira providência que tomam os responsáveis é retirar as crianças dos bichos para fazê-las descansar. Enquanto elas descansam, aproximam-se ao seu redor um grupo de crianças que têm por interesse ingressar no

animal para levá-lo para a seguinte parada. Esse tempo serve para que as crianças conversem, disputem o ingresso e organizem suas duplas de amigos para entrar na fantasia. Os responsáveis e os demais participantes observam atentos tudo o que se passa em volta do animal.

Esse lapso de tempo serve para que os mascarados e fantasiados façam suas encenações, troquem diálogos, para os quais é preponderante mudar o tom da voz para não ser descoberto pelos demais piratinenses que curiosamente desejam saber quem está mascarado. Isto é, reproduz-se um espaço propício para o jogo do anonimato em que os acompanhantes são provocados pelos mascarados que os desafiam para serem desmascarados. Os mascarados por nada permitem ser tocados ou abordados. Nesse sentido todos parecem entender que a descoberta se dá por meio da conversa com esse ator. Uma possível descoberta leva, às vezes, esse mascarado a mudar sua fantasia ou desaparecer da festividade.

Esse tempo de parada também serve para que alguns piratinenses representem alguma peça cômica para a qual se fantasiam e elegeem umas das paradas mais adequadas para interpretá-la. A peça cômica está relacionada com alguns aspectos do cotidiano do próprio centro urbano, tomados como deboche, porém uma ação pública de desvendar alguns dos problemas que afetam os moradores. É o caso de representar algum atendimento hospitalar ao qual outorgaram a peça cômica chamada Paternidade Infantil, nome dado a todos os filhos cujos pais não os assumiram, além de dar a conhecer o conflito administrativo hospitalar em relação ao atendimento.

A peça cômica acontece ao ar livre e o palco é a própria rua. Começa com a chegada de uma unidade móvel, uma ambulância que chega com uma mulher grávida a ponto de ganhar a criança para receber os atendimentos devidos. Os personagens são três: uma doutora, a enfermeira e a mulher grávida, todos papéis femininos representados por homens. Na maca, está a mulher grávida se queixando dos detalhes de um atendimento clínico para fazer sentir que se está numa sala de cirúrgica, isto é, no hospital. Toda essa

sala vai sendo caracterizada para ir aproximando as atenções de todo o universo dos participantes da “Bicharada”.

Uma vez reunido o público e criado o cenário, inicia-se o parto tentando imitar as forma com que se atende no hospital local, usando nomes e situações acontecidas e conhecidas pela população; finalmente a peça conclui com o nascimento da criança, a qual é entregue a sua mãe para registrar. Os atores agradecem os aplausos e se despedem prometendo se apresentar nos dias posteriores. A “Bicharada” respeita o tempo da peça cômica; logo continua o trajeto. Os responsáveis dão a ordem para que a orquestra reassuma sua função e os bichos se movimentem.

Terminadas as paradas, os bichos agradecem a participação e se dirigem ao lugar de depósito onde saíram, quando acaba um dia de festividade, voltam para suas casas. Nos dias posteriores, os mascarados aumentam, assim como as representações fazem o evento ir aumentando, para terminar uma noite antes da data do carnaval nacional.

O relevante desta festividade é a facilidade de congregar e de incluir na brincadeira dos bichos os mais variados segmentos da população local e, nesse sentido, deve-se admitir, como nos fala Da Matta, que nesse jogo de transformação uma sociedade se revela como coletividade diferenciada, como um grupo que se pode reconhecer como único e diferentes dos outros. Por isso, o ritual é um dos elementos mais importantes não só para transmitir e reproduzir, mas também para funcionar como instrumentos de parto e acabamento desses valores, do que é prova a tremenda associação .(Da Matta,1981: p.25-26)

As formas de revelar-se a “Bicharada” de hoje num jogo de dramatização dado pelas fantasias de animais, mascarados, fantasiados e acompanhantes são o vínculo básico dessa transformação de algo natural em social , uma maneira de fazer tomar consciência aos piratinenses.

Por isso, os aspectos da criatividade que vêm à tona quando da fabricação das fantasias dos bichos e dos mascarados, a arte de usar materiais simples, um pano ou tecido, aos quais se podem dar vida e expressão, seja fazendo orelhas, boca e seus olhos, colocam em cena um número expressivo de atores que decide representar na rua a identidade cidadina dessa forma.

Além disso, é um evento que, graças à memória coletiva construída pelas vivências do passado e do presente, perdura no tempo. Ela, por meio da resposta social e coletiva, marcada pela individualidade, outorga condições para a criação de uma identidade comum que fala da realidade através desse campo transcendente que impõe a festa e que, sobretudo, tenciona a memória oficial porque ao mostrar uma forma de ser dos piratinenses se sobrepõe temporalmente à tradição farroupilha.

Como pensa Da Matta, é no ritual coletivo que uma sociedade pode ter efetivamente uma visão alternativa de si mesma. Ou seja, é aí que sai de si própria e ganha um terreno ambíguo. (Da Matta, 1981: p.32)

Por último, a “Bicharada” de hoje, sendo um fazer popular dos piratinenses, incorpora alguns elementos da tradição açoriana, que demonstra seu vínculo a um tempo passado fundador, que é contemplado nesse ritual de cada ano nessa localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, buscou-se problematizar a ordem legítima da memória oficial da cidade histórica de Piratini, que se refere ao episódio da guerra Farroupilha, fazendo da cidade uma localidade heróica, guerreira nas disputas por fronteiras na invasão castelhana e ante a dominação da administração Portuguesa. Essa herança é hoje pela figura heroica do gaúcho fazendeiro, minifundiário, pecuarista ou simplesmente morador do centro urbano. Mas é sobretudo no patrimônio histórico, que acentuei minha análise sobre os símbolos que representam este período épico significativo na história de Rio Grande do Sul.

Em contraste, tomou-se alguns aspectos de seu cotidiano e da memória de sua população local, apresentados por meio de três "notícias" etnográficas, desde a memória coletiva, para desvendar as formas de viver dessa tradição de ser piratinense, a fim de apresentar outras maneiras da construção da sua própria identidade cidadina.

Por isso, nas primeiras páginas da dissertação, incluiu-se de forma breve e sucinta um conjunto de idéias centrais e básicas ao tema desta pesquisa, considerando a "Tradição" e a "Memória", dois eixos reflexivos que permitem pensar os diversos aspectos tratados aqui, e que tentei de algum modo contemplar no decorrer deste relatório antropológico.

A pesquisa basicamente mostrou que os piratinenses exercem de múltiplas formas estratégicas a recomposição de suas vivências coletivas, as quais enfatizam sua tradição no tempo e espaço. Tais vivências podem ser observadas também a partir de seu processo de formação histórica, do qual tentamos trazer alguns aspectos para dar relevância às características da fundação da cidade, com interesse de diagnóstico para problematizar a tradição açoriana no contexto regional e local.

O motivo da escolha dessa tradição cultural, fundadora dos municípios pioneiros, residiu no fato de ser propícia para tratar alguns aspectos cotidianos vividos na experiência da formação social da tradição brasileira, constituída também por esses acontecimentos peculiares desta região do Rio Grande do Sul.

Por outro lado, essas reflexões tornaram-se importantes em nossa segunda tentativa de tencionar o espaço, ou seja, usar a moradia dos piratinenses como dado etnográfico no exame de dois contextos sociais diferentes, pois a "casa" nos oferecia a possibilidade de abordar aspectos de contraste das formas de viver dos moradores, evidenciado pelo privilegiado centro das casas grandes e antigas, reforçadas na memória oficial, a qual tentamos apresentar por meio do centro urbano, com seu patrimônio histórico e as comemorações em que ela exerce seu domínio. Porém, em nossa análise privilegiaram-se dois tipos de casas dentro das organizações sociais dos piratinenses: um construído em um bairro e o outro no meio rural. Através desses tipos de casas apresentamos aspectos característicos de ambos os contextos sociais enquanto relações de contraste e as suas conexões com o centro.

Dessas relações em oposição resultam o que Da Matta denomina um sistema de contraste, isto é, " (...) cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir enquanto um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que ordenem também em opções diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidades, sensibilidades e forma de organização. (Da Matta, 1991: p.41)

De outra parte, o tipo de distribuição espacial da casa de ambos os lugares (a "Zona do Cemitério" e "Paredão") pesquisados pode ser associado a aspectos referentes a um tipo de distribuição espacial de casa de origem açoriana, pois ambos grupos de famílias os incorporam nas suas moradias. Isto se comprova pela absorção de traços relevantes da casa em fita açoriana, modelo de construção de moradia que se incorporou nos tempos da colonização regional e que na localidade de "Paredão" se

apresenta na sua moradia rústica, ou seja, em barro, madeira e teto de palha, por isso a importância de destacar os aspectos da construção e os ambientes da casa

Uma outra constatação foi em relação às formas de viver desses piratinenses de ambos os lugares pesquisados, que, independentemente de seu local de origem, mobilizam-se, transitam e migram tanto para o meio urbano como para o rural, concentrando uma considerável população atrelada as tarefas agrícolas, cujos deslocamentos não implicam necessariamente extensas transformações de seu equipamento cultural e aspectos da sua organização social, característicos da vida campesina, mesmo que às vezes sejam precárias as condições da obtenção de seus empregos.

Tais detalhes foram descritos com a finalidade de responder aos estigmas representativos dos moradores do centro, em relação a esses piratinenses: de um lado, "marginais" e "delinqüentes" e, de outro, "promíscuos" e "atrasados", pelo fato de não corresponderem ao padrão civilizatório do município, seja no perfil fazendeiro, no criador minifundiário ou morador urbano reproduzidos por essa memória oficial farroupilha.

Neste sentido, como diz De Certau, as estratégias que usam os sujeitos no cotidiano "(...) são maneiras de elaborar a invenção do dia-a-dia, onde o próprio é uma vitória do lugar sobre o tempo." (De Certau, 1994: p.99-100). E que, no caso dos piratinenses pesquisado, são empregadas tanto para garantir sua sobrevivência e existência de grupo pela definição de um "lugar próprio", quanto a preservação de seus valores e práticas da vida campesina nas interações urbano - rural.

Por último, na festividade da "Bicharada", encontramos uma outra forma de apresentar a identidade cidadina, também incorporando aspectos dessa tradição fundadora açoriana, ou seja, do teatro popular açoriano e a dança do entrudo, que se apresentam como um ritual de um momento extraordinário do cotidiano desses moradores. Por outro lado, a rua do centro urbano se presta para fazer uma análise de

uma manifestação popular piratinense que retrata o rompimento das suas diferenças sociais, ou seja, um momento de plena convivência e participação.

Todo esse conjunto de aspectos tratados visam a desconstruir essa ordem legítima e mostrar como existem outros domínios do cotidiano e da memória piratinense que se apresentam nas formas de viver de seus moradores .

Resta argumentar que todos esses elementos que tentamos descrever dessa tradição da cidade Piratini só podem vir a fortalecer a sua identidade, na medida em que elas são tão legítimas , ou seja, piratinenses , quanto o é a proposta pela memória oficial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Tristão Araripe de. **Guerra Civil no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Edição Corag, 1986.
- ALMEIDA, David. **História do Município de Piratini**. São Lourenço do Sul, Editorial Edda, 1969.
- _____. Reportagem histórica da cidade feita em XII Partes. *O Piratini*. Piratini, maio 1995 a julho 1996.
- _____. Cartilha de Piratini: projeto Pró-Memória. *Resumo histórico*: resgate e preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural do município. Piratini, 1989. 10p.
- BACCHIERI, VICTOR. Rio Grande jamais esquecer o decênio épico. In **O PIRATINI (1835-1977)** Porto Alegre, Assembleia Legislativa, 1977. p.18-23
- BARROS, Míriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.1, n.2, Vértice, 1989.
- BARROSO, Véra Maciel. **PRESENÇA AÇORIANA** : Em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul. Santo Antônio da Patrulha. Edições EST, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre Literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1993. p. 197-221. —
- BOAS, Franz. Su província fue el mundo. In: _____. **La mente del hombre primitivo**. Buenos Aires, Solar, 1964.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo, Quieiroz, EDUSP, 1987.
- _____. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. 108p.
- _____. **Rua de mão única**. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 277.
- _____. **Magia e técnica**. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 253.

- ✧ BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. **O Poder Simbólico**, Rio Janeiro, Bertrand 1989.
- ✧ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Etnia e Identidade**: construção da pessoa e resistência cultural. IFCH. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- _____. **Ouro Preto**: Arte, antigüidade e artesanato. Campinas, IFCH, UNICAMP, 1990.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio Janeiro, Livraria José Olympio editora, 1964.
- CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. Fenômenos gerais da vida intra social. (1934) In: _____. **Mauss**. São Paulo, Ática, 1974.
- _____. Identidad etnica, Identificación y manipulación. In. **America Indigena**, Mexico, Vol XXXI, n4, 923-953p, 1971.
- CARDOSO, Ruth. (Org.). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Editorial Paz e Terra. 2ed. 1988.
- CASTRO, Angela Gomes. A dialética da tradição. **Revista Brasileira Ciências Sociais**. ANPOCS. n.12, v.15. São Paulo, fev. 1990.
- CARVALHO, Edgar de Assis. **As Imagens da Tradição**. In: D'INCAO etel. (Org.). Ensaio sobre Antônio Cândido. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. p. 101-108.
- CARVALHO, Maria Silvia. **Prosa com os parceiros do Rio Bonito**. In: D'INCAO etel. (Org.). Ensaio sobre Antônio Cândido. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. p.81-85.
- CESAR, Guilhermino. **O contrabando no sul do Brasil**. Porto Alegre, Grafosul, 1978.
- _____. Identidade etnia e estrutura social. São Paulo, Livraria Pioneira, 1976.
- COSTA, Lúcio. **Sôbre Arquitetura**. Porto Alegre, Imprensa Universitaria, 1962.
- DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 4. ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.
- _____. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

- ↓ DACANAL, José Hidelbrando, GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: Economia X Política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.
- DE SÁ, Francisco Brito. **Memória da guerra dos farrapos**. Rio de Janeiro, Souza, 1950.
- DEBERT, Guita. Problemas relativos... utilização da história devida e história oral. In: Cardoso, Ruth (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 141-156.
- DE CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- D' INCAO, Maria Conceição . O Boia- fria: Acumulação e miséria. Petrópolis, Vozes, 1978.
- DICIONARIO, Aurelio, Porto Alegre, Nova Fronteira, 1977.
- DISCURSO, Prefeito de Piratini. Comemoração "20 de setembro" , ano 1987.
- DURHAN, Eunice R. **A caminho da Cidade**. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- DURAND, Gilbert. La figure traditionnelle del homme. In: **Science de l' homme et tradition. le nouvel esprit anthropologique**. Paris, Berg internacional, 1979. Cap 1. p 15-58.
- ENCICLOPEDIA, Cultura Rio-grandense . Tomo I , Ano 1959. 1-278p.
- ↓ ECKERT, Cornelia. Memória e Identidade. **Cadernos de antropologia**, n.11, Porto Alegre, 9-84p. 1993.
- _____. Memória e identidade: ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão. **Cadernos de Antropologia**, nº11, Porto Alegre, 1993.
- _____. **O método etnográfico entre tensões paradigmáticas**: questões em torno do método etnográfico e da narrativa biográfica. Trabalho apresentado no 18º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú, MG, 23 a 27 novembro 1994.
- _____. A Saudade em Festa e a Ética da lembrança. In **Revista: Estudos Femenistas**. Rio Janeiro , IFCS /UFRJ Vol.5.n1/1997.
- FONSECA, Claudia (Org.). Cotidiano e gênero. **Cadernos de Antropologia**, Porto Alegre, n.3, 1991. 62p.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre, Nova dimensão, 1990.

- _____. Influências açorianas no Rio Grande do Sul. In: **Revista da academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n.11,1991.62-69p.
- _____. “*Sistema colonial nos séculos XVI e XVII*”. In: Revista Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.
- FREIRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 3. ed Rio de janeiro, Livraria José Olympio,1961.
- _____. **Casa Grande & Senzala**. 9. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1958.
- _____. **Interpretación del Brasil**. Mexico, ed. Fondo de Cultura econômica,1945. (Colección Tierra Firme).
- FURLAN, Oswaldo A. Influência Açoriana no Léxico de Santa Catarina (Brasil): Nomes comuns, Antropônimos e Topônimos. In: **Anais do Museu de Antropologia**. Universidade Federal de Santa Catarina. 1987/1988.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Forense/universitária, 1986.
- _____. **Nietzche, La Geneologia, la Historia, Pre-textos**. 2. ed. Valência, Torsan, 1992.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GOFFMAN, Erving. O Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GOMES, Angela de Castro. A dialética da tradição. **Revista Brasileira das ciências Sociais**. n.12, v.5. São Paulo, ANPOCS, 1990.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos: identidade Nacional**, v.1. Rio de Janeiro, Vértice, 1988.
- GOULART, Nestor Reis Filho. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 4. ed. São Paulo, Perspectiva, 1978. 211 p.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** .São Paulo, Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: _____. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.

- HIRANO, Sedi. Tradição e mudança social no Brasil .In :(Org.) D' Incao e Scarabòtolo **Ensaio sobre Antônio Candido**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. p.86-100.
- HOBSBAWN, Eric e TERENCE, Ranger . **A Invenções das Tradições**. Rio Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, SérgioBuarque. **Raízes do Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- LANDGRAF, Helga Iracema Piccolo. O discurso político na revolução farroupilha. **Revista de história**. Porto Alegre, v.1. 39-53p, 1986/87.
- LEWGOY, Bernardo. **A invenção de um patrimônio**. Porto Alegre, UFRGS, 1992. 329p. Tese (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal Rio Grande do Sul - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. São Paulo, Unicamp, 1990.
- LEVI STRAUSS, Claude. L' Identité. **Actes du séminaire**, Paris, Edition grasset e Fasquelle, 1977.p.330-332
- LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Revista estudos históricos**. 3. ed. São Paulo, Vértice, 1989. p 16 -28.
- MARRE, Jacques Leon. História de vida e método biográfico. **Caderno de Sociologia**. Porto Alegre, v.3, n.3, p89-141.jan-jul. 1991.
- MAUSS, Marcel e FAUCONNET, Paul. Transmissão da coesão social, Tradição, Educação. In: Ensaio de Sociologia. Editora Perspectiva, 1974. p 112 - 128.
- MELO, Itamar e Nascimento Solano. A Povoação Açoriana. Reportagem especial. **Zero Hora**. Porto Alegre, sep. 1996.
- MORO , Hélio Mariante. Aspectos Militares da capitania e província do Rio Grande do Sul. **Revista do Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1992.
- NETO, Felizardo Julia (Org.). **Evolução Administrativa do Estado Rio Grande do Sul**. IGRA. Divisão de Geografia e Cartografia. 1982.
- _____. Origens do Rio do Grande. Histórias e personagens das mais antigas cidades gaúchas. **Zero Hora**. Porto Alegre, 4 dez. 1996. 143p.
- OLIVEN, Ruben George. **A parte e o Todo**. Rio de Janeiro, Vozes, 1992.

- OLIVEIRA MARTINS ,Francisco . **As Festas populares dos Açores** . Açores, ed. Casa de Moeda , 1985.
- PIÑA, Carlos. Sobre la naturaleza del discurso Biografico. Cuaderno del Claeh: **revista universitária**, v.15, 39-61p. 1990/1.
- REIS, Eustáquio J. e REIS, Elisa P. As Elites Agrárias e a Abolição da Escravidão no Brasil. **Revista de Ciências Sociais "Dados"** ,vol.31,n.3, 309-342p . 1988
- RIAL, Carmen. Da casa açoriana à casa decorada. **Cadernos de Antropologia: cotidiano e gênero**. n.3. Porto Alegre, 1991. p33-47.
- _____. Da casa de antigamente à casa decorada. **Revista de divulgação científica da sociedade Brasileira para o progresso da ciência**, v.14. n.182. p 19- 24. São Paulo, jul. 1992.
- RIOPARDENSE , Francisco de Macedo. **O solar do Almirante**.Porto Alegre, Editora da UFRGS e IEL, 1980.
- _____. Arquitetura luso -Brasileira.In. **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1983.
- _____. **Arquitetura no Brasil e Araújo**. Porto Alegre, Ed. Universidade, 1984.
- _____. **Rio Pardo**. Arquitetura fala da história. Porto Alegre, Sulina, 1972.
- RUBEN, Guillermo Raul .Teoria da Identidade: uma critica. São Paulo, Brasilense, 1986.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. O índio no Rio Grande do Sul: índio e a colonização no RS. Porto Alegre, Corag, 1975. p. 9-15.
- VILLAS, Glauca. Boas. O tempo da casa Grande. **Revista de Ciências Sociais**. v.31 n., Vértice,1988.
- WEIMER, Gunter. **A Arquitetura: síntese rio-grandense**. Porto Alegre, Ed. Universidade, 1992.
- WIEDERSPAHN, Luiz. **A colonização Açoriana no Rio Grande do Sul**.Porto Alegre,Universitaria ,1977.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Roteiro Turístico de Piratini, Prefeitura Municipal de Piratini, 1988.

REVISTA RG CULTURA. numero especial : Nssas raizes Açorianas. Porto Alegre, v.10. n. 20., set./out. 1996. 34p.

PIARTINI. Plano de Curso das escolas Municipais. 3 e 4 serie, 1991.

FOLHETO , Prefeitura Piratini. Memoria do Passado, investimentos da rota do Mercosul, ano 1996.